



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO

CENTRO DE ARTES E COMUNICAÇÃO

DEPARTAMENTO DE ARQUITETURA E URBANISMO

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO URBANO

GISELLE CERISE GERSON

PERCEPÇÃO, VIVÊNCIA E CONCEPÇÃO

UM ESTUDO SOBRE OS ESPAÇOS LIVRES COLETIVOS DE LAZER EM

ÁREAS DE BAIXA RENDA DO RECIFE-PE.

Recife

2012

GISELLE CERISE GERSON

PERCEPÇÃO, VIVÊNCIA E CONCEPÇÃO

**UM ESTUDO SOBRE OS ESPAÇOS LIVRES COLETIVOS DE LAZER EM
ÁREAS DE BAIXA RENDA DO RECIFE -PE.**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito para obtenção de Grau de Mestre em Desenvolvimento Urbano,

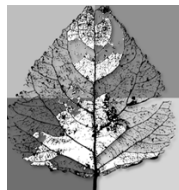
Orientadora: Profa. Dra. Maria de Jesus Britto Leite.

Recife

2012

Catálogo na fonte
Andréa Marinho, CRB4-1667

G382p	Gerson, Giselle Cerise. Percepção, vivência e concepção: um estudo sobre os espaços livres coletivos de lazer em áreas de baixa renda do Recife- PE / Giselle Cerise Gerson. – Recife: O Autor, 2012. 177 p. : il. Orientador: Maria de Jesus Britto Leite. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco, CAC. Desenvolvimento Urbano, 2012. Inclui bibliografia. 1. Planejamento urbano. 2. Áreas recreativas. 3. Espaços públicos. I. Leite, Maria de Jesus Britto (Orientador). II. Título. 711.4 CDD (22.ed.) UFPE (CAC 2012-95)
-------	---



.....
Programa de Pós-graduação em Desenvolvimento Urbano
Universidade Federal de Pernambuco

Ata de Defesa de dissertação em Desenvolvimento Urbano da mestranda Giselle Cerise Gerson.

Às 14.00 horas do dia 10 de setembro de 2012 reuniu-se na Sala de Aula do Programa, a Comissão Examinadora de dissertação, composta pelos seguintes professores: Maria de Jesus de Britto Leite (orientadora), Livia Izabel Bezerra de Miranda (examinadora externa), e Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira Melo (examinadora interna), para julgar, em exame final, o trabalho intitulado: “PERCEPÇÃO, VIVÊNCIA E CONCEPÇÃO - Um estudo sobre os espaços livres coletivos de lazer em áreas de baixa renda do Recife-PE”, requisito final para a obtenção do Grau de Mestre em Desenvolvimento Urbano. Abrindo a sessão, o Presidente da Comissão, Profa. Maria de Jesus de Britto Leite, após dar conhecer aos presentes o teor das Normas Regulamentares do Trabalho Final, passou a palavra à candidata, para apresentação de seu trabalho. Seguiu-se a arguição pelos examinadores, com a respectiva defesa da candidata. Logo após, a comissão se reuniu, sem a presença da candidata e do público, para julgamento e expedição do resultado final. Pelas indicações, a candidata foi considerada APROVADA. O resultado final foi comunicado publicamente a candidata pelo Presidente da Comissão. Nada mais havendo a tratar eu Rebeca Júlia Melo Tavares, lavrei a presente ata, que será assinada por mim, pelos membros participantes da Comissão Examinadora e pela candidata. Recife, 10 de setembro de 2012.

- Indicação da Banca para publicação ()

Maria de Jesus de Britto Leite
Orientadora

Lívia Izabel Bezerra de Miranda
Examinadora Externa/UFCG/CAU/UAEC

Vera Lúcia Mayrinck de Oliveira Melo
Examinadora Interna/PPG/MDU

Rebeca Júlia Melo Tavares
Secretaria do PPG/ MDU

Giselle Cerise Gerson
Candidata

Aos meus pais e ao meu irmão,
por compreenderem minha ausência física
e por serem minha fonte principal de energia.

AGRADECIMENTOS

À Professora orientadora Maria de Jesus, por me ajudar a observar a arquitetura através de um novo olhar, pelo seu apoio e respeito as minhas idéias de pesquisa.

Às professoras Circe Monteiro e Livia Miranda pelas contribuições durante a banca de defesa do projeto de pesquisa, tão importantes para o desdobramento desta dissertação.

Aos professores Luis de La Mora, Ana Claudia Cavalcanti e Flávio Souza pelo estímulo na atividade docente, através da confiança depositada ao longo dos estágios docência nas disciplinas da graduação em arquitetura e urbanismo da UFPE.

Ao Professor Luís Renato Pequeno, que ao longo da graduação em arquitetura e urbanismo – UFC, passou seu amor à temática da habitação social às minhas primeiras reflexões sobre a conquista de um espaço urbano mais democrático.

Ao professor do Departamento de Ciências Políticas da UFPE, Enivaldo Rocha, pela atenção e disponibilidade em tirar dúvidas sobre Estatística quanto às amostragens necessárias na pesquisa de campo.

As técnicas da URB-Recife, reponsáveis pelo fornecimento de dados das ZEIS do Recife, a arquiteta Edilene e as assistentes sociais Susi (RPA-6) e Vera (RPA-5).

Aos moradores das áreas de pesquisa de uma forma geral e aos líderes comunitários da Bomba do Hemetério, de Aritana e Mustardinha, pela enorme disponibilidade em ajudar e pelo envolvimento com os propósitos da pesquisa, que me estimularam durante o trajeto.

À Dirceu Cadena, pelo apoio, dedicação e companheirismo, por dividir comigo as inquietudes e reflexões durante a pesquisa.

Aos colegas do MDU, Demetrius Ferreira e Cynthia Lucienne, por compartilharem suas causas e esperanças na busca de respostas e soluções para a construção de um melhor cenário urbano.

Por fim, agradeço a CAPES pelo apoio financeiro durante a execução do trabalho.

RESUMO

O presente trabalho tem como objeto de estudo os espaços livres coletivos em áreas de baixa renda, compreendidos como lugares dinamizadores e intermediadores das relações socioculturais estabelecidas nestas áreas. Porém, esses não são valorizados e reconhecidos pelos gestores e planejadores urbanos, devido a estigmatização das ruas como lugares inseguros, inóspitos. A pesquisa objetivou conhecer e analisar as preferências ambientais dos usuários dos espaços livres coletivos de lazer das áreas de baixa renda, para isto buscou-se identificar e analisar: os tipos de espaços livres coletivos mais utilizados para recreação dos moradores; as atividades de lazer cotidianas mais realizadas e a relação dos componentes ambientais físicos e sociais que caracterizam os espaços. Utilizaram-se como estudos de caso três áreas do município do Recife: ZEIS Aritana, ZEIS Mustardinha e o bairro Bomba do Hemetério. Fundamentando-se em uma visão multidisciplinar de espaço livre coletivo e lazer cotidiano, buscada em teorias na arquitetura, na geografia, na filosofia que abordam o lugar como ambiente peculiar da vivência humana e apoiada em uma conjunção de métodos analíticos (observação incorporada; o *walkthrough*; entrevista semiestruturada e análise morfológica), que têm como princípios a compreensão do mundo da vida cotidiana e a abordagem experiencial enquanto sujeito que interage com o meio. Como resultados principais, temos: os *espaços de lazer de vizinhança* situados no entorno das moradias, sombreados, dotados de arborização e mobiliários para sentar-se e reunir-se com vizinhos etc e os *espaços de lazer do entorno*, referentes aos espaços esportivos para jovens e espaços de recreação para crianças. Nesta busca pela compreensão dos critérios de seleção dos ambientes urbanos, em detrimento de outros, acredita-se apoiar as pesquisas projetuais dos planejadores e dos desenhistas urbanos.

Palavras-chave: espaço livre coletivo; espaço de lazer cotidiano; áreas de baixa renda; preferência ambiental.

ABSTRACT

This work has as object of study the open collective spaces in low-income areas, understood as places facilitators and intermediaries sociocultural relations established in these areas. However, it is not valued and recognized by urban managers and urban planners, because there is stigmatization of streets as unsafe places. The research purpose to know and analyze environmental preferences of the users of collective leisure spaces in low-income areas. There were searched the identification and analysis: the types of opens collective spaces used for recreation; the activities most realized and the nexus of physical and social environmental components. Three areas of the Recife were used as case studies: ZEIS Aritana, ZEIS Mustardinha and Bomba do Hemetério. Basing on a multidisciplinary vision of open collective spaces and quotidian leisure, supported to theories on architecture, geography, philosophy that discuss the place as singular environment of human experience and supported by a combination of analytical methods (embodied observation, semistructured interview; walkthrough and morphological analysis), whose understanding of the everyday world and experiential approach as a subject that interacts with the environment. As main results are: leisure neighborhood spaces located around of the houses, shaded places, wooded and equipped with urban furniture to sit and meet with neighbors etc and leisure spaces surrounding, referring to spaces sports for young and recreation spaces for kids. This search for understanding of the standards for selection of urban environments, it is believed to contribute to improvement urban projects.

Key words: open collectives spaces; quotidian leisure spaces; poor areas; ambiental preferences.

ÍNDICE DE ILUSTRAÇÕES

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Utilização de métodos de análise.....	24
Figura 2: Esquema da pesquisa	26
Figura 3: Esquema de síntese conceitual sobre a origem das atividades.....	46
Figura 4: Aspectos de um meio ambiente percebido.	47
Figura 5: Recurso visual nas entrevistas sobre as atividades de lazer cotidianas.....	55
Figura 6: Foto aérea da Rua do Rio.....	62
Figura 7: Jogo de bola na Rua do Rio	62
Figura 8: Feira na calçada da Rua Bomba do Hemetério	63
Figura 9: Feira ocupando esquina da Rua Bomba do Hemetério.....	63
Figura 10: Ocupação das calçadas por comércios.	64
Figura 11: Ocupações das calçadas em frente aos bares.	64
Figura 12: Instalação de parque de diversões no Largo Castro Alves.	64
Figura 13: Pequenos pontos de comércio informal no Largo Castro Alves.	64
Figura 14: Escadaria do Alto José do Pinho.....	65
Figura 15: Piso irregular e falta de proteção em escadaria.....	65
Figura 16: Início da escadaria coberta pelos moradores	66
Figura 17: Parada 01: Comitê Bombando Cidadania	68
Figura 18: Parada 03: Casa de morador antigo	68
Figura 19: Parada 02: Praça Castro Alves.....	69
Figura 20: Parada 04: Largo em rua do entorno	69
Figura 21: Parada 07: Pracinha gradeada e coberta.....	69
Figura 22: Parada 05: Acesso à Vila 07 de Agosto	70
Figura 23: Parada 06: Rua Mocuri	70
Figura 24: Pequeno giradouro ocupado por bar	72
Figura 25: Jogo de sinuca no giradouro	72
Figura 26: Parada 03: Casa de artesão e morador antigo.....	72
Figura 27: Crianças jogando bola na Rua do Rio	77
Figura 28: Jogo de bola na Vila 07 de Agosto.....	77
Figura 29: Rua Quixabas sem pavimentação	77
Figura 30: Instalações provisórias para eventos no Largo Castro Alves.....	79
Figura 31: Organização de torneio de dominó da Rua do Rio	82
Figura 32: Participantes do jogo aguardando na calçada.	82
Figura 33: Espectadores do torneio na calçada.....	82
Figura 34: Moradores do entorno observando torneio.....	82
Figura 35: Mesa de jogo em local sombreado.	82
Figura 36: Jogo de dominó em calçada sombreada	83
Figura 37: Jogadores de dominó.....	83
Figura 38: Grupo de meninos se divertem empinando pipa.	83
Figura 39: Largo antes da apresentação de maracatu.....	87
Figura 40: Apresentação de maracatu no Largo.	87
Figura 41: Largo da Rua Dr. Eudes da Costa em apresentação de maracatus.....	87
Figura 42: Crianças no grupo de Maracatu.	87
Figura 43: Ocupação da Rua Bomba do Hemetério durante apresentação	87
Figura 44: Pessoas observando movimento da rua.....	89

Figura 45: Conversa na calçada da Rua do Rio.	89
Figura 46: Crianças brincam na Rua do Rio.	91
Figura 47: Jovens em situação de risco social.	91
Figura 48: Verticalização no entorno da ZEIS Aritana.	94
Figura 49: Uso lindeiro ao canal, extensão da área de serviço.	95
Figura 50: Crianças brincando ao lado do canal.	95
Figura 51: Conversa na calçada sombreada.	95
Figura 52: Parada 01: entorno do conjunto habitacional Aritana.	96
Figura 53: Parada 04: comunidades do entorno.	98
Figura 54: Parada 03: Área ociosa lindeira ao canal.	98
Figura 55: Parada 02: Canal que atravessa a ZEIS Aritana.	99
Figura 56: Proposta de moradores para fechamento do canal.	99
Figura 57: Parada 05: Calçada da Rua Manoel de Abreu.	100
Figura 58: Parada 06: Pracinha em frente ao Motel <i>Sunshine</i>	100
Figura 59: Parada 06: Rua Manoel Bezerra.	102
Figura 60: Calçada de condomínio residencial próximo.	102
Figura 61: Sombreamento nas margens do canal.	105
Figura 62: Jovens conversando embaixo de árvore.	105
Figura 63: Becos como local de convivência.	106
Figura 64: Calçadas lindas ao canal.	106
Figura 65: Moradores reunidos entorno do conjunto habitacional.	109
Figura 66: Crianças brincam no hall do prédio do Conjunto habitacional.	112
Figura 67: Comércio nas calçadas na principal via da ZEIS Mustardinha.	115
Figura 68: Feirantes na calçada.	116
Figura 69: Conflito entre pedestres e comerciantes.	116
Figura 70: Crianças brincando na Rua Carlópolis.	116
Figura 71: Pracinha Irmã Douraci.	117
Figura 72: Praça do ABC em reforma.	117
Figura 73: Parada 01: Associação de moradores da Mustardinha.	117
Figura 74: Fachada da antiga Casa Grande do Engenho Mocotó / Sede do CSU.	119
Figura 75: Área arborizada no CSU.	119
Figura 76: Quadra do CSU.	119
Figura 77: Pracinha Irmã Douraci.	120
Figura 78: Jardineiras cuidadas pelo Sr. Quincas.	120
Figura 79: Morador que cuida da pracinha.	120
Figura 80: Uso do <i>Playground</i> na pracinha.	120
Figura 81: Parada de ônibus preservada.	121
Figura 82: Clube C.M.Lenhadors.	121
Figura 83: Praça do ABC antes da reforma.	122
Figura 84: Jogo de Futebol na Praça do ABC.	122
Figura 85: Quiosque na Praça do ABC.	122
Figura 86: <i>Playground</i> da Praça do ABC.	122
Figura 87: Grupo de dominó em frente a Praça.	122
Figura 88: Pessoas jogando baralho em calçada próxima a Praça do ABC.	122
Figura 89: Foto aérea do Canal do ABC.	123
Figura 90: Canal poluído e mal protegido.	123
Figura 91: Uso de calçada como extensão de barzinho, na via principal.	124

Figura 92: Feira livre no cruzamento de vias.....	126
Figura 93: Ocupação das calçadas por feirantes.	126
Figura 94: Igreja Católica do bairro.....	126
Figura 95: Pracinha Edvaldo Francisco da Costa.	126
Figura 96: Pessoas conversando na calçada.	129
Figura 97: Pracinha Edvaldo Francisco da Costa.	129
Figura 98: Conversando na calçada de ponto comercial.	129
Figura 99: Grupo de vizinhos jogando dominó na calçada sombreada.....	131
Figura 100: Jogo de cartas na calçada próxima a Praça do ABC.	131
Figura 101: Crianças dançando na rua - ZEIS Mustardinha.....	132
Figura 102: Meninos empinando pipa na rua.	134
Figura 103: Crianças em bicicletas na rua.	134
Figura 104: Crianças buscando pipa no telhado da casa de vizinhos.	134
Figura 105: Esquema preferências ambientais Mustardinha e Bomba do Hemetério	155
Figura 106: Esquema das preferências ambientais em Aritana.....	155

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Distribuição média dos entrevistados por faixa etária	57
Tabela 2: Entrevistas semiestruturadas realizadas (n. de pessoas)	58
Tabela 3: Entrevistas semiestruturadas realizadas (%)	58
Tabela 4: Principais atividades de lazer - bairro da Bomba do Hemetério	75
Tabela 5: Principais atividades de lazer - ZEIS Aritana.....	104
Tabela 6: Principais atividades de lazer - ZEIS Mustardinha.	128
Tabela 7: Atividades mais realizadas pelos entrevistados nas três áreas.	156

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Outras atividades realizadas – Bomba do Hemetério.....	92
Quadro 2: Outras atividades realizadas – ZEIS Aritana.....	112
Quadro 3: Outras atividades realizadas – ZEIS Mustardinha.	135
Quadro 4: Componentes ambientais da Rua do Rio.	140
Quadro 5: Componentes ambientais do Largo Euclides da Costa.	143
Quadro 6: Componentes ambientais do Entorno do Conjunto Habitacional Aritana.	147
Quadro 7: Componentes ambientais da Pça. Irmã Dorothy.	148
Quadro 8: Componentes ambientais da Rua Carlópolis e suas proximidades.	153
Quadro 9: Atividades de lazer realizadas x preferências ambientais dos usuários.	162
Quadro 10: Lugares mais utilizados para prática de atividades recreacionais.	163

LISTA DE MAPAS

Mapa 1: Localização das áreas de pesquisa no Município do Recife – Pernambuco.....	22
Mapa 2: Localização do bairro Bomba do Hemetério na cidade do Recife.	60
Mapa 3: Ocupação do solo na Rua Bomba do Hemetério	63
Mapa 4: Análise <i>Walkthrough</i> 01 – bairro Bomba do Hemetério.....	67
Mapa 5: Análise <i>Walkthrough</i> 02 - Bairro Bomba do Hemetério	71
Mapa 6: Mapa Comportamental de análise do jogo de dominó	81
Mapa 7: Mapa Comportamental em evento local na Rua Dr. Euclides da Costa.	88

Mapa 8: Localização da ZEIS Aritana na cidade do Recife	93
Mapa 9: Análise <i>Walkthrough</i> 01 da ZEIS Aritana	97
Mapa 10: Análise <i>Walkthrough</i> 02 da ZEIS Aritana.	101
Mapa 11: Localização da ZEIS Mustardinha na cidade do Recife.	114
Mapa 12: Análise <i>Walkthrough</i> 01 – ZEIS Mustardinha.	118
Mapa 13: Análise do <i>Walkthrough</i> 02 da ZEIS Mustardinha	125
Mapa 14: Configuração Física da Rua do Rio - Bomba do Hemetério.	141
Mapa 15: Atividades de lazer da Rua do Rio (Trecho 01).	141
Mapa 16: Atividades de lazer da Rua do Rio (Trecho 02).	142
Mapa 17: Configuração física da Rua Dr. Euclides da Costa.	144
Mapa 18: Atividades de lazer da Rua Dr. Euclides da Costa.	144
Mapa 19: Configuração física entorno do Conjunto Habitacional Aritana.	146
Mapa 20: Atividades de lazer entorno do Conjunto Habitacional Aritana.	147
Mapa 21: Configuração Física - entorno da Pracinha Irmã Dorothy.	149
Mapa 22: Atividades de lazer entorno do Pracinha Irmã Dorothy.	149
Mapa 23: Configuração Física Rua Carlópolis.	151
Mapa 24: Atividades de lazer da Rua Carlópolis.	151
Mapa 25: Configuração Física das Ruas Manoel Azevedo e Mustardinha.	152
Mapa 26: Atividades de lazer - Ruas Manoel Azevedo e Mustardinha.	152

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Distribuição populacional por faixas etárias.	56
Gráfico 2: Locais para jogar futebol - Bomba do Hemetério.	77
Gráfico 3: Locais para dançar - Bomba do hemetério.	78
Gráfico 4: Locais para assistir/participar de grupos musicais - Bomba do Hemetério.	79
Gráfico 5: Locais para jogar dominó - Bomba do Hemetério.	81
Gráfico 6: Locais para comer ou beber - Bomba do Hemetério.	84
Gráfico 7: Locais para andar de bicicleta - Bomba do Hemetério.	85
Gráfico 8: Locais para assistir/participar grupos artísticos - Bomba do Hemetério.	85
Gráfico 9: Locais para conversar/observar movimento da rua - Bomba do Hemetério.	89
Gráfico 10: Locais para fazer caminhada - Bomba do Hemetério.	90
Gráfico 11: Locais para reunião com grupos de oração - Bomba do Hemetério.	90
Gráfico 12: Outras atividades realizadas - Bomba do Hemetério	92
Gráfico 13: Locais para conversar/observar movimento da rua – ZEIS Aritana.	106
Gráfico 14: Locais utilizados para dançar - ZEIS Aritana	107
Gráfico 15: Locais utilizados para andar de bicicleta - ZEIS Aritana.	107
Gráfico 16: Locais utilizados para assistir/participar de grupos musicais - Aritana.	108
Gráfico 17: Locais utilizados para comer ou beber – ZEIS Aritana.	108
Gráfico 18: Locais onde vão para jogar dominó – ZEIS Aritana.	110
Gráfico 19: Locais utilizados para fazer caminhadas – ZEIS Aritana.	111
Gráfico 20: Locais utilizados para fazer caminhadas – ZEIS Aritana.	112
Gráfico 21: Locais utilizados para comer ou beber – ZEIS Mustardinha.	130
Gráfico 22: Locais utilizados para jogar dominó – ZEIS Mustardinha.	131
Gráfico 23: Locais utilizados para dançar – ZEIS Mustardinha.	132
Gráfico 24: Locais utilizados para reunir-se com grupos de oração–Mustardinha.	133
Gráfico 25: Outras atividades realizadas – ZEIS Mustardinha.	135
Gráfico 26: Atividades realizadas por entrevistados de 0 a 15 anos.	157

Gráfico 27: Atividades realizadas por entrevistados de 16 a 25 anos.....	158
Gráfico 28: Atividades realizadas por entrevistados de 26 a 40 anos.....	158
Gráfico 29: Atividades realizadas por entrevistados de 41 a 59 anos.....	159
Gráfico 30: Atividades realizadas por entrevistados a partir de 60 anos.	159
Gráfico 31: Outros lugares utilizados fora do bairro Bomba do Hemetério.	165
Gráfico 32: Outros lugares utilizados fora da ZEIS Mustardinha.	166
Gráfico 33: Outros Lugares utilizados fora da ZEIS Aritana.	167

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	16
INTRODUÇÃO.....	17
CAPÍTULO 01-COMPREENSÃO SOBRE OS ESPAÇOS DE LAZER	29
1.1. ESPAÇO LIVRE, ESPAÇO LIVRE PÚBLICO E ESPAÇO LIVRE COLETIVO	30
1.1.1. Espaço livre e suas funções	30
1.1.2. O espaço livre público e o espaço livre coletivo.....	32
1.2. O LAZER E O LAZER COTIDIANO	36
1.2.1. O lazer cotidiano.....	38
1.2.2. Lazer e sociabilidade nas áreas de baixa renda.....	42
1.3. VIVÊNCIA DOS LUGARES	43
1.4. COMPREENSÃO DA MORFOLOGIA PELA ÓTICA DA ANTROPOLOGIA	45
CAPÍTULO 02 – PERCEBENDO E VIVENCIANDO OS ESPAÇOS DE LAZER.....	49
2.1 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS.....	50
2.1.1. Observação incorporada	50
2.1.2. <i>Walkthrough</i>	52
2.1.3. Entrevistas Semiestruturadas	54
2.2. CASO 1: BAIRRO BOMBA DO HEMETÉRIO	60
2.2.1. Primeiras impressões: observação incorporada	61
2.2.2. Conhecimento geral da área: através do <i>walkthrough</i>	66
2.2.3. Resultado das entrevistas	74
2.3. CASO 2: ZEIS ARITANA	93
2.3.1. Primeiras impressões: observação incorporada	94
2.3.2. Conhecimento geral da área pesquisa através do <i>walkthrough</i>	96
2.3.3. Resultados das entrevistas.....	104
2.4. CASO 3: ZEIS MUSTARDINHA	113
2.4.1. Primeiras impressões: observação incorporada	115
2.4.2. Conhecimento geral da área pesquisa através do <i>walkthrough</i>	117
2.4.3. Resultado das entrevistas	128
CAPÍTULO 03 – CONCEBENDO OS ESPAÇOS DE LAZER	136
3.1 ESCALA 01 – ESPAÇO DE LAZER DE VIZINHANÇA	138
3.1.1. Relação dos componentes ambientais	138
3.1.2. Resultados da preferência ambiental	153
3.2. ESCALA 02 – ESPAÇOS DE LAZER DO ENTORNO.....	164

3.2.1.	Bairro Bomba do Hemetério e o entorno	164
3.2.2.	Zeis Mustardinha e o entorno	165
3.2.3.	Zeis Aritana e o entorno	166
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....		168
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....		173

APRESENTAÇÃO

A motivação inicial para esta pesquisa teve origem na observação empírica de modos de apropriação dos espaços livres em áreas pobres, em pesquisa de iniciação científica no período entre 2006 a 2007, onde foram realizadas avaliações pós-ocupações em conjuntos habitacionais produzidos pelo Governo do Estado do Ceará, pela Prefeitura Municipal de Fortaleza e por ONGs (Organizações Não Governamentais). A pesquisa aferiu a satisfação dos moradores quanto à unidade habitacional. Contudo, esta experiência mostrou que a satisfação buscada na pesquisa ultrapassava a relação do morador com a unidade habitacional, se estendendo para os espaços livres do entorno. Em função dessa constatação, foi desenvolvido no período de 2009 a 2010, monografia de Especialização em Ambiente Construído, no CENTEC-CE, focando no estabelecimento de parâmetros de avaliação dos espaços livres coletivos em conjuntos habitacionais, compreendendo sua importância para a recreação e sociabilização e observando a falta de adequabilidade do desenho destes, quanto aos costumes e modos de apropriação desenvolvidos.

No Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento Urbano da UFPE (Universidade Federal do Pernambuco), se desencadeou o interesse pelas raízes deste problema, objetivando compreender como se dá o cotidiano dos moradores em seus locais de origens, observando os espaços livres coletivos em ZEIS¹ e bairros em áreas de baixa renda. As atividades de estágio-docência no curso de graduação de Arquitetura e urbanismo da UFPE, nas disciplinas de Estudos Sociais e Econômicos e em Oficina de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo, fomentaram o interesse pela análise do objeto empírico nas áreas de baixa renda da cidade do Recife.

Ao longo do trabalho, as recordações de infância foram despertadas, como as brincadeiras com as outras crianças na rua, num lugar que tinha a enorme capacidade de torná-las mais corajosas para enfrentar os problemas, crescendo e aprendendo uns com os outros. Espera-se que o leitor, possa sentir a importância de resgatar a convivência urbana e de manter e valorizar os espaços livres coletivos de lazer na cidade que ainda possuem essa singeleza cotidiana de se viver.

¹ ZEIS (Zona Especial de Interesse Social) é uma área de assentamento habitacional da população de baixa renda consolidada ou proposta pelo poder público, que possua possibilidade de regularização fundiária.

INTRODUÇÃO

A falta de compreensão na gestão urbana dos espaços livres coletivos de lazer enquanto dinamizadores e intermediadores das relações socioculturais estabelecidas em áreas de baixa renda têm como causa principal a estigmatização das ruas, vistas como lugares inseguros e inóspitos. Porém, como analisados por Jacobs (2011), na cidade de Nova York e por Santos (1985) na cidade do Rio de Janeiro, são nos espaços livres coletivos que a vida social acontece.

Ao mesmo tempo, há por parte dos gestores e planejadores urbanos uma valorização efetiva dos parques e praças como locais adequados para a recreação e convívio, contudo não são apenas esses que se adequam ao lazer. Em Nova York, entre as décadas de 50 e 60 (século XX), uma nova forma de requalificação urbana fez surgir os denominados *pocket-parks*, que se caracterizam como espaços de lazer que aproveitam a existência de pequenas faixas de terreno livre público, originados de pequenos pedaços irregulares de terra ou de lote vago único, existentes no meio dos bairros e que são organizadas e projetadas para que ali aconteça o simples desfrutar do ar fresco ou o lazer cotidiano, as atividades de bairro, de vizinhança. Desde então, os *pocket-parks* vêm sendo muito aceitos e começam a se tornar espécies de “modelos” nos desenhos de requalificação urbana, principalmente os de intervenção em áreas centrais que sofrem com desvalorização imobiliária.

As ruas, as calçadas, os largos, são, pois, os espaços livres coletivos compreendidos como lugares que propiciam atividades sociais, recreacionais, funcionais e vínculos comunitários. Ainda assim a importância desses espaços, como espaços fomentadores da dinâmica urbana, é pouco expressa nos projetos de urbanização no Brasil. Nas áreas de baixa renda, que o planejamento, se detém em resolver os problemas relativos à dotação de infraestrutura (abastecimento de água, esgotamento sanitário) e no atendimento às demandas por habitação (no que se refere à aspectos quantitativos), a preocupação com o lazer acaba ficando relegada a um segundo plano.

Todavia, a vida urbana nos espaços livres coletivos deveria ser reconhecida e valorizada, visto que aí o lazer pode ocorrer informalmente, mas repleto de aprendizado, tornando esses espaços em locais onde o encontro é proporcionado no cotidiano, como locais de diálogos e de exercício da cidadania. São nesses lugares que acontecem “os jogos, reuniões,

festas, encontros, cerimônias e atividades assemelhadas que se oponham às idéias de privacidade e de intimidade” (SANTOS, 1985, p.13).

Diferentemente dos bairros de classe média e alta, que na maioria das cidades brasileiras, “cegam” suas ruas, com muros altos, grades e cercas elétricas, buscando proteger as casas, porém com a ilusão de segurança, alimentam o medo urbano e o distanciamento do convívio social (MONTEIRO; PUTTINI 2009), são nas áreas pobres que o lazer ainda ocorre cotidianamente nas ruas, calçadas, cruzamentos e largos, onde há menor medo da vivência urbana e o uso desses é mais intenso, sendo muitos os motivos que garantem essa sensação de segurança. O fato das pessoas estenderem às calçadas, suas atividades domésticas e cotidianas, assim como, o hábito da conversa e da amizade entre vizinhos, por exemplo, pode ser um fato que pulsiona a dinâmica das ruas mais ativas que se observam nessas áreas.

Nas áreas pobres, a rua ainda extrapola sua função de sociabilidade e recreação, assumindo em muitos casos, o papel de espaço da microeconomia (ABRAMO, 2003) e fazendo com que as pessoas permaneçam nelas por mais tempo e valorizem o local onde moram. Diferenças do modo de viver que merecem a atenção da sociologia e da antropologia, mas também da arquitetura e urbanismo e que serve de base às investigações que deram origem a esta dissertação.

Autores como Jacobs (2011), Santos (1985) e Rapoport (1978) mostram a importância dos espaços livres coletivos não apenas como espaço de estudo, mas que apresentam espacialidades com as quais os urbanistas podem aprender: Jacobs (2011) e Santos (1985) valorizam a vida urbana cotidiana, atribuindo ao lazer informal desde funções pedagógicas para desenvolvimento da cidadania à manutenção da segurança local. Rapoport (1978) aponta a necessidade de se compreender as preferências ambientais dos usuários como uma forma dos urbanistas elaborarem propostas próximas da realidade.

Todavia, as pessoas estão perdendo o hábito de utilizar a rua como local de convívio, como por exemplo, o modelo adotado em condomínios fechados que vêm contribuindo para que as ruas estejam se transformando em vias de passagem. Contudo, nas áreas de baixa renda de uma forma geral, a apropriação dos espaços livres coletivos permite investigações arquitetônicas e antropológicas sobre a natureza do lazer cotidiano e sobre as relações de

vizinhança. Daí, entende-se que a esses espaços sejam atribuídos mais atenção nos processos de planejamento, de desenho e de redesenho urbano, tanto em áreas consolidadas quanto naquelas planejadas, como conjuntos habitacionais e loteamentos populares.

A partir desta compreensão, definiu-se algumas questões norteadoras:

- Qual a percepção do pesquisador sobre os espaços livres coletivos da área de estudo?
- Como os usuários das áreas objeto de estudo, percebem, vivenciam e concebem os espaços livres coletivos nestas áreas?
- Quais os motivos que os usuários possuem para freqüentar alguns espaços em detrimento de outros, ou seja, quais suas preferências ambientais?
- Quais são os espaços livres coletivos de lazer mais utilizados nas áreas pobres? Que atividades de recreação são realizadas? Como esses espaços são configurados morfolologicamente?

Partiu-se então do objetivo central de conhecer e analisar as preferências ambientais dos usuários dos espaços livres coletivos de lazer das áreas de baixa renda.

Para isto buscou-se identificar e analisar: os tipos de espaços livres coletivos mais utilizados para recreação dos moradores; as atividades de lazer cotidianas mais realizadas; e a relação dos componentes ambientais físicos e sociais que caracterizam os espaços sob aspectos funcionais, urbanísticos e ambientais.

SOBRE A DEFINIÇÃO DOS CASOS ESTUDADOS

A RMR (Região Metropolitana do Recife) possui áreas de baixa renda, marcadas por uma trajetória pioneira de luta por acesso à moradia, fruto das peculiaridades no processo de ocupação diversos – assentados em áreas de maré, em faixas litorâneas, e sobre terras de antigos engenhos de açúcar, que até o final do século XIX, margeavam os mangues da cidade (SOUZA, 2007). De acordo com Miranda (2005, p.03) essa população de baixa renda busca na informalidade e na irregularidade o acesso à habitação, sofrendo com as desigualdades socioeconômicas da cidade que são “reafirmadas e reproduzidas pelas políticas públicas e legislações em grande parte elitistas e excludentes”. Esta compreensão da formação urbana levou a estruturar a pesquisa a partir da hipótese de que as configurações de espaços livres

coletivos nas áreas de baixa renda encontram-se diferenciadas pela conformação tanto física, como pela riqueza das múltiplas formas de apropriação.

Foram escolhidas então no Recife, três áreas de estudo que detivessem essa característica de vivência dos espaços públicos: as áreas pobres de ZEIS Aritana, bairro Bomba do Hemetério e ZEIS Mustardinha.

Destacando-se o método de Estudo de Caso (YIN, 2005), como ferramenta para alcançar os objetivos. Segundo Yin (2005, p.19), a adoção de estudos de casos em investigações acadêmicas é indicada “quando se colocam questões do tipo como e por que, quando o pesquisador tem pouco controle sobre os acontecimentos e quando o foco se encontra em acontecimentos contemporâneos inseridos em algum contexto da vida real”. Por esta pesquisa tratar de uma problemática contemporânea e de difícil delimitação, este procedimento pareceu mais adequado.

Optou-se ainda pela utilização de mais de um estudo de caso, a fim de que os resultados finais obtidos possibilitassem o cruzamento dos dados entre os casos analisados, levando em consideração suas especificidades, possibilitando a triangulação das informações obtidas, obtendo maior grau de confiabilidade nas conclusões da pesquisa.

A escolha de áreas foi feita com base na espacialização construída por Bitoun (2005) para a cidade do Recife, diferenciando-a em 03 grandes áreas que ele denomina *Anéis* (MAPA 1), cada um com diferentes características. Estes são:

- Anel Central:

Área situada na parte leste da cidade, configurada pelo Centro Histórico da Cidade e o Centro Expandido (instituído pela Lei 14.511/83 de Uso e Ocupação do Solo), que sofreu ampliação quanto aos investimentos públicos e privados nas últimas décadas, como ampliação e melhoria do sistema viário e implantação de empreendimentos residenciais e de negócios, constitui-se atualmente no centro funcional da cidade. Em meio ao intenso desenvolvimento econômico e valorização imobiliária, essa área caracteriza-se por extrema desigualdade socioeconômica, com a coexistência de áreas muito pobres com áreas valorizadas, fruto dos padrões históricos de ocupação da cidade e de suas características físico-naturais, em ambiente de estuário (BITOUN, 2005).

- Anel Intermediário:

Esta área está situada em planície e, parcialmente, em algumas colinas, e configura-se por bairros que foram urbanizados mais tardiamente, entre século XIX e XX, quando havia uma mudança da feição rural para urbana, onde predominavam engenhos, sítios e estâncias. No processo de urbanização, eram priorizados os terrenos que ligavam os engenhos à cidade.

- Anel Periférico:

Área formada pelas periferias sudoeste, oeste e noroeste da cidade, principalmente de colinas, com altos e córregos e de algumas áreas de planície. Nesse Anel estão as maiores Zonas Especiais de Preservação Ambiental (ZEPA) da cidade. Assim, esta área se configura ora por bairros densamente povoados ora por grandes espaços cobertos de mata ou mantendo feições rurais. Nesse contexto, há uma grande homogeneidade do IDH. Reflexo da expansão urbana iniciada nos anos 1940 pelas famílias que, expulsas dos mocambos das áreas centrais, ocuparam as colinas de Casa Amarela, e continuou nos anos 1960, pelos desalojados das enchentes e por população proveniente do êxodo rural e de outras áreas pobres da cidade (BITOUN, 2005).

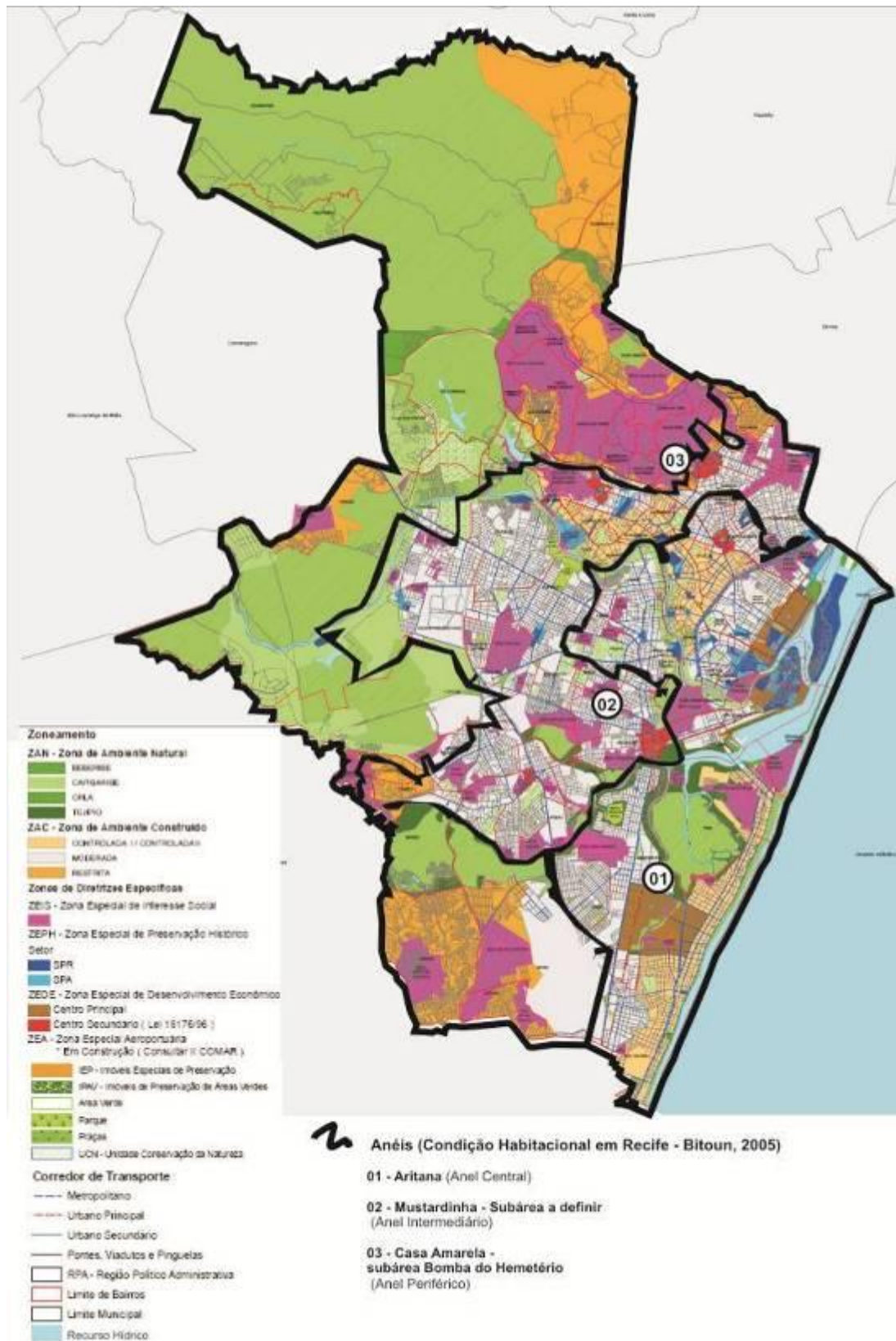
Optou-se, pois, como universo de investigação, pela escolha de três áreas que representassem esse universo apontado por Bitoun (2005): ZEIS Aritana (no Anel Central, no bairro de Imbiribeira, RPA²-6), a ZEIS Mustardinha (Anel Intermediário, no bairro de Mustardinha, RPA-5) e o bairro da Bomba do Hemetério (Anel Periférico, parte do bairro inserido na ZEIS Casa Amarela, RPA - 2).

Os critérios para escolha das 03 áreas nos 03 anéis foram:

- a) Perfil sócio-econômico similar (para isto, foram observados proximidades dos valores do IDH);
- b) Possibilidades econômicas similares, para isto foi observada a proximidade à ZEDE (Zona Especial de Desenvolvimento Econômico) e de corredores de transporte público, dados coletados no Zoneamento Geral Recife (2009);
- c) O fato de serem geograficamente equidistantes, possibilitando a caracterização destas como ambientalmente diferentes.

² A cidade do Recife é dividida em 06 (seis) RPAs (Regiões Política-Administrativas).

Mapa 1: Localização das áreas de pesquisa no Município do Recife – Pernambuco.



Fonte: Adaptado - RECIFE. Prefeitura: Zoneamento Geral Recife, 2009. A autora, 2011.

O PERCURSO METODOLOGICO

A preocupação primeira e que direcionou as escolhas desta dissertação é a de que, a vivência das áreas de estudo permite uma compreensão mais inteira de um espaço - os seus aspectos físicos e as maneiras de vivenciá-las.

Certamente existem aspectos da vivência que são subjetivos e eles são considerados nas observações de campo, mas o que esta pesquisa busca é justamente aqueles outros aspectos vinculados às capacidades perceptivas do ser humano e que (embora gerem sentimentos – subjetividade) se referem às relações concretas do ser humano no espaço. Assim, a idéia foi escolher um conjunto de métodos que evidenciassem quais aspectos desses espaços favorecem ou dificultam uma ambiência socialmente desejada de encontro e de lazer.

A escolha dos métodos utilizados nesta dissertação buscou identificar como os aspectos físicos do espaço favorecem ou dificultam essa ambiência socialmente desejada de encontro e de lazer, por quem usa e de forma comparada por quem observa (no caso, o pesquisador, com referências culturais e interesses diversos daquele dos moradores).

Alcantara *et al* (2006) e Rheingantz *et al* (2009) apresentam uma nova abordagem de pesquisa, a **abordagem experiencial**, que provém da necessidade de se adotar uma postura diferente do observador/pesquisador, enquanto sujeito que interage com o meio e não só faz levantamentos quantitativos-objetivos, apoiados na *abordagem atuacionista* (VARELA 2003 *apud* ALCANTARA *et al* 2006), que compreende a cognição, como a *ação incorporada*, onde são conjugados a percepção e ação orientada. Os autores trabalham com o conceito de **cognição experiencial**, termo adotado pelo grupo de pesquisa Projeto e Qualidade do Lugar (PROLUGAR-PROARQ-UFRJ), com o fim de caracterizar as observações que incorporem as interações homem-ambiente construído em sua experiência de viver (habitar, trabalhar, recrear etc.).

Além disso, outra influência para este conceito, de acordo com Alcantara *et al*³ (2006) refere-se ao conceito de “*empatia*” proposto pelo filósofo Evan Thompson (2005 *apud* Alcântara 2008), compreendido como a incorporação da *intersubjetividade* na relação entre as ciências cognitivas e a fenomenologia. O autor defende que os indivíduos ao interagirem

³ Os autores se fundamentam nos autores: Yi-fu TUAN; Christian Norberg-Schulz e Kevin Lynch.

com um ambiente urbano, recebem estímulos que influenciam nas suas capacidades sensório-motoras e cognitivas (como a temperatura, luminosidade, cores, sons, entre outros). Isto faz com que o indivíduo tenha a consciência que está tendo a experiência da interação com o ambiente, percebida por meio de sentimentos, ações e comportamento que, estão diretamente vinculados ao seu contexto histórico, cultural, social, etc (ALCANTARA et al, 2006).

Rheingantz et al (2009, p.103) compreende a partir de Damásio (2000) que “o comportamento humano é guiado pela emoção, que os sentimentos são os sensores que qualificam nossa memória”. Partem da ideia que a incorporação da cognição experiencial pode contribuir para qualificar e ampliar a compreensão do caráter e da qualidade do lugar. Assim, se foi a campo com o mínimo de variáveis pré-definidas de análise, no intuito de descobri-las *in loco*.

Foram determinados para coleta de dados, três métodos de análise (FIGURA 1): a observação incorporada (ALCÂNTARA, 2008) e o *walkthrough* e entrevistas semiestruturadas, que reúnem as visões do pesquisador, moradores e líderes comunitários das áreas de investigação.

Figura 1: Utilização de métodos de análise.



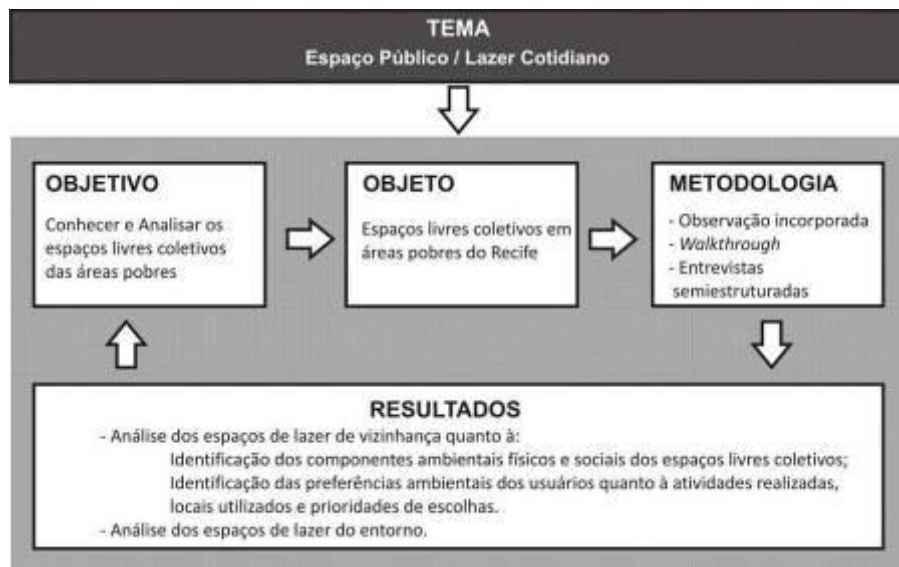
Fonte: a autora, 2011.

- **A observação incorporada:** O *Método de Observação Incorporada* (ALCANTARA et al, 2006) apoia-se na abordagem atuacionista da cognição e na empatia, para construir a compreensão da cognição experiencial que dá ênfase na incorporação de sentimentos e emoções nos registros de campo do pesquisador.
- **Walkthrough:** Este método de análise é originário da Psicologia Ambiental, de acordo com Rheingantz et al (2009), combina uma observação com uma entrevista, possibilita que o pesquisador se familiarize com o local, bem como uma descrição dos aspectos negativos e positivos dos ambientes analisados, a partir da visão dos participantes, que são os principais usuários do local. Nos casos estudados, os percursos foram realizados com os líderes comunitários, compreendidos como pessoas que conhecem bem as áreas de investigação. Assim, foram realizados 02 percursos em cada área de pesquisa, totalizando 06 percursos.
- **Entrevistas Semiestruturadas:** Além dos métodos de investigação que exploraram a percepção e cognição na apreensão do espaço pelo pesquisador, sentiu-se a necessidade ao longo da pesquisa, de instrumento que complementasse as análises, coletando relatos dos moradores sobre suas atividades de recreação e convívio, sobre os locais onde as praticavam e os motivos que os levavam a isso.

Optou-se pela aplicação das entrevistas semiestruturadas com os moradores das áreas de baixa renda, tendo nos três casos um total de 111 entrevistas, distribuídas de forma variada de acordo com faixas etárias estabelecidas em cinco subgrupos: até 15 anos; de 16 a 25 anos; 26 a 40 anos; 41 a 60 anos; acima de 60 anos.

Para a análise e interpretação dos relatos do pesquisador, dos líderes comunitários e dos usuários, utilizou-se de alguns dos procedimentos da Análise do Discurso e da Análise de Conteúdo, adotados em pesquisas qualitativas. Como resultado final, chegou-se a duas escalas de análise (FIGURA 2): Escala 01 - Espaços de Lazer de Vizinhança, para os locais de atividades de recreação contíguos à moradia, e Escala 02 - Espaços de Lazer de Entorno, para as áreas próximas aos locais investigados.

Figura 2: Esquema da pesquisa



Fonte: a autora, 2011.

APOIO TEÓRICO

O conjunto de reflexões aqui expostos teve como base teórica, a busca pelas compreensões de:

- Espaço Livre e suas funções

Quanto aos diversos significados e funções dos espaços livre nos estudos do meio urbano, destacam-se os estudos de Magnoli (2006) sendo compreendido como uma manifestação das ações antrópicas como expressões físicas alterando a lógica dos processos de suporte. A autora define espaço livre contíguo a edificação como uma contraposição ao espaço não construído, possuindo um papel de transição entre o espaço habitado e o espaço coletivo; e os estudos de Schlee et al (2009) focados nos espaços livres como um sistema complexo e inter-relacionado com outros sistemas urbanos, possuindo entre os seus múltiplos papéis as atividades de lazer e convívio social.

- O espaço livre público e o espaço livre coletivo

Destacou-se aqui a contribuição do geógrafo Gomes (2002) e da arquiteta Albernaz (2004) que apresentam a permanente mudança dos conceitos de espaço público e privado ao longo da história e seus diferentes tipos de acessos e apropriações. Destacam a perda da atratividade do espaço público como local do debate político ou das manifestações da vida pública e cotidiana das cidades, como causadores de uma diminuição da interação social. O

espaço livre público de uso coletivo é visto como o local das relações de vizinhança onde é possível observar o fenômeno da identidade comunitária.

▪ O Lazer e o Lazer Cotidiano

Lima (2006) considera o lazer como um fenômeno social que adquire vários significados, considerado como uma necessidade e um direito social conquistado historicamente. LIMA (2006, p. 83) classifica os espaços de lazer em relação à distância ao domicílio como: a) “*Espaços de lazer domésticos*” (os que existem em âmbito privado); b) “*Espaços de lazer de vizinhança*” (no meio imediato ao domicílio, no cotidiano banal); c) “*Espaços de lazer turísticos*” (os que exigem maiores deslocamentos). Destaca-se aqui, as duas primeiras classificações, considerando-as como escalas de análise da dissertação.

Jacobs (2011) e Santos (1985) valorizam a vida urbana cotidiana, nas calçadas e ruas, onde o lazer ocorre informalmente, porém repleto de aprendizado, tornando-as locais onde o encontro entre as pessoas é proporcionado espontaneamente e no cotidiano.

Rolnik (2000) critica a mercantilização das atividades de lazer hoje e sua atenção em espaços privatizados, fazendo com que a cidade perca a dimensão coletiva do espaço público – da rua, como lugar de ficar, de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo, de espetáculo, de venda. Perdendo, assim, a compreensão da vivência simples.

▪ Vivencia dos lugares

Malard *et al* (2002) tem uma compreensão da interação homem/espaço e sujeito/objeto em relação a soluções habitacionais, compreendendo que “habitar” é a fundamental característica do homem como *ser-no-mundo*, que envolve trabalhar, estudar, divertir-se, residir, não se restringindo à unidade de habitação, mas se estendendo no ambiente envoltório, como a rua, a praça, as esquinas, os largos que constituem os bairros, os assentamentos.

Os arquitetos Alcântara (2008); Britto Leite, Golçalves (2009) e Rheingantz (2009) recorrem a interpretações inter e multidisciplinares, como a neurociência e a psicologia ambiental, para compreender os processos de apreensão do espaço, entendendo que o ser humano possui capacidades perceptivas intrinsecamente ligadas com sua vivência.

▪ *Compreensão da morfologia pela ótica da antropologia*

Rapoport (1978) analisa a morfologia dos espaços através de uma visão antropológica, contribuindo para ligação entre a vivência do pesquisador e dos moradores e as características morfológicas dos espaços de lazer. O autor foi escolhido justamente por desenvolver sua teoria fundamentada na Antropologia, dada a peculiaridade espacial e social das áreas escolhidas para estudo.

A ESTRUTURAÇÃO DO DOCUMENTO

Segundo o neurocientista Alain Berthoz (2005), o conhecimento do espaço, pelo ser humano se dá em três níveis absolutamente intrincados de apreensão: o nível do percebido, o nível do vivido e o nível do concebido. O primeiro seria aquele conseguido pelas informações sobre o mundo geradas ao cérebro pelos sentidos; o segundo o da vivência do mundo e o terceiro, aquele que permite ao ser humano, formar idéias, imagens sobre o mundo. Com essa referência a um processo de “conhecimento do mundo”, a dissertação foi estruturada da seguinte forma:

- *CAPÍTULO 01 – Compreensão sobre os Espaços de lazer.* Apresenta-se aqui um primeiro nível de conhecimento de espaços livres, espaço público e coletivo, lazer, lazer cotidiano, vivência dos lugares e morfologia dos espaços livres coletivos.
- *CAPÍTULO 02 – Percebendo e Vivenciando os Espaços de lazer.* Esse capítulo apresenta os procedimentos e resultados da pesquisa de campo em três áreas pobres do Recife: Aritana, Bomba do Hemetério e Mustardinha. A partir da utilização de métodos de coleta de dados com abordagem experiencial foi possível identificar os espaços livres coletivos mais utilizados, atividades desenvolvidas, integrando as percepções da autora e dos moradores.
- *CAPÍTULO 03 – Concebendo os Espaços de lazer.* Focado na sistematização da pesquisa de campo, este capítulo analisa e caracteriza morfologicamente os espaços reconhecidos como próprios do lazer cotidiano, tanto na vizinhança quanto no entorno. Apresenta ainda os componentes ambientais que caracterizam esses espaços e as preferências ambientais dos usuários.

CAPÍTULO 01-COMPREENSÃO SOBRE OS ESPAÇOS DE LAZER

1.1. ESPAÇO LIVRE, ESPAÇO LIVRE PÚBLICO E ESPAÇO LIVRE COLETIVO

O homem tem a necessidade de se agrupar com outros indivíduos em busca de sociabilização, esta antiga necessidade é refletida nos registros de civilizações e aglomerações urbanas, que organizavam e configuravam suas edificações em torno de um espaço central (SCHOENAUER, 1984), buscando a interação e agregação social, além de questões de proteção, segurança e vigilância e de questões climáticas, como a proteção a insolação. Para Rapoport (1972) o espaço habitado deve ser analisado sob a ótica da antropologia, onde a forma das habitações e a organização dos espaços comuns não são relacionadas apenas com aspectos construtivos e climáticos, mas a partir de uma rede de fatores, entre eles aspectos culturais, havendo uma relação entre as estruturas sociais e as infraestruturas físicas.

1.1.1. Espaço livre e suas funções

O termo espaço livre possui muitos significados, sendo associado principalmente, nos estudos do meio urbano, como contraposição ao espaço construído, tendo vários perfis de propriedade, acessibilidade, uso e funções.

Segundo Magnoli (2006), espaços edificados e não edificados (espaços livres) são manifestações dos processos sociais e culturais (ações antrópicas) em expressões físicas (parcelamentos, escavações, plantações, construções, edificações, etc.) que alteram a lógica dos processos de suporte (geologia e clima, solo, relevo, vegetação e sol, água e ventos) e que incidem diretamente na modificação da paisagem urbana. Para a autora, existem diversas funções que se sobrepõem numa ampla variação de escalas e formas:

- a) *Espaços livres em função dos recursos:* Florestas explorativas; Terras agrícolas; Zonas de extração de minerais; Terrenos para pasto; Terrenos importantes para recursos hídricos; lençóis subterrâneos e Zonas de produção de vida aquática (brejos, zonas inundáveis) para fins comerciais ou lazer.
- b) *Espaços livres para proteção de recursos naturais e culturais:* Águas em todas as suas formas, brejos, pântanos servindo de habitação forma aquática; Bosques e florestas para reservas naturais; Características geológicas; Locais de monumentos históricos ou culturais.

- c) Espaços Livres, Sanitários e Sociais: Zonas de proteção das águas subterrâneas; Zonas de depósito de lixo; Zonas de regeneração de ar (conformações topográficas ou florestas); Zonas de lazer (jardins e praças públicas de quarteirões, parques urbanos nos vários níveis e parques regionais e outras áreas de reserva, etc., que podem ser utilizadas com essa fertilidade); Zonas de deslocamento para o lazer (circulação, pistas para ciclistas, equitação, etc., estradas turísticas e rios e canais navegáveis); Zonas de pontos de vistas notáveis; Zonas para controle e guia do crescimento urbano;
- d) Espaços Livres Para Segurança Pública: Barragem de controle de zonas de inundação, zonas situadas na área de influências de barragens e Zonas de solo instável;
- e) Espaços Livres-Corredores: Linhas de alta tensão; Canais e canalizações diversas e Vias rodoviárias e ferroviárias;
- f) Espaços Livres Para extensão Urbana, Zonas Para Comércio, Indústria, Habitação, Equipamentos Públicos, etc.

De acordo com Magnoli (2006) os espaços livres associados às edificações, ou seja, o espaço cotidiano é o que mais possui intervenção antrópica. Destaca-se aqui, a reflexão da autora sobre a diferença da quantidade de espaços livres na área de alta renda, que serve para aumentar as distâncias dos vizinhos podendo gerar atributos de reserva, isolamento, habitabilidade, status, e lindos jardins, com os espaços livres nas áreas de baixa renda, que chegam a ser cerca de 10 vezes menores que os primeiros.

Os espaços livres ao redor das edificações possuem um papel de transição entre o espaço habitado e o espaço coletivo, porém quando observamos uma escala maior onde o conjunto habitado é composto pela junção de vários espaços livres particulares, vemos o impacto da configuração destes na qualidade física e no caráter coletivo do local (MAGNOLI 2006).

Schlee *et al* (2009) discutem que os espaços livres podem ser compreendidos como fruto dos conflitos e contradições na má distribuição de renda e de terra no meio urbano e rural, visto seu caráter estruturador, transformador e dinamizador da paisagem, devendo ser

analisados⁴ como um sistema complexo e inter-relacionado com outros sistemas urbanos. Entre os múltiplos papéis que os autores atribuem, estão a circulação e drenagem urbanas; atividades de lazer; conforto; preservação; conservação; requalificação ambiental e convívio social. Segundo os autores, deve-se ter em conta ao analisar os significados quanto à estrutura, função e lugar a uma base física, buscando trabalhar com atributos de valoração social, ambiental e cultural associados ao estudo destes.

Desta forma, os espaços livres não deveriam ser planejados e propostos apenas como locais a serem delimitados com muros ou cercas, visando cumprir exigências da legislação urbana, quanto ao atendimento de percentual de áreas destinadas ao sistema viário, aos recuos da edificação, área verde etc, mas como espaços que permitem múltiplas funções. Quando esses se referem à espaços de recreação, as formas que possuem são influenciadas pela sua localização, acessibilidade, entre outros, que também influenciam na maneira de apropriação dos mesmos.

1.1.2. O espaço livre público e o espaço livre coletivo

Os espaços livres coletivos possuem diversas funções no meio urbano, da mesma forma as conceituações e definições sobre estes permitem amplos significados e interpretações, visto sua discussão por diversas áreas de conhecimento, como a geografia, ciências sociais e arquitetura. Nesta pesquisa o conceito adotado para *espaço livre coletivo*, compreende um tipo espaço livre público.

O geógrafo Gomes (2002) e a arquiteta Albernaz (2004) apresentam a permanente mudança dos conceitos de espaço público e privado ao longo da história. Para Gomes (2002) a noção do espaço público, desde o advento da revolução industrial, quando as pessoas vão perdendo o espaço do debate político ou das manifestações, deve ser revista.

A perda da importância da expressividade do espaço público como espaço de manifestação e debate político também é discutida pela geógrafa Lima (2006), quando aponta os condomínios residenciais fechados, *resorts*, *shoppings* e edifícios comerciais como uma forma de antítese ou como pseudo-espaços públicos que inibem a interação social através de barreiras arquitetônicas e a estética utilizada. Para Herzog (2006 *apud* Alcantara 2008) o

⁴ Schlee *et al* (2009) pertencem ao SEL –RJ (Grupo Sistema de Espaços livres nas cidades brasileiras) onde apoiam suas análises em abordagens transdisciplinares, abrangendo conceitos de arquitetura e do urbanismo, da ecologia da paisagem, da geografia, da psicologia e da antropologia.

aparecimento destes espaços é fruto de interesses globais corporativos, que os homogeneizam e os padronizam como produtos de consumo.

Para Albernaz⁵ (2004, pg.43-44) “o espaço público é o local essencial de manifestações da vida pública e cotidiana das cidades, que tem se transformado, nas últimas décadas, devido aos impactos dos fluxos globais”. A autora relaciona a perda parcial da condição de interação social nos espaços públicos ao desaparecimento de uma sociabilidade de vizinhança e a sua substituição pela criação imaginária ou efetiva dos espaços coletivos unitários. Para a autora, a perda da força do público, o excesso de controle do espaço e a transgressão de suas normas, assim como a exclusão e a apropriação coletiva, a interpenetração das esferas pública e privada, o desaparecimento de uma sociabilidade e da socialização, além da prevalência de sentimentos contraditórios e complexos e do impedimento do exercício da crítica, devem ser considerados na compreensão do espaço público e dos fenômenos urbanos que estão presentes no processo de transformação do espaço público atual.

Albernaz (2004, p.43) diz que “o espaço público corresponde à expressão física originada de um arranjo espacial com uma situação jurídica específica” e caracteriza quatro dimensões:

- a) *Dimensão Jurídica*: onde o espaço público é tratado como logradouro público, ou seja, local de domínio público, patrimônio da coletividade com irrestrito acesso à população. Sendo considerados pelo poder público como tal: as vias, os largos, praças, praias e os parques; os quais estão sob seus cuidados, responsabilidade, conservação, manutenção e prestação de serviços urbanos.
- b) *Dimensão Urbanística e Técnica*: onde o espaço público é visto como uma configuração espacial, na qual a malha urbana permite a mobilidade para circulação, permanência e lazer da população e que coincide com a localização e distribuição dos serviços urbanos. O espaço público não se restringe aos logradouros públicos, mas abrange também espaços abertos a uma apropriação coletiva.
- c) *Dimensão Política ou Filosófica*: o espaço público é visto aqui como espaço de prevalência de interesses coletivos e da representação do Estado. Aspectos como o

⁵ Albernaz (2004) estrutura seu artigo na leitura dos autores: Jurgen Habermas, Henri Lefebvre, Michel Foucault, entre outros.

reconhecimento público e o exercício de uma função crítica são entendidos como próprios do espaço público.

- d) *Dimensão Física Cotidiana*: visão do público como uma configuração espacial e como uma ordem espacial. O espaço público é visto como uma modalidade do espaço, onde ocorrem fenômenos que apresentam uma dinâmica espacial associada aos processos sociais. Assim, o espaço público é a soma do arranjo espacial e as práticas e representações de poder.

Nesta investigação, o espaço público é analisado pelas dimensões urbanístico-técnica e física cotidiana, compreendendo a relação indissociável entre ambiente e práticas sociais.

Para Gomes (2002) o livre acesso físico e social não basta para configurar o estatuto público ao espaço, podendo ser visto como:

“um espaço composto pelo espetáculo da tensão entre a diferença e a possibilidade de coabitação. Ele é assim a condição fundamental de expressão da individualidade dentro de um universo forçosamente plural” (GOMES, 2002, p.160-166).

Para Gomes (2002), o espaço público é compreendido como o local que tem uma vinculação direta com a vida pública, onde exista uma co-presença de indivíduos, estando diretamente ligado como um local onde prevalecem normas e leis, como um espaço normativo e regulador. E apresenta dois tipos de espaço:

- a) *o nomoespaço* – Neste as práticas sociais são regulamentadas no espaço, através de disposições formais que a regem e controlam sua dinâmica. O mais importante aí é a imposição do ordenamento, a fim de gerar controle e vigilância do local, como se observa na Antiguidade Romana a preocupação com “a disposição das coisas sobre o espaço dos (blicos, os usos dos espaços públicos, a forma e localização das praças e templos etc)” (GOMES, 2002, p.52).

“O nomoespaço é assim uma condição necessária para que se configure a idéia de um pacto social do tipo contractual. Diferentes pactos dão origem a diferentes composições espaciais” (GOMES 2002, p.40).

“Assim, o espaço delimita os comportamentos, classifica as ações sociais, ordena a dinâmica social e hierarquiza práticas e instituições” (GOMES 2002, p.54).

- b) *o genoespço* – Este espaço se define pela “diferenciação ontológica” através da “afirmação da diferenciação de direitos em um espaço” (GOMES, 2002 p.60). Aqui o coletivo prevalece sobre o indivíduo, “o espírito coeso e o caráter de identidade do

grupo são manifestados e reforçados continuamente” (GOMES, 2002, p.60-61). As ações das pessoas não são distribuídas de forma normatizada no espaço, mas estão vinculadas a uma identidade social. “*É o espírito comum ao grupo que qualifica o espaço*” (GOMES, 2002, p.63). A arte do conflito é vista como fundamental na construção e reprodução do espaço.

A partir dessa caracterização, focou-se a continuação da análise no genoespço, sendo possível identificar o espaço livre público de uso coletivo, como um local onde as relações de vizinhança definem a si mesmos e os comportamentos nestes e onde é possível observar o fenomeno da identidade territorial comunitária, que afirma a coabitação nestes. De acordo com o autor os espaços coletivos:

“produzem um agenciamento fragmentado do solo, seguindo uma ordem de tipo orgânica. O espaço é vivido e concebido como uma soma de locais, concretos e particulares (...) a categoria mais expressiva para caracterizar este espaço é a da diferença” (GOMES 2002, p.78-79).

“A representação funda uma realidade em que as pessoas de um grupo vivem suas relações de vizinhança, sanguínea ou não, como definidoras da maneira de ser” (GOMES, 2002, p.120).

“A identidade territorial da comunidade é a construção de um espaço politico, a forma de mobilização, o discurso que congrega, imprime a idéia de consenso e representa o grupo, pois é a definição dele” (GOMES, 2002, p.121).

A apropriação social dos espaços públicos se dá muitas vezes de forma privada, provocando conflitos de usos, levando ao aumento do isolamento das pessoas do convívio social e consequentemente, ao aumento da violência urbana.

Sobre isso a jornalista Jane Jacobs em seu livro *Morte e Vida das Grandes Cidades*, expõem a complexidade da cidade e a frequente incompreensão por parte dos interventores urbanos que resulta em um contínuo confronto entre a realidade que existe nos centros urbanos, e as propostam que as desconhecem. A autora apresenta idéias influenciadas por Lefebvre (1991) sobre a necessidade de diversificação urbana como força motriz do sucesso de utilização dos espaços públicos. Assim a diversidade urbana presente nas vizinhanças de espaços públicos torna-se um importante fator de atração de pessoas em diferentes horários, apoiando a sustentabilidade habitacional de propostas de intervenção. Assim como se tornando vital para a sensação de segurança e para o senso de identificação com o lugar, identificados por Jacobs (2011) como possibilidades de as pessoas se tornarem os principais “vigias” de rua. Os locais que não possuem essa vitalidade são condenados ao abandono.

Nesta perspectiva se apresentam os espaços livres coletivos na cidade e que o arquiteto e antropólogo Santos (1985) classificam em dois tipos principais: o construído, fechado e privatizado; e o aberto e de uso coletivo, os quais possuem apropriação diferenciada. Os espaços livres públicos que o meio urbano possui em maior proporção são os parques e as praias, quando são cidades litorâneas, mas existe aquele espaço livre público que é encontrado nas proximidades das casas: a) mais aproximada de uma sala de visitas, onde acontecem as reuniões sociais, as relações entre vizinhos; b) mais aproximada dos quintais, onde acontecem as brincadeiras infantis (JACOBS 2011, SANTOS 1985).

1.2. O LAZER E O LAZER COTIDIANO

Discutir o acesso ao lazer sugere algumas reflexões sobre o direito aos espaços públicos nas cidades, remetendo à sociedade em que são criados, como se observa na Antiguidade Clássica (onde a valorização da contemplação e dos valores nobres eram fundamentais e contrapostos ao trabalho cotidiano).

Desde o período Medieval, de acordo com Lima (2006), o tempo livre era destinado ao descanso e às festas, onde os nobres tinham oportunidade de exibição social, o trabalho era destinado aos menos abastados e camponeses. Porém com o advento da revolução protestante o não-trabalho passa a ser considerado como vício. A partir da Revolução Industrial, no século XVIII, o tempo livre passa a ser delimitado pelo tempo de jornada.

Com o tempo, o acesso ao lazer se tornou um exercício de cidadania e uma conquista histórica e social, mas é preciso não generalizar porque o tempo livre, para os desempregados representa um martírio. Desta forma, o lazer deve ser analisado segundo as qualidades de atividades desenvolvidas, como por exemplo, para as pessoas que trabalham preocupadas com sua sobrevivência, as atitudes frente às ações que lhes tragam diversão, são limitadas ao pouco tempo e recursos que lhes resta. Estes ao avaliar suas necessidades, não priorizam entre estas o lazer, sendo o tempo livre que dispõe destinados as atividades de renda complementares. Na atualidade, o lazer vem ganhando importância devido sua vinculação ao mercado, sendo fonte de bens e serviços a serem consumidos. No meio urbano, a transformação do lazer dos espaços públicos em espaços empresariais, reflete-se na forma de shoppings, bares, boates, clubes, cinemas e outros, sendo criadas assim novas necessidades de consumo e padrões de comportamento.

Para Lima (2006), o tempo e o espaço de lazer nas sociedades contemporâneas ganham destaque não só como tempo de ócio e de reposição de energias pelo trabalhador, mas através de outras dimensões, como *lazer-produto* para o consumo de massa e como *tempo de ação* em forma de resistência. É importante destacar ainda que a utilização do tempo livre guarda especificidades de acordo com cada época e com as diferentes estruturas sociais destas.

O lazer pode ser então considerado como um fenômeno social, que pode ter vários significados, onde é possível mudar através deste, valores e atitudes. Desta forma, é considerado como uma necessidade e um direito social conquistado historicamente pelos assalariados limitados pela sua jornada de trabalho (LIMA, 2006).

De acordo com LIMA (2006), os espaços públicos surgem como uma possibilidade material para a democratização de oportunidades do lazer. Porém essas áreas perdem gradativamente o espaço vital, comprometendo a qualidade de vida. Segundo a autora, os espaços podem ser classificados em relação à distância ao domicílio nas seguintes categorias:

- *Espaços de lazer domésticos* – considerados os que existem em âmbito privado.
- *Espaços de lazer de vizinhança* – os que permitem atividades que se praticam no meio imediato ao domicílio, no cotidiano banal.
- *Espaços de lazer turísticos* – os que exigem maiores deslocamentos, inclusive pernoite.

Devido à relação intrínseca entre o espaço interior-exterior do espaço habitado, ou seja, a relação indissociável da casa com a rua, visto como principal local de lazer adota-se dois tipos de espaços: *espaço de lazer de vizinhança*, para os locais de atividades de recreação contíguos à moradia, e *espaço de lazer de entorno*, para as áreas próximas aos locais investigados. De acordo com Prinz (1980), estas distâncias devem ser passíveis de serem percorridos num raio de distância possível entre 200 m (para lugares no meio circundante da habitação, de encontro com vizinhos) e 600 m (para locais no bairro, de abastecimento diário e contato).

1.2.1. O lazer cotidiano

Jacobs (2011) se mostra adepta do respeito e priorização da dinâmica do lugar, defendendo intervenções que preservem a essência do lugar, alertando para o perigo de uma valorização excessiva de projetos de áreas livres e espaços verdes nos centros urbanos como caminho de melhoria da qualidade de recreação da população, em detrimento da valorização da vida nas calçadas e ruas, em pequenas pracinhas de uso cotidiano, onde o lazer ocorre informalmente, porém repleta de aprendizado, tornando-se locais onde o encontro entre as pessoas é proporcionado espontaneamente, no cotidiano delas.

“A calçada por si só não é nada. É uma abstração. Ela só significa alguma coisa junto com os edifícios e os outros usos limítrofes a ela ou a calçadas próximas. Pode-se dizer o mesmo das ruas, no sentido de servirem a outros fins, além de suportar o trânsito sobre rodas em seu leito. As ruas e as calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais”. (JACOBS 2011, p.29).

Os relatos de Jacobs (2011) foram desenvolvidos com base na observação do cotidiano, como uma forma de compor um senso comum do urbano. Assim, como as reflexões do arquiteto e antropólogo Carlos Nelson dos Santos (1985) no livro “Quando a rua vira casa”, onde o autor valoriza também a vida comunitária proporcionada nas ruas e calçadas, os quais são vistos como espécies de “palcos” ou “cenários”, locais de diálogos e de exercício da cidadania. A rua é identificada ainda por Santos (1985, p.24) como “o principal espaço de convívio, um universo de múltiplos eventos e relações, local onde a vida social acontece”, e “sendo o lugar ideal para atividades como jogos, reuniões, festas, encontros, cerimônias e atividades que se contrapõe às idéias de privacidade e intimidade” (SANTOS, 1985, p.13). Abri-los para o acesso a estas atividades por todos é coletivizá-los e fechá-los para uso particular e restrito é privatizá-los.

“A rua é o lugar onde se dá o social também como espetáculo. Daí seu fascínio. Como forma dramática, é um espetáculo que permite assumir identidades, desempenhar determinados papéis e, até certo ponto, escolher os enredos dos quais se vai participar. É o palco por excelência do social” (SANTOS 1985, p.83).

A partir da pesquisa etnográfica, Santos (1985, p.24-30) analisa a mudança nos modos de apropriação nos espaços de uso coletivo em um centro de bairro tradicional da cidade do Rio de Janeiro, observando no acompanhamento do dia-a-dia das pessoas a importância da rua mais do que uma via, trilha ou caminho, considerando como local onde a vida social acontece sendo “um universo de múltiplos eventos e relações”. Para Santos (1985) a calçada reúne diversos papéis ao longo do dia, principalmente sendo um local de encontro entre os

moradores: “(...) a reunião na porta equivale à virada da casa pelo avesso. É quando a rua passa a ser usada como significante comum”.

Assim como Jacobs (2011), Santos (1985) também alerta para a *fetichização* das áreas de lazer em locais fechados, como uma forma de alienar a problemática social do urbano. Ao afastar-se das ruas está se afastando da vida urbana, não pela sua importância quanto espaço físico, mas pela configuração social encontrada nestas. Para o autor, este problema tem origem na estigmatização das ruas quanto lugares inseguros, inóspitos, onde se encontram os perigos da sociedade e que portanto, deveriam ser evitadas.

Contrariamente ao pensamento vigente dos interventores urbanos quanto à permanência deste preconceito em relação às ruas, Jacobs (2011) e Santos (1985) convergem reflexões num sentido comum, ao valorizar a vida cotidiana nestas e elencando uma série de questões a serem discutidas quanto à mudança deste estigma.

Jacobs (2011) apresenta uma relação simbiótica entre a necessidade de diversificação urbana, quanto aos usos e aos públicos em diferentes horários; e a geração da confiança e segurança na utilização destes pelos moradores e transeuntes. Para Santos (1985) a diversidade também se torna o elemento estruturador da vida urbana, favorecendo a proximidade e os encontros e constituindo uma rede de suporte social ao indivíduo. De acordo com o autor, o fato das pessoas sentirem que se conhecem é o resultado da troca social, promovida pela articulação do local de residências, de trabalho, de culto e lazer, a qual promove o encontro sistemático das pessoas e dos grupos.

“Existe, pois, uma comunidade nas ruas que não é apenas funcional. As pessoas não participam dela simplesmente porque moram, compram, trabalham, cultuam ou se divertem no mesmo lugar. Mas porque fazem tudo isso de forma personalizada – “todos se conhecem” (SANTOS 1985, p.85).

Aponta-se aqui a importância atribuída à rede de contatos informais estabelecida entre as pessoas de uma vizinhança, que conforme Jacobs (2011) gera uma “rede de respeito e confiança mútuos e um apoio eventual na dificuldade pessoal ou da vizinhança”, provocando a identificação das pessoas com o local que habitam, no qual se tornam os “proprietários naturais da rua”, apropriando-se do espaço comum contíguo à suas casas, tomando-o para si e cuidando das relações que ali se desenvolvem.

“Quando uma área da cidade carece de vida nas calçadas, os moradores desse lugar precisam ampliar sua vida privada se quiserem manter com seus vizinhos um contato equivalente. Devem decidir-se por alguma forma de compartilhar, pela

qual se divida mais do que na vida das calçadas, ou então decidir-se pela falta de contato” (JACOBS, 2011, p.67).

“Em lugares da cidade que careçam de uma vida pública natural e informal, é comum os moradores manterem em relação aos outros um isolamento extraordinário” (JACOBS, 2011, p.70).

Santos (1985) aponta diversos lugares dentro de uma vizinhança, onde se converge fluxos e acontecem encontros espontâneos entre as pessoas, como: armazens, bares, oficinas de carros, associações de moradores etc. Assim, na análise de espaços livres coletivos deve-se levar em conta as diversas atividades que se dão nos seus recortes, compreendendo que está relação é indissociável e interdependente.

“As atividades como que “escolhem” seus espaços, apropriando-se deles, conformando-os, e sendo conformadas de volta. A distinção entre forma e fundo perde o seu sentido, pois existem conjugações de espaços e atividades em que os primeiros não são apenas formas que abrigam um conteúdo eventual na medida em que contribuem para a sua realização” (SANTOS 1985, p.49).

Em contrapartida, a falta desta confiança implica na falta de comprometimento pessoal com o local, ocasionando em espaços condenados ao abandono, visto que a existência da impessoalidade nas ruas faz com que as pessoas prefiram não compartilhar o espaço, mas partilhá-lo, tornando-as anônimas e exíguas de um comprometimento com os espaços comuns e suas responsabilidades, como cuidar das crianças dos vizinhos.

“Livres da vigilância dos “proprietários naturais da rua”, expostos a toda sorte de infortúnios, os seus usuários se dividem em apenas duas categorias: os potenciais algozes e suas potenciais vítimas” (SANTOS, 1985, p.103).

A diferença entre o “compartilhar” dos espaços públicos, como a rua e a calçada, nas áreas de baixa renda, em relação às áreas de classe média ou alta, é a presença das relações de microeconomia e de vizinhança, que se manifestam como motivos para sua permanência no local.

“Aparentemente despreocupados, despropositados e aleatórios, os contatos nas ruas constituem a pequena mudança a partir da qual pode florescer a vida pública exuberante da cidade” (JACOBS, 2011, p.78)

São nas ruas e calçadas, que as crianças podem crescer sob “os olhos vigilantes dos adultos”, que se encontram aí para conversar. De acordo com Jacobs (2011), nos parques ou *playgrounds* este controle acontece com menor frequência, ficando propensos a realização de atos de vandalismos e violência.

A vivência das crianças que brincam na rua é para Santos (1985) um fator que indica a função pedagógica desta, quanto à elaboração da civilidade e cidadania, já que se compartilha a responsabilidade do cuidado e vigilância com as crianças entre os vizinhos, as ruas não estão excluídas das regras de convivência (SANTOS, 1985). O autor reconhece que há riscos de integridade física, como atropelamentos e os conflito entre os maiores e menores, e os de integridade moral, como a perversão e maus exemplos dos colegas. Contudo, esta tem uma importância maior no aprendizado das regras e usos vigentes neste recorte do espaço social (SANTOS, 1985).

“A oportunidade (que na vida moderna se tornou um privilégio) de brincar e crescer num mundo cotidiano composto tanto de homens quanto de mulheres é possível e comum para crianças que brincam em calçadas diversificadas cheias de vida” (JACOBS, 2011, p.92).

“Nesses momentos, as crianças dispõem e utilizam de todos os meios para exercitar-se e divertir-se. Batem com os pés em poças d’água, escrevem com giz, pulam corda, patinam, jogam bolas de gude, exibem o que têm, conversam, trocam figurinhas, jogam stopball, andam em pernas de pau, enfeitam patinetes feitos de caixa de sabão, desmontam carros de bebê velhos, sobem em grades, correm de um lado para o outro. Não tem sentido valorizar demais essas atividades. Não tem sentido ir a algum lugar formalmente para fazê-las de acordo com um plano formal. Parte do seu atrativo reside na sensação que as acompanha, de liberdade de vaguear para cá e para lá nas calçadas, situação diferente de estar fechado dentro de um espaço. Se for impossível desempenhá-las informal e convenientemente, elas raramente serão realizadas” (JACOBS 2011, p.94)

Para Santos (1985, p.93) esse sentimento de “proprietário natural da rua” está relacionado a ver o espaço “supervisionado” como pertencente a todos “em função das relações que mantêm com ele, ou dentro dele, e graças a ele”, sendo este exercício de vigilância “um poder e um dever”, sendo mais do que usuários, cúmplices.

Neste contexto social, onde há a prevalência de compartilhamento dos espaços livres coletivos, existem pessoas que possuem papel de figura pública, que conversam com várias pessoas diferentes, transmitindo as informações que são do interesse da maioria. Assim, nesta dissertação, que tem o foco em analisar como se dá a apropriação destes nas áreas de baixa renda, identificamos os líderes comunitários, quanto figura pública que se destaca no meio de outras também importantes, como pastores ou donos de bares, escolhendo-os juntamente com os moradores, como agentes produtores do espaço espontâneo / informal⁶,

⁶ Roberto Lobato Côrrea (1995) classifica tipos de agentes principais na produção do espaço, os quais se destacam: grupos sociais excluídos (ocupação espontânea), mercado imobiliário e as políticas públicas.

para aplicação dos instrumentos de pesquisa, a serem vistos no próximo capítulo, quanto aos resultados.

Rolnik (2000) ainda critica o fato de as atividades de lazer hoje não terem compreensão das vivências simples, oposto de trabalho, mas estarem reduzidas ao consumo de mercadorias (de prazer, culturais e turísticas). Também a mudança do lazer cotidiano público em lazer privado ocasionada pelos condomínios fechados torna a cidade vazia da dimensão coletiva do espaço público, da rua, como lugar de ficar, de encontro, de prazer, de lazer, de festa, de circo, de espetáculo, de venda. Assim, para a autora, a concepção de espaço urbano segue um modelo privatista de cidade, que provoca um fenômeno denominado de *agorafobia coletiva*, espécie de medo, rejeição, pavor do espaço público, porque este não se configura mais como protetor, “conectador” e integrador, mas como local de violência. Mas, segundo Jacobs (2011), essa violência é fruto da falta de diversidade urbana e da formação de espaços fechados homogêneos.

Rolnik (2000) aponta, finalmente, que o caminho para melhorar o espaço público é a busca por uma política antiexclusão, ou seja, de organizar, defender e fomentar a convivência entre pessoas diferentes, diminuindo a segregação social.

1.2.2. Lazer e sociabilidade nas áreas de baixa renda

As classes de menor poder aquisitivo não possuem muito espaço em sua área privada, principalmente quanto às áreas de jardins ou quintais, e também não dispõe de muito tempo livre para o lazer, não possibilitando assim, o desenvolvimento de atividades produtivas em ambiente doméstico. Desta forma, os espaços livres coletivos se tornam de grande importância nas áreas de baixa renda, permitindo-lhes melhor convívio social e melhor qualidade de vida.

O lazer deveria ser priorizado nos planejamentos urbanos, porém precisaria de uma compreensão da importância do convívio social, encontro, recreação como possibilidades de melhoria na qualidade de vida. A viabilização e resgate do papel social destes espaços e a diminuição do poder privatizante frente aos mesmos, requer conexões com políticas públicas de outros setores.

De maneira geral, as populações de baixa renda, têm dificuldade de acesso a atividades de lazer das cidades (clubes, academias, shoppings), motivadas pelo acréscimo nos gastos, que

eles representam. Os espaços de lazer nas proximidades da moradia se constituem, também por isso, em espaços essenciais (LAY; REIS 2002, p. 2).

A precariedade de condições de vida de grande parte da população não exclui, no entanto, suas vontades de consumir os produtos e espaços criados pelas classes de maior poder aquisitivo. Contudo, estes não representam a diversidade socio-cultural presentes nos espaços públicos de áreas de baixa renda, que pelo fato de se distanciarem da cultura de massa, manifestam a cultura popular, que tem raízes na interação do indivíduo com o local em que ele vive (LIMA, 2006).

Dentro desta perspectiva, o acesso aos espaços coletivos de lazer nas áreas de baixa renda em Recife pode ser visto como uma forma de resistência da população a falta de atenção das políticas públicas com esta população, capaz de desenvolver ambientes ricos de vida social e repletos de diversidade cultural e laços de solidariedade, intangíveis aos esforços capitalistas das intervenções urbanas nos “guetos de opulência”.

As áreas de baixa renda provenientes de invasões de terrenos e loteamentos irregulares têm soluções urbanísticas distintas dos parâmetros urbanos formais. Desta forma, são caracterizadas por Alheiros *et al* (2004) como áreas de forte adensamento, dificultando a presença de espaços livres públicos como praças, parques, campinhos de vôlei e de pelada, entre outros. Observa-se a pouca atenção dada aos projetos urbanísticos em áreas pobres da cidade, como as ZEIS, principalmente quando os investimentos públicos são para atender demandas por espaços de lazer e convívio. Por outro lado, o poder privado, nos condomínios fechados de renda média e alta que tendem a focar o lazer como peça fundamental para a promoção dos empreendimentos imobiliários (SANTOS, 1985).

1.3. VIVÊNCIA DOS LUGARES

O distanciamento do profissional de arquitetura e urbanismo de questões relativas à percepção espacial é criticado por diversos autores, como Malard (2002), Alcântara (2008); Britto Leite e Golçalves (2009) e Rheingantz *et al* (2009), que recorrem, para isso, à neurociência, à psicologia ambiental, à filosofia, entre outras ciências. As contribuições de Rapoport (1978), Norberg-Schulz (1980), Berthoz (2005), Maturana e Varela (2001), apoiam este enfoque.

A neurociência explica que a Evolução da espécie humana, de suas capacidades neurofisiológicas, está vinculada à experiência que o ser humano foi adquirindo ao longo do tempo. Segundo esse ponto de vista, a compreensão de mundo (de espaço) seria resultado de uma estrutura cerebral que envolve uma relação de interdependência entre o estímulo aos sentidos (o nível do percebido); a vivência (o nível do vivido) e a capacidade de formular imagens do mundo (o nível do concebido) (BERTHOZ 2005 *apud* BRITTO LEITE; GONÇALVES 2009).

Para o neurocientista francês Alain Berthoz (2005) a compreensão que o ser humano tem de “espaço” resulta de toda uma experiência advinda da Evolução e sedimentada no tempo, através da ação humana. Em face dessa experiência, ele considera três níveis indissociados de apreensão do espaço: o nível do percebido (que resulta das apreensões feitas pelos sentidos); o nível do vivido (conjugação das intenções, crenças, emoções e ações que gera o sujeito que percebe); o nível do concebido, que o autor defende como a compreensão geométrica segundo a qual se tem a dimensão da conformação espacial. Esses níveis compõem a compreensão do fenômeno “espaço”, ao tornar inseparáveis: percepção e vivência e concepção.

Maturana e Varela (2001) abordam a compreensão do espaço como fenômeno integrado onde os valores e as preferências estão associados às raízes do social, humano e biológico. Os autores consideram que a percepção do espaço quando não entendida como fenômeno integrado gera entendimentos e construções de imagens falsas que devem ser evitadas. Afirmam que as experiências cognitivas individuais influenciam as experiências visuais de cada pessoa.

No campo da investigação filosófica, no que concerne a fenomenologia, Norberg-Schulz (1980) é um dos principais teóricos a traduzí-la para o campo da arquitetura e da cidade, em um momento em que se fazia necessária uma crítica a um distanciamento dos arquitetos em relação à identidade que cada lugar detém. Parte de uma compreensão do vivido como constituição do *espírito do lugar*, que atribui identidade peculiar as propriedades físicas do espaço concreto. Para o autor, o lugar deve ser visto por sua dimensão existencial, um fenômeno qualitativo total, onde nenhuma de suas propriedades e relações espaciais pode ser reduzida; enfatiza a necessidade de se observar e compreender o mundo-da-vida

cotidiana através da fenomenologia, como uma forma de evitar a predominância de abstrações mentais sobre a percepção do ambiente.

Malard *et al* (2002) busca na abordagem fenomenológica⁷ a compreensão da interação homem/espço e sujeito/objeto, onde estuda soluções para a questão habitacional. Assim, *morar*, sinônimo de habitar, é considerado como a fundamental característica do homem como ser-no-mundo. Nesse entendimento, *habitar* envolve trabalhar, estudar, divertir-se, residir. A partir desta, o fenômeno do *habitar*, não se restringe à unidade de habitação, mas, ao contrário, o *espço do habitar* se estende por todo o ambiente envoltório, como a rua, a praça, as esquinas, os largos que constituem os bairros, os conjuntos habitacionais. Entende-se, portanto, como *espços livres coletivos*, os lugares onde os residentes de um determinado lugar podem ter a oportunidade de realizar atividades sociais, recreacionais e funcionais, propiciando vínculos entre a comunidade.

1.4. COMPREENSÃO DA MORFOLOGIA PELA ÓTICA DA ANTROPOLOGIA

O arquiteto australiano Amos Rapoport (1978) analisa o espço através de uma visão antropológica, considerando que o espço habitado deve ser analisado sob a compreensão das relações entre o espço físico e o espço social, como um reflexo das **preferências ambientais** dos usuários no meio ambiente. Para o autor, a organização espacial é decorrente das mudanças do tipo de controle social no espço, refletindo as necessidades, valores e desejos dos indivíduos ou grupos de pessoas, de acordo com suas características culturais particulares. De acordo com esse princípio de percepção ambiental, cada grupo social constrói um espço perceptivo próprio decorrente de seu estilo de vida.

Diferentemente de Lynch (1997) o autor não atribui categorias de estruturação da imagem de uma cidade (vias, limites, bairros, pontos nodais e marcos), mas parte da idéia de que os próprios usuários, através de suas capacidades sensoriais são capazes de perceber o meio e de lhe atribuir significados. Assim, o indivíduo é compreendido como membro de um grupo com valores particulares, crenças e formas de entender o mundo.

Para Rapoport (1978) a forma como a cidade é percebida influencia na avaliação da realidade urbana, visto que a cultura incide na postura ante o mundo, que por sua vez, influencia os valores, conduzindo a formação de imagens e esquemas imaginativos que

⁷ Através da influência de Martin Heidegger, Gaston Bachelard e Maurice Merleau-Ponty.

possuimos de um local, afetando assim o estilo de vida e este, conduzindo as atividades que realizamos no meio ambiente (FIGURA 3).

Figura 3: Esquema de síntese conceitual sobre a origem das atividades



Fonte: Rapoport (1978) adaptado e traduzido pela a autora, 2011.

O estilo de vida é entendido como a chave para compreender como funcionam as cidades e como as pessoas se comportam nelas. Assim, o estilo de vida é diferente para grupo de pessoas. Desta forma, há diferenças na compreensão do espaço, atribuição de valores, comportamentos e consequentes formas diferentes de apropriação definem o “*espaço de preferência*” (RAPOPORT, 1978, p.71). Um exemplo disso são os padrões de áreas mínimas por pessoa em diferentes partes do mundo, como na França o limite de 17m², nos Estados Unidos de 34m² e na China 4,3m² por pessoa (RAPOPORT, 1978).

Nos espaços livres coletivos, o contexto cultural também influencia as atividades que se realizam nestes, nos quais podem ser unicamente atribuídos um valor de circulação ou se associar a outras atividades. Rapoport (1969 *apud* RAPOPORT 1978, p.70) exemplifica isso em relação ao espaço urbano grego “o ver, o ser visto e a interação social são muitos mais importantes que o circular ou inclusive as vistas a larga distância”. Por outro lado, as cidades japonesas carecem de espaços públicos, que de acordo com o autor, entre as razões para isto ocorrer, aponta-se a valorização da privacidade e a compreensão da rua como local de forte isolamento entre as moradias.

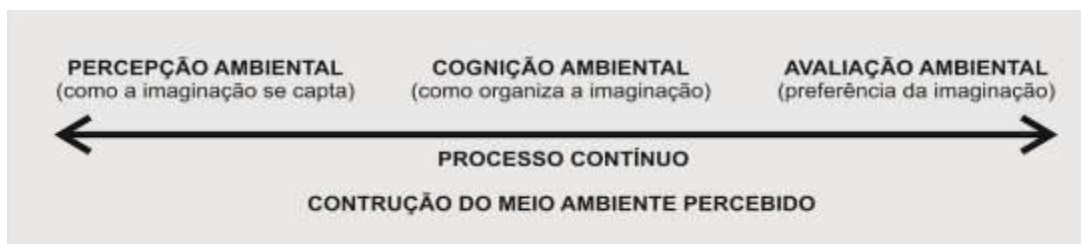
As organizações espaciais residenciais são entendidas por Rapoport (1978) como variáveis de acordo com a cultura e a região, principalmente, quando observadas em pequenos grupos homogêneos. A homogeneidade dos grupos foi buscada aqui, quanto à análise das áreas pobres da cidade do Recife que possuem proximidades nas condições socioeconômicas. Porém, a fim de possibilitar apontamentos de formas diferentes de apropriação dos espaços de lazer, escolheram-se áreas em locais diferentes da cidade. Buscou-se ainda a observação de grupos de faixa etária diferentes, visto as possíveis similaridades no comportamento destes no tratamento dos espaços livres coletivos de lazer.

Os assentamentos de áreas pobres podem variar quanto ao tamanho e organização espacial, mas para Rapoport (1978, p.110-111) eles “refletem as preferências específicas de espaços públicos, estrutura urbana, relações sociais e de parentesco, privacidade, etc”.

Para Rapoport (1978, p.43-50) os aspectos da construção de um meio ambiente percebido são (FIGURA 4):

- a) Percepção – descreve a sensação sensorial diretamente como a imaginação se capta, é um processo de apreensão do espaço.
- b) Avaliação ambiental ou preferência ambiental - vinculada a fatores sociais, culturais e econômicas.
- c) Cognição ambiental (mapas mentais, por exemplo) - como as pessoas estruturam, apreendem ou conhecem o seu meio, como organiza a imaginação e conceitualizam o espaço percebido.

Figura 4: Aspectos de um meio ambiente percebido.



d) **Fonte:** Rapoport (1978) adaptado e traduzido pela a autora, 2011.

No segundo capítulo, foi explorada a percepção do pesquisador, acerca das sensações manifestadas através da observação incorporada, contribuindo para a caracterização das áreas percorridas. Assim como, a percepção dos usuários, na aplicação do *walkthrough* com líderes comunitários das áreas analisadas, nos quais eram apontados, pelos participantes, aspectos afetivos na apresentação da área.

Já no terceiro capítulo, o foco foi investigar, com base nos resultados obtidos na pesquisa de campo, a avaliação ambiental ou preferência ambiental dos usuários, possibilitando identificar os fatores de escolha de determinados lugares em detrimento a outros, para realização das atividades de lazer.

Apesar da cognição ambiental estar também indissociada à construção de um meio ambiente percebido, este aspecto não foi contemplado nesta dissertação, visto o foco não

ser a forma como se estruturam as imagens dos locais analisados. Entende-se que isto possa ser investigado por futuras pesquisas das Ciências Cognitivas.

Para análise da qualidade ambiental, Rapoport (1978) reconhece que meios diferentes originam componentes específicos diferentes (os físicos e os sociais), e que estudá-los é útil para compreensão do ambiente urbano.

CAPÍTULO 02 – PERCEBENDO E VIVENCIANDO OS ESPAÇOS DE LAZER

Para construção deste capítulo sobre a vivência nos espaços livres coletivos de lazer dos três estudos de caso: bairro Bomba do Hemetério, ZEIS Aritana e ZEIS Mustardinha, apresenta-se primeiramente, os procedimentos determinados para coleta de dados, referentes aos três métodos: observação incorporada (ALCÂNTARA, 2008), *walkthrough* e entrevista semiestruturada. Logo após, apresenta-se os resultados da pesquisa de campo, a fim de identificar as atividades de lazer realizadas, os espaços livres coletivos mais utilizados e suas principais características morfológicas, integrando as percepções da autora e dos usuários.

2.1 PROCEDIMENTOS OPERACIONAIS

2.1.1. Observação incorporada

Em razão dos tamanhos de duas das áreas de estudo – Bomba do Hemetério e Mustardinha - buscou-se utilizar como primeiro passo o método de *observação incorporada*⁸, para ter uma noção geral das mesmas. Este método permite uma boa interação do pesquisador com o lugar, deixando que o mesmo se revele.

A ênfase na incorporação de sentimentos e emoções ao fazer o registro pelo pesquisador durante a observação dos espaços percorridos permite, segundo Alcantara *et al* (2006, p.06) que o observador seja sujeito da “experiência vivenciada e consciente” no processo de avaliação cognitiva e roteirista de sua explicação”. O *Método de Observação Incorporada* foi desenvolvido no Grupo de Pesquisa Pro-LUGAR – Projeto e Qualidade do Lugar⁹, do PROARQ-FAU-UFRJ (ALCANTARA *et al*, 2006). Suas origens remontam a crítica a idéia de que a ciência para objetivar a realidade, separa os humanos do mundo em que vivem. Apoia-se na abordagem atuacionista da cognição¹⁰ e na empatia¹¹, para construir a compreensão da cognição experiencial.

Para aplicação deste método, se adotam os seguintes procedimentos (ALCANTARA, 2008, p.69-72):

- Breves exercícios de relaxamento e de respiração, buscando esvaziar a mente.

⁸ Este procedimento aproxima conceitos das ciências cognitivas, da psicologia, da antropologia e da filosofia oriental.

⁹ Informação disponível na página do Pró-Lugar, em < <http://www.fau.ufrj.br/prolugar>>, consulta realizada dia 01 de fevereiro de 2011.

¹⁰ A Abordagem atuacionista da cognição é proposta por Francisco Varela, Evan Thompson e Eleanor Rosch no livro: *A Mente incorporada* (2003).

¹¹ Empatia proposta pelo filósofo Evan Thompson, no livro: *Human Consciousness: From Intersubjectivity to Interbeing* (2005).

- Percursos e passeios à *deriva*¹²: primeiros contatos com o lugar sem diretriz pré-determinada, seguindo trajeto aleatório deixando-se levar pelos acontecimentos e sensações vivenciadas.
- Relatos de experiências vivenciadas impregnadas da intimidade com o lugar (relações de afeto e de repulsa), através de descrições livres, sobre as primeiras impressões sobre o lugar, atentando-se as suas reações corporais e emocionais, buscando complementar por meio de fotografias ou croquis os elementos ou eventos que atraíam sua atenção.
- Registrar os relatos (através de utilização de gravador ou caderno de anotações de campo) com naturalidade e riqueza de detalhes, para posterior releitura e análise dos dados coletados.

Como resultado, podemos obter relatos de observação do lugar mais sensíveis, por vezes, poéticos, que muitas vezes não são dados importância em levantamentos quantitativos e objetivos, ampliando a compreensão sobre o lugar, seus usos e comportamentos (ALCANTARA *et al*, 2006). Onde é possível se obter “pistas sobre aspectos que poderão ser confirmados *posteriormente*” (RHEINGANTZ *et al*, 2009, p.110). Estes devem permitir revelar de acordo com Alcantara (2008, p.71): “inquietações, identificar problemas, apontar impressões ambientais, vislumbrar qualidades, etc.”

Neste estágio inicial, prevaleceu a aplicação dos métodos quanto à visão do pesquisador sobre as áreas de pesquisa, a fim de registrar e analisar o ambiente físico e sua interação com as atividades da população. Alguns fatores se tornaram importantes para a realização da deriva e da observação incorporada, como: serem espaços livres de edificações; lugares públicos e onde as práticas de recreação pudessem ser observadas.

¹² Os situacionistas *foram integrantes de uma sociedade de ultra-esquerda*, International Situacionista, fundada em 1958, pelo escritor francês Guy Debord, composta por intelectuais, artistas alternativos e estudiosos de todo o mundo. Estes criticavam o modo de vida e o consumismo exacerbado imposto pelo capitalismo moderno, que de acordo com eles, havia transformado urbanismo em espetáculo e destruído as relações sociais (JACQUES 2003 *apud* Alcantara *et al* 2006).

A *deriva* é um método de comportamento experimental, também um procedimento de estudo psicogeográfico, proposto pelos *situacionistas*. Este visa um redescobrimento da cidade, através da desconstrução de pré-concepções, a partir do caminhar pelo ambiente sem ter uma direção pré-definida, permitindo que o meio urbano mostre seus próprios caminhos. Assim, ao se percorrer o espaço sem um rumo definido, os sentidos ao longo do caminho, favorecem a criação de novas situações e assim, vão sendo definidas as impressões sobre o ambiente.

2.1.2. *Walkthrough*¹³

Kevin Lynch (1997) pode ser considerado um dos precursores da criação e utilização do *walkthrough*, quando convidou grupos de usuários para participar de percurso pela área central da cidade de Boston, instrumento que foi desde então usado em análises de ambientes contruídos. De acordo com Rheingantz et al (2009, p.23), “sua realização permite identificar, descrever e hierarquizar as principais qualidades e defeitos de um determinado ambiente construído e seu uso”.

A aplicação deste instrumento requer dois grupos: o pesquisadores/observador (grupo de tarefas) e o usuário (grupo de participantes, tido como pessoa-chave nos aspectos a serem observados) do ambiente analisado.

O observador durante o percurso deve ir registrando todas as descobertas de várias formas: em mapas, plantas, *check-lists*, gravações de audio e de video, fotografias, desenhos, diários, fichas, etc. É importante destacar, que este deve planejar, conduzir e relatar o processo do percurso; motivar discussões entre os participantes sobre os assuntos que surgirem; registrar os comentários e notas e a localização dos problemas e potencialidades; fotografar e ordenar os registros. Para isto, este grupo deve se dividir na execução das tarefas.

Já o outro grupo, formado pelos participantes, pode ter composição variada, dependendo do objetivo da pesquisa e do número de participantes necessários, os quais devem realizar o percurso no local analisado, explicando os motivos das escolhas que fizer.

Baird et al (1985 *apud* Rheingantz et al, 2009) possui uma outra abordagem que subdivide a execução da tarefa em 04 procedimentos de *walkthrough*, que podem ser aplicados juntos ou separados: *walkthrough* geral (o próprio ambiente físico serve como estímulo para auxiliar os participantes a articularem suas reações a este ambiente, pode servir de base para a construção de outros instrumentos de pesquisa, como questionários ou outras observações específicas); *walkthrough* de auditoria de energia (relativo a desempenho energético), *walkthrough* de especialistas (onde se utilizam check-lists com especialistas sobre determinados aspectos) e o passeio *walkthrough* (o ambiente físico ajuda tanto

¹³ De acordo com Rheingantz et al (2009, p.23), *walkthrough* refere-se “a palavra de lingua inglesa que pode ser traduzida como passeio ou entrevista acompanhada”. Segundo o autor, são também utilizados os termos: *walkthrough-interview*, *walkthrough-evaluation*, análise *walkthrough* ou ainda Passeio *walkthrough*

participantes quanto pesquisadores na articulação de suas reações e sensações em relação ao edifício ou ambiente a ser analisado).

Nesta pesquisa, adotou-se o uso *walkthrough* geral, como uma etapa preliminar de conhecimento da área e de desenvolvimento de subsídios para as outras etapas da pesquisa. Porém, em vez de pré-determinar pontos de partida e chegada, deixou-se a critério dos próprios participantes, que neste caso, foram os líderes comunitários das áreas investigadas. Esta estratégia teve como objetivo, permitir que eles se envolvessem com a pesquisa e sentissem que podiam através de sua opinião, contribuir, apresentando as principais demandas do local por espaços de lazer e não realizando um percurso imposto pelo pesquisador.

Apesar da preocupação com o mínimo de interferência do observador/pesquisador na escolha dos percursos, das paradas realizadas e dos aspectos revelados em cada lugar, percebemos a dificuldade em manter o distanciamento crítico entre o observador e o objeto de estudo. Essa dificuldade fez com que assumíssemos a *abordagem experiencial*, registrando as próprias emoções e reações experienciadas, que foram atentadas e anotadas durante as interações com o ambiente.

- Aplicação na pesquisa:

Assim, buscou-se contato com dois líderes comunitários de cada área investigada, ao todo foram realizados 06 *percursos-entrevista*, em dias e horários diferentes com cada um separadamente, sendo possível ter um panorama geral dos aspectos positivos e negativos de cada lugar, das experiências e vivências dos entrevistados no lugar. Possibilitando identificar as principais atividades de recreação e convívio dos moradores e as principais áreas de interesse, espaços de recreação e sociabilização, para posterior aplicação das entrevistas semiestruturadas.

Após explicação do que tratava a pesquisa, pediu-se que o líder comunitário levasse o pesquisador pelo bairro, indo aos pontos que reconhecia como pontos de recreação e convívio dos moradores.

Mesmo com as orientações dadas no início da aplicação do instrumento, outros aspectos do bairro também foram abordados pelos líderes, como infraestrutura, envolvimento de jovens com as drogas, questões político-administrativas, entre outros que julgavam que o

pesquisador deveria saber. Isso reforçou a idéia de que não se pode estudar algo de modo isolado, mas na sua totalidade.

Ao longo do percurso, foram anotados relatos dos líderes comunitários entrevistados, fotografadas as paradas realizadas e desenvolvidos mapas de caracterização da área desde o ponto de vista do guia, o líder comunitário. Evitou-se o uso do gravador nesta situação, pois se observou que isto inibia os participantes de relatarem críticas a gestão pública e aos vizinhos, de uma forma geral. Através dos relatos dos líderes, foi possível apontar categorias de importância, com o fim de identificar fatores relevantes para pesquisa.

2.1.3. Entrevistas Semiestruturadas

Optou-se pela aplicação da entrevista semiestruturada com os moradores, por ter se mostrado adequada à experiência nos lugares pesquisados. Uma listagem de tópicos que podem ser respondidos numa conversação informal, não precisando segui-los na ordem pré-estabelecida, foi testada e adotada, depois de tentativas com questões abertas, se mostrando insatisfatória por ter havido pouco estímulo por parte dos moradores locais.

Além do mais, quando se perguntava sobre as atividades de lazer que realizavam, os entrevistados não se referiam ao lazer cotidiano, do dia a dia, mas ao lazer turístico, o qual não era o foco da pesquisa, além de outras dificuldades de comunicação entre o pesquisador e os moradores.

Desta forma, utilizaram-se os dados coletados nas etapas anteriores e na aplicação do pré-teste (10 entrevistas com os moradores da Bomba do Hemetério, que neste caso funcionou como um teste-piloto) sobre as atividades realizadas pelos moradores, para reformular a entrevista. Buscou-se o recurso visual, através do desenvolvimento de uma grade com imagens¹⁴ de atividades de lazer e recreação, obtendo mais atenção e interesse por parte dos entrevistados em participar da pesquisa¹⁵, além de ter tornado mais rápido o processo de aplicação.

As perguntas conduzidas foram:

¹⁴ As imagens foram adaptadas pela autora, através de imagens obtidas em sites com fins educacionais.

¹⁵ O uso de mapas, desenhos, fotografias, esquemas ou jogos podem tornar o instrumento mais atraente e convidativo de acordo com Zeisel (1981 *apud* ALCANTARA *et al*, 2008). O recurso visual em entrevistas ou questionários, é considerado como outro instrumento por alguns autores como Sanoff (1991 *apud* RHEINGANTZ *et al*, 2009), podendo ser chamado por *Visual Preferences*, *Photo Questionnaires* ou *Seleção Visual*.

- QUANTO AO PERFIL DO ENTREVISTADO
(nome, idade, profissão, endereço, pertencimento a associações ou grupos de moradores).
- QUANTO A COMPREENSÃO SOBRE O LAZER
 - O que é lazer para você?
 - Você acha que há lazer no seu bairro/comunidade? Qual? (Caso responda sim).
- IDENTIFICAÇÃO COM O LOCAL ONDE MORA:
 - Você gosta da sua comunidade? porque?
- ATIVIDADES DE LAZER NO LOCAL ONDE MORA (LAZER DE VIZINHANÇA):
 - Que atividades você faz como recreação e sociabilização no seu bairro? onde?
 (FIGURA 5)
- ATIVIDADES DE LAZER DO ENTORNO:
 - Existem outros lugares que você frequenta fora do bairro? quais? como vai até lá? vai com outras pessoas? faz o que lá?

Figura 5: Recurso visual nas entrevistas sobre as atividades de lazer cotidianas.

Universidade Federal de Pernambuco . Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Urbano

Que atividades você faz como recreação e sociabilização no seu bairro?

 1. JOGAR BOLA	☐	 5. JOGAR DOMINÓ, DAMA, BINGO OU CARTAS	☐	 9. ANDAR DE BICICLETA	☐	 13. GRUPOS DE ORAÇÃO	☐
 2. JOGAR SINUCA	☐	 6. EMPINAR PIPA	☐	 10. CONVERSANDO/OBSERVANDO MOVIMENTO DA RUA	☐	 14. TERREIROS	☐
 3. DANÇAR	☐	 7. COMER OU BEBER COM AMIGOS	☐	 11. CAMINHADA (EXERCÍCIOS FÍSICOS)	☐	 15. EXERCER PAPEL DE LIDERAR E ACOMPANHAR GRUPOS	☐
 4. GRUPOS MÚSICAIS PARTICIPAR ASSISTIR	☐	 8. GRUPOS ARTÍSTICOS PARTICIPAR ASSISTIR	☐	 12. BRINCAR DE AMARELINHA	☐	 16. OUTROS	☐

Onde se pratica? (Assinalar no mapa).

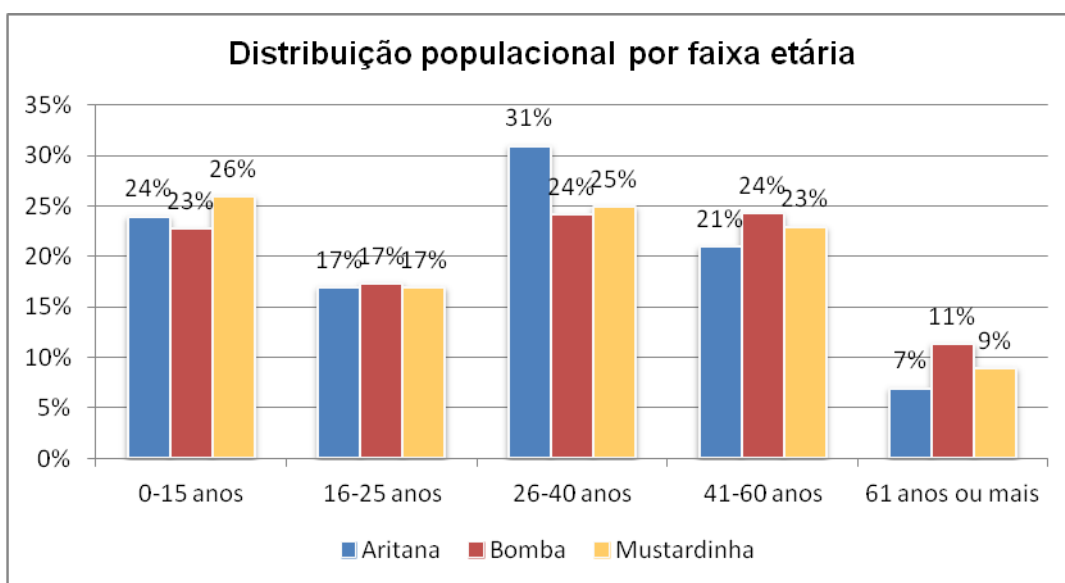
Obrigada pela atenção!!!

Fonte: a autora, 2011.

Visto a aplicação rápida deste instrumento (em média de 15 min) foi possível coletar relatos espontâneos dos entrevistados, sobre suas opiniões a respeito do lazer no local onde moram, que iam além do que havia sido perguntado. Estes foram identificados mais a frente, como os motivos que levam os usuários frequentarem determinados locais.

Apesar da pesquisa qualitativa não requerer uma quantidade percentual de amostragem coletada, buscou-se uma maior diversificação possível quanto a distribuição dos entrevistados por sexo e faixa etária. Todavia, visto a não homogeneidade desta na realidade, buscou-se um apoio em dados do Censo do IBGE 2010 (GRÁFICO 1), para poder ter uma distribuição mais próxima do panorama real de distribuição populacional nas áreas, visto que a porcentagem do número de crianças não deveria ser igual a de idosos, por exemplo.

Gráfico 1: Distribuição populacional por faixas etárias.



Fonte: Dados do IBGE – censo 2010, produzido pela autora, 2011.

Foi realizada uma média entre as porcentagens encontradas nas 03 áreas, a fim de criar um referencial para a coleta (TABELA 1). Apenas o grupo da faixa etária de 26-40 anos de Aritana, se mostrou mais destonante das outras porcentagens.

Tabela 1: Distribuição média dos entrevistados por faixa etária

FAIXAS ETÁRIAS	PORCENTAGEM
0-15	24%
16-25	17%
26-40	27%
41-60	23%
ACIMA DE 60 ANOS	9%
TOTAL	100%

Fonte: a autora, 2011.

Apesar da referência de distribuição por faixa etária e por sexo, referentes aos dados do Censo do IBGE, algumas dificuldades encontradas em campo, influenciaram a falta de precisão em alcançar as porcentagens referenciais do IBGE, como:

- A dificuldade de comunicação com crianças (aparentes medo e timidez). Quando se conseguiu comunicar com elas, estas estavam agrupadas e aproveitávamos para entrevistar o grupo, visto a homogeneidade das repostas e cumplicidade na realização das atividades.
- Alguns grupos foram mais entrevistados do que outros, como o de adultos, visto que estes se faziam mais presentes nas ruas.
- O grupo em idade idosa não fazia muito presente nas ruas e calçadas, os que haviam tinham receio de participar da entrevista. Quando se conseguia entrevistar um idoso mais eloquente, era possível coletar relatos bastante interessantes sobre o local.

Foram aplicadas 111 entrevistas nas 03 áreas de investigação, que se distribuiu de acordo com as Tabela 2 e Tabela 3.

Tabela 2: Entrevistas semiestruturadas realizadas (n. de pessoas)

FAIXAS ETÁRIAS	No. DE ENTREVISTADOS NAS ÁREAS ANALISADAS			TOTAL
	BOMBA DO HEMETÉRIO	ARITANA	MUSTARDINHA	
0-15	11	9	6	26
16-25	11	4	3	18
25-40	11	5	7	23
41-60	17	6	7	30
ACIMA DE 60 ANOS	10	3	1	14
TOTAL	60	27	24	111

Fonte: a autora, 2011.

Tabela 3: Entrevistas semiestruturadas realizadas (%)

FAIXAS ETÁRIAS	REFERENCIA PERCENTUAL (IBGE – CENSO 2010)	No. DE ENTREVISTADOS NAS ÁREAS ANALISADAS (%)		
		BOMBA DO HEMETÉRIO	ARITANA	MUSTARDINHA
0-15	24%	18,3%	33%	25%
16-25	17%	18,3%	15%	13%
26-40	27%	18,3%	19%	29%
41-60	23%	28%	22%	29%
ACIMA DE 60 ANOS	9%	17%	11%	4%
TOTAL	100%	100%	100%	100%

Fonte: a autora, 2011.

Após esta etapa, buscou-se contato com as lideranças das áreas investigadas, através da equipe técnica de assessoria social da URB-Recife, no caso das Zeis Aritana e Mustardinha e do Projeto Social Bombando Cidadania¹⁶, no bairro da Bomba do Hemetério.

Para análise e interpretação dos relatos do pesquisador, dos líderes comunitários e dos usuários, foram utilizados procedimentos de dois métodos que possuem o discurso como objeto, bastante utilizados em pesquisas qualitativas: Análise do Discurso e Análise de Conteúdo.

- Análise do Discurso¹⁷, onde eram extraídas das entrevistas e depoimentos, os principais trechos de interesse para a pesquisa, revelando aspectos da área e das práticas sociais referentes ao lazer, que refletissem o pensamento coletivo. Esta possibilitou a identificação dos principais locais utilizados para realização de atividades de recreação e os motivos que os usuários possuem para frequentá-los.
- Análise de Conteúdo¹⁸, onde se utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrições dos conteúdos de mensagens, através de desmembramentos do texto em unidades, relacionando-as por agrupamentos em categorias. Tendo sido utilizado para avaliar a frequência com que eram mencionados os espaços livres coletivos mais utilizados para realização das atividades de lazer.

A princípio, os resultados obtidos foram interpretados separadamente e, posteriormente, foram comparados, resultando numa análise posterior, entre os aspectos físicos do local com o perfil das atividades recreacionais.

¹⁶ Descoberto durante participação no estágio-docência na disciplina Oficina de Arquitetura, Urbanismo e Paisagismo-1, do Curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal do Pernambuco, coordenada pelo professor Luís de la Mora em 2011.1, como Atividade Integrada de Extensão, Pesquisa e Ensino, desenvolvendo o Projeto de requalificação dos espaços públicos, livres e fechados, do bairro da Bomba do Hemetério, onde foi possível acompanhar a realização e discussão de propostas de melhorias urbanas junto a moradores e líderes comunitários.

¹⁷ Originada nos estudos de linguística e comunicação.

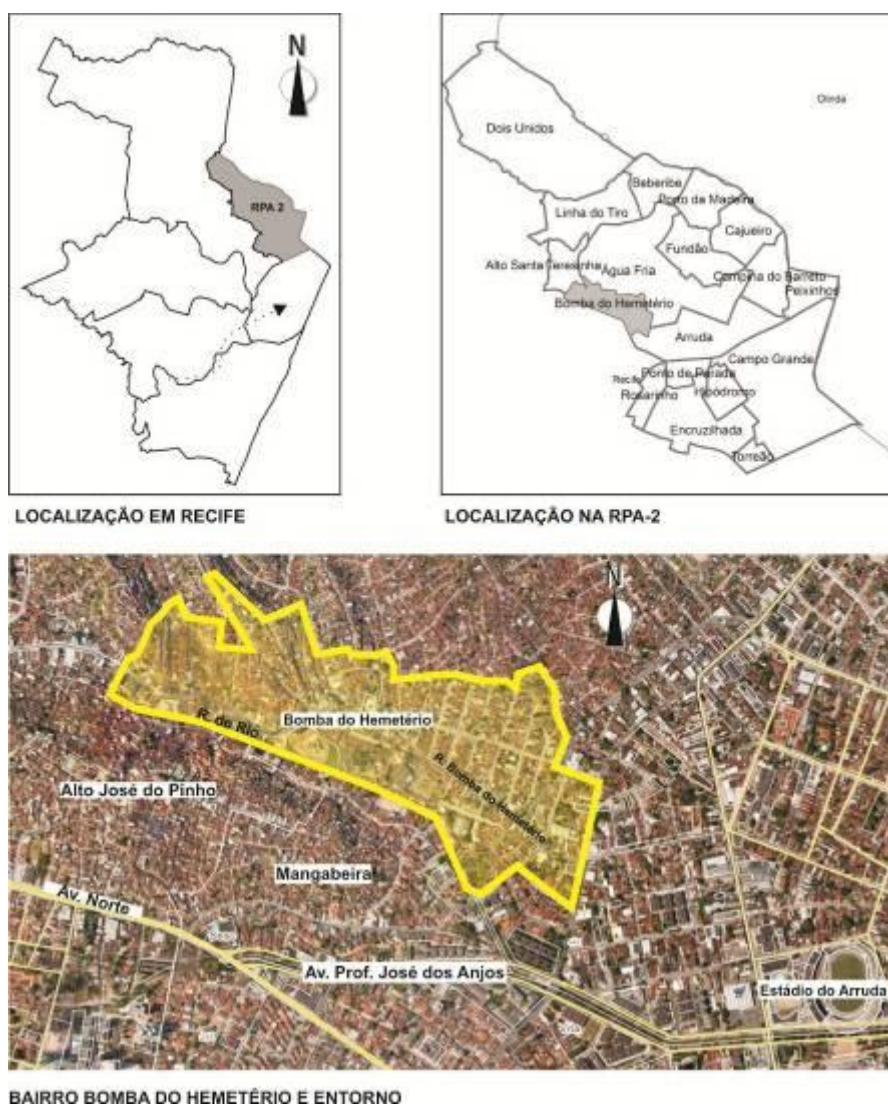
¹⁸ O método de análise de conteúdo da psicóloga Laurence Bardin (1995) foi utilizado por ela na investigação psicossociológica e no estudo de comunicações de massa. A origem deste se dá nos estudos de linguística e na psicologia social.

2.2. CASO 1: BAIRRO BOMBA DO HEMETÉRIO

A Bomba do Hemetério é um bairro localizado na Zona Norte de Recife, boa parte de sua área está dentro da ZEIS Casa Amarela, localizada em morros na RPA-2. O local é bastante denso e com alguns trechos em condições precárias de moradia. Apesar de o bairro situar-se em local periférico da cidade (MAPA 02), está próximo a corredores de transporte importantes.

De acordo com o Censo do IBGE (2010) possui um total de 8.472 habitantes distribuídos numa área de 0.44 km².

Mapa 2: Localização do bairro Bomba do Hemetério na cidade do Recife.



Fonte: Adaptada do Google Earth pela autora, 2011.

A área apresenta enorme potencial de capital social, visto a existência de diversos grupos de blocos carnavalescos e maracatus do Recife, como o Maracatu Nação Elefante, fundado em 1800, e outros grupos como o Boi de Nelson ou Boi Teimoso, a Gigantes do Samba, a troça Abanadores do Arruda e o Maracatu Nação Estrela Brilhante.

2.2.1. Primeiras impressões: observação incorporada

- RUA DO RIO

A Rua do Rio é uma via secundária, paralela a Rua Bomba do Hemetério, fica entre o morro do bairro Alto José do Pinho e uma densa malha urbana lindeira ao Canal Córrego do Euclides (FIGURA 6). Seu traçado é mais sinuoso, pois acompanha a curva de nível do *pé do morro*, e lá ficam situadas sedes de algumas agremiações (Universidade do Samba¹⁹), associação de moradores (eskilaibe, considerada no bairro Alto José do Pinho), Grupo de moradores (Grupo Entreamigos) e o Comitê do Programa Social Bombando Cidadania²⁰.

A princípio, foi realizado percurso à *deriva* para escolha desta via como elemento de análise. Ao percorrê-la, foi possível observar que esta é estreita e possui pavimentação precária com buracos e trechos alagáveis. A arborização é rarefeita e a iluminação precária.

A Rua do Rio apesar do barulho e a algazarra dos jogos de bola na Rua (FIGURA 7), se mostrou um local muito rico de vida social. Não se trata de uma via de passagem principal, porém se presta ao convívio, podendo-se verificar bastante interação social entre os vizinhos.

¹⁹ Grêmio recreativo cultural Escola de Samba Unidos do Eskilaibe, liderada a 32 anos por Adeilson (sr.Ninô), abriu carnaval de olinda 2012, seus participantes são na maioria crianças e jovens da comunidade.

²⁰ O Projeto Bombando Cidadania, criado em 2008, é uma iniciativa de algumas empresas privadas, que promovem ações sociais, visando a melhoria na qualidade de vida da comunidade do bairro Bomba do Hemetério, através do Desenvolvimento Econômico Local, aproveitando as potencialidades existentes. Estão envolvidos neste: o Instituto Walmart, Instituto Aliança, Agência Norte Americana de Desenvolvimento Internacional (USAID), ONG Auçuba, IADH, Aliança Empreendedora, Sebrae e Unicef, há também como parceiros: Fundação Nestlé, Instituto Qualidade do Ensino e Laboratório EMS, Núcleo de Decoração de Pernambuco, Celpe e Ministério da Educação, que atuam desde de 2009 <Fonte: [http:// www.iwm.org.br/](http://www.iwm.org.br/)> acessado Dezembro de 2010.

Figura 6: Foto aérea da Rua do Rio



Fonte: Google Earth 2010, adaptada pela autora, 2011.

Figura 7: Jogo de bola na Rua do Rio



Fonte: a autora, 2011.

- RUA BOMBA DO HEMETÉRIO

A Rua Bomba do Hemetério, a principal do bairro, possui diversidade de uso (MAPA 3), como se observa pela presença de feiras ao ar livre, comércios varejistas, serviços, residências unifamiliares e alguns equipamentos públicos, como posto de saúde e escolas. Esta tem um leito carroçável largo, que a torna uma via de conexão de diversos bairros do entorno, se configurando como um ponto de passagem.

Destaca-se a utilização de alguns dos espaços livres para uso das feiras, presentes também nos bairros do entorno²¹. Observou-se que enquanto as pessoas fazem as compras semanais (FIGURA 8 e 9), conversam com os pequenos comerciantes e vizinhos. Apesar dos conflitos gerados pela sobreposição do uso comercial com a circulação de pedestres e veículos, suas propriedades organolépticas²² compõem o *genius loci*²³, podendo ser tida como um símbolo do bairro.

“A rua tem tantas cores que vem das fachadas e dos produtos vendidos nas calçadas, como vasos cerâmicos e frutas e verduras, até eletrodomésticos e bolsas. Sons e cheiros espalhados por toda extensão da via, os sons vinham das pessoas das feiras, dos carros, das conversas das pessoas que estavam esperando ou negociando e os cheiros vinham dos produtos” (**Depoimento da pesquisadora, dia 02 de junho de 2011**).

O comércio é diversificado, porém é bastante desorganizado, as calçadas são ocupadas pela extensão das atividades (FIGURA 10 e 11). Desta forma, o trânsito na rua principal do bairro

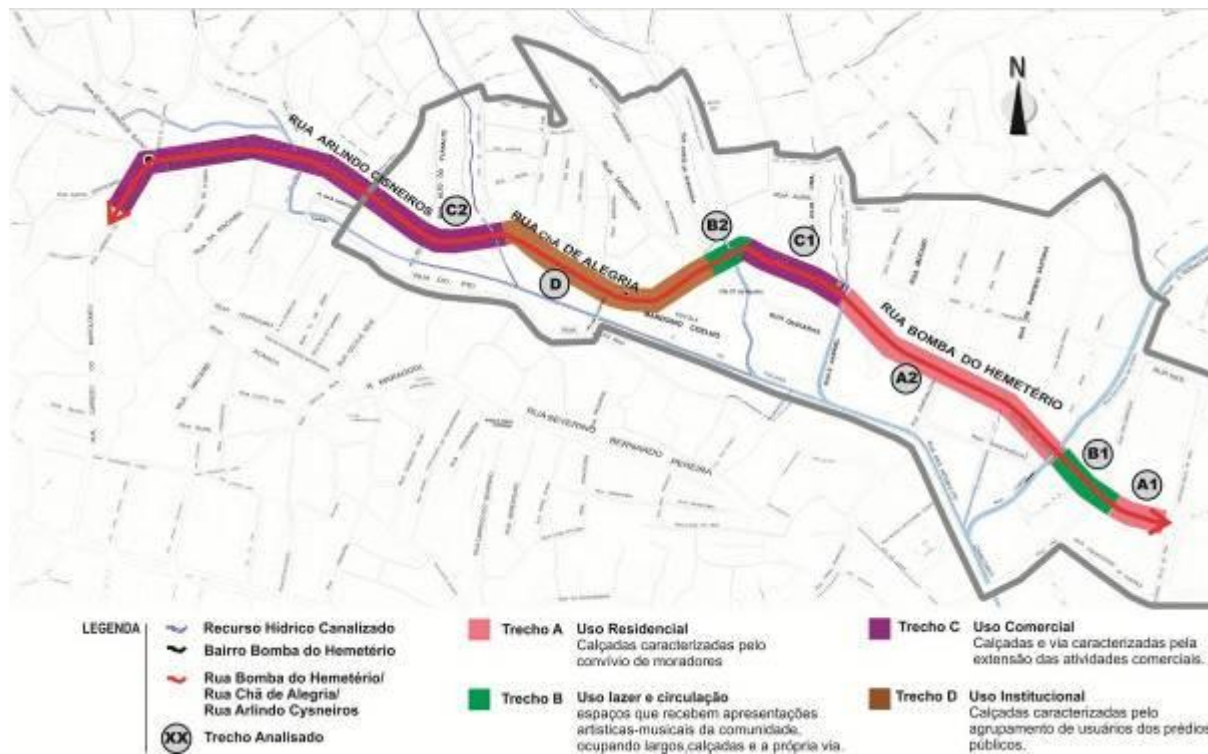
²¹ As feiras são observadas no bairro de Água Fria, principalmente no entorno do Mercado da água fria.

²² Propriedades organolépticas referem-se aos sentidos humanos, quanto a cor, paladar, odor etc que contribuem para percepção de espaços.

²³ Genius loci, termo utilizado por Norberg-Schulz (1980) para descrever o espírito do lugar.

fica sobrecarregado e há conflitos entre pedestres e veículos, visto a dificuldade de se caminhar pelos passeios, as pessoas tendo que circular junto aos carros.

Mapa 3: Ocupação do solo na Rua Bomba do Hemetério



Fonte: a autora, 2011.

Figura 8: Feira na calçada da Rua Bomba do Hemetério



Fonte: a autora, 2011.

Figura 9: Feira ocupando esquina da Rua Bomba do Hemetério



Fonte: a autora, 2011.

Figura 10: Ocupação das calçadas por comércio.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 11: Ocupações das calçadas em frente aos bares.



Fonte: a autora, 2011.

Ao longo do trajeto pela via principal do bairro, o **Largo Castro Alves**²⁴ se mostrou como um local multifuncional por receber diversas atividades recreacionais e comerciais, conforme foi observado em algumas visitas. Este se mostrou em cada situação de uma forma diferente, com instalações provisórias para parque de diversões e para eventos, com palcos e toldos (FIGURA 12 e 13).

Figura 12: Instalação de parque de diversões no Largo Castro Alves.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 13: Pequenos pontos de comércio informal no Largo Castro Alves.



Fonte: a autora, 2011.

Além disso, o local é um dos Pólos oficiais de carnaval da cidade e também recebe apresentações artísticas de alguns grupos do bairro e entorno. Contudo, apesar de ser um local de importância recreacional e para as manifestações socioculturais da população. Na maior parte do tempo abriga jogos de futebol nos finais de tarde e atividades comerciais

²⁴ O nome do bairro atribui-se, segundo relato de líderes comunitários, a um senhor que morava no entorno do largo Castro Alves, por volta de 1930, chamado Hemetério, que tinha um poço de água, onde os moradores pediam-lhe água.

informais, como: pontos de venda de frangos, barracas de vendas de peixes e aquários e barzinhos.

As escadarias dos morros que contornam o bairro e outras que dão acesso ao entorno, são acessos construídos pelos próprios moradores ao longo dos anos de ocupação dos morros²⁵, sendo os lugares que guardam as melhores vistas do local (FIGURA 14 e 15). Estas se caracterizam, muitas vezes, como o acesso principal há algumas sedes de agremiações do Pólo da Bomba do Hemetério²⁶.

“As escadarias pareciam mais interessantes a cada sinuosidade...e quando vi estava lá em cima, tendo uma vista interessantíssima. Aí havia um ar de mistério, por não se saber o que existia do outro lado da curva, e a cada parada na escada, tinha-se **uma paisagem muito bonita de toda uma região de morros**. Havia silêncio em pleno sábado a tarde (...) haviam trechos totalmente limitados por **muros cegos das casas**....Acho que por isso, pareciam inseguros e não haviam pessoas (...) A escadaria possui degraus desconfortáveis, pois não há muitas paradas...então é muito cansativo.Também **não há onde segurar, falta proteção**”. (depoimento pesquisadora, 02 de junho de 2011)

Observou-se que o início das escadarias são como uma espécie de “portal” do local, onde as pessoas costumam se reunir para conversar, ouvir música, comer e beber com seus vizinhos (FIGURA 16).

Figura 14: Escadaria do Alto José do Pinho



Fonte: a autora, 2011.

Figura 15: Piso irregular e falta de proteção em escadaria.



Fonte: a autora, 2011.

²⁵ A ocupação dos morros da Zona Norte do Recife é reflexo da expansão urbana iniciada nos anos 40 (séc. XX) pelas famílias expulsas dos mocambos das áreas centrais, estas ocuparam colinas de Casa Amarela, continuando nos anos 60, pelos desalojados pelas enchentes e adensadas por população proveniente do êxodo rural e áreas pobres e superpovoadas da cidade (BITOUN, 2005).

²⁶ Termo denominado pela Fundação Paulo Freire, onde são mapeadas agremiações culturais e manifestações socio-culturais significativas.

Figura 16: Início da escadaria coberta pelos moradores



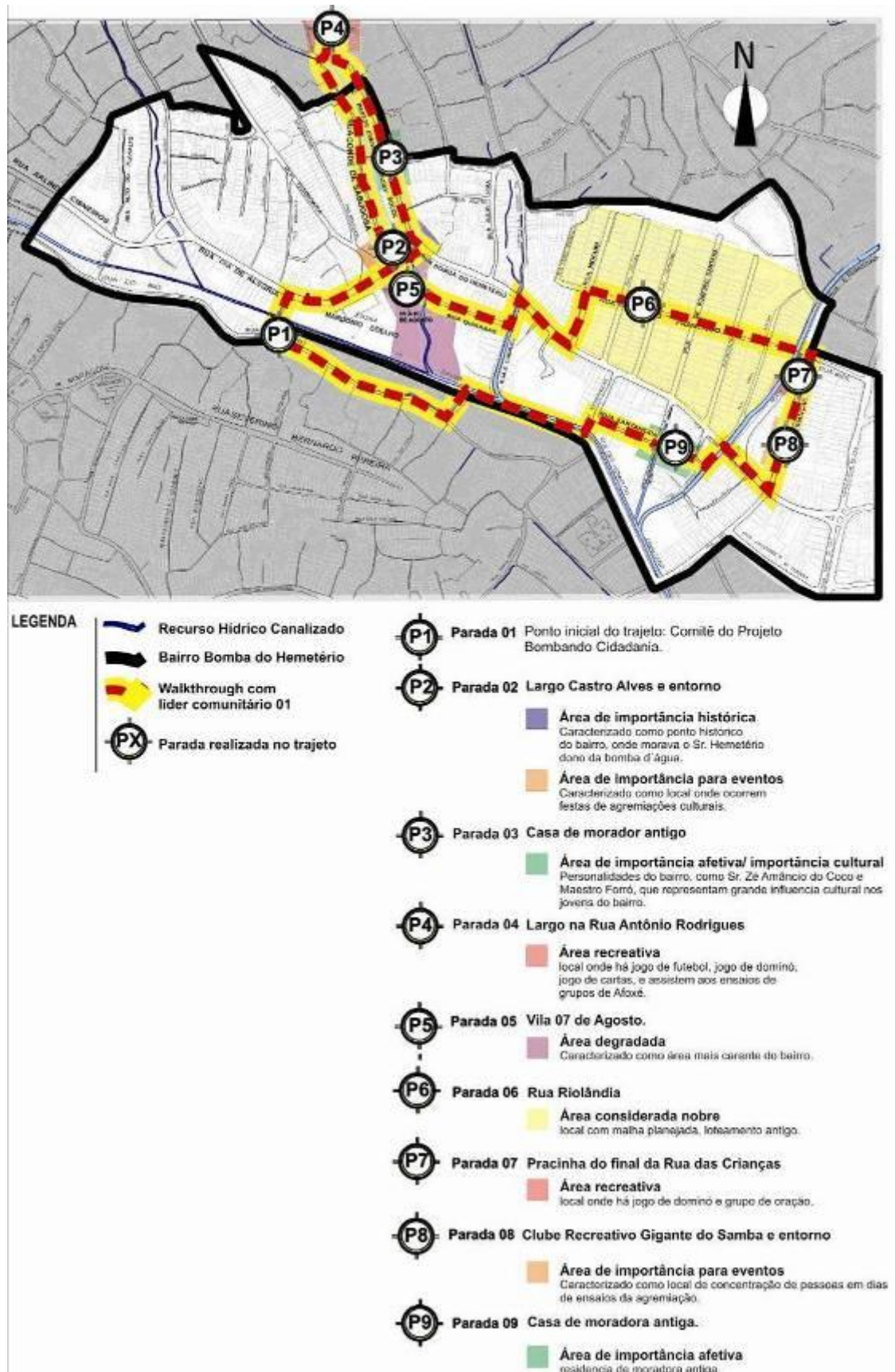
Fonte: a autora, 2011.

2.2.2. Conhecimento geral da área: através do *walkthrough*

Depois de verificar algumas áreas que se mostraram potencialmente importantes para a pesquisa, buscou-se contato com dois líderes da comunidade, e aplicou-se o *walkthrough*, em dias e horários diferentes com cada um separadamente, sendo possível ter um panorama dos aspectos positivos e negativos do lugar, a partir das experiências e vivências do entrevistado no lugar.

No primeiro *walkthrough* (MAPA 4) foram realizadas mais paradas com observações detalhadas, causadas pela experiência e vivência do líder comunitário, morador antigo da comunidade tendo este nascido e vivido por mais tempo no local. A família deste vive no local há mais tempo.

Mapa 4: Análise Walkthrough 01 – bairro Bomba do Hemetério



Fonte: a autora, 2011

O bairro foi apresentado pelo líder comunitário 01 pela sua riqueza cultural e social, escolhendo caminhos que passassem próximo aos clubes e agremiações, como: a *Parada 01* – Comitê do Projeto Social Bombando Cidadania (FIGURA 17) e a *Parada 08* - Clube Recreativo Gigante do Samba, que foi fundada há cerca de 70 anos, é uma das agremiações mais antigas do Recife; e as casas de moradores antigos e importantes para história do bairro, como a *Parada 03* – Casa do Sr. Amancio do Coco (FIGURA 18), o qual atribuiu importância quanto às raízes culturais locais, relacionadas a herança musical e a *Parada 09* - Casa de moradora antiga, que havia passado por problemas referentes às chuvas, passando vários dias ilhada em sua casa, devido grande quantidade de água na rua que mora chamada Rua Santanézia.

Figura 17: Parada 01: Comitê Bombando Cidadania



Fonte: a autora, 2011.

Figura 18: Parada 03: Casa de morador antigo



Fonte: a autora, 2011.

Alguns espaços se destacaram quanto a sua importância para o lazer, como: a *Parada 02* – Largo Castro Alves (FIGURA 19), onde além de ser atribuída a história do bairro, foi destacada a importância para a realização de eventos da comunidade e a *Parada 04* – Largo na Rua Antônio Rodrigues²⁷ (FIGURA 20), local onde a rua se alarga e os jovens se reúnem para jogar futebol e realizar apresentações de afoxé.

²⁷ Como esse espaço está fora da área de análise e não foi citado por nenhum dos entrevistados, ver capítulo a seguir, não o incluímos como local de análise.

Figura 19: Parada 02: Praça Castro Alves



Fonte: a autora, 2011.

Figura 20: Parada 04: Largo em rua do entorno



Fonte: a autora, 2011.

A Parada 07 - Pracinha da Rua das Crianças x Rua Riolândia (FIGURA 21), também foi apresentada como local de lazer para a comunidade, possuindo uma ocupação diferenciada em 02 partes: uma fechada com grade, com mobiliário e coberta, organizada e mantida por mulheres que realizam reuniões de grupo de orações; o outro lado é coberto também, porém não possui gradeamento, destinado ao jogo de dominó de associação, composta por homens mais velhos, com a existência de mesinhas e bancos de concreto.

Figura 21: Parada 07: Pracinha gradeada e coberta.



Fonte: a autora, 2011.

Os contrastes do bairro foram apontados nas paradas 05 e 06, respectivamente: a Vila 07 de agosto (Área degradada e carente do bairro), que possui trecho em estado de risco, construído em cima de canal, mas na entrada possui aglomeração de moradores (FIGURA 22), e o entorno da Rua Mocuri, considerada como o “local mais rico” em função do seu traçado mais regular (FIGURA 23).

Figura 22: Parada 05: Acesso à Vila 07 de Agosto



Fonte: a autora, 2011.

Figura 23: Parada 06: Rua Mocuri



Fonte: a autora, 2011.

Ainda foi possível observar a organização social dos vizinhos através da apresentação de pequenos grupos de moradores que coordenam atividades recreativas na rua, destacando-se o *Grêmio da Universidade do Samba Unidos do Escailaibe* que organiza festas de São João, dia das crianças e blocos de carnaval e o Grupo Entreamigos, que promove torneios de futebol e de dominó. Para ambos, apesar da falta de recursos e apoio do poder público, a iniciativa de promover lazer para a comunidade é uma forma de trazer alegria a vizinhança.

O segundo²⁸ *walkthrough* (MAPA 5) foi guiado para paradas mais próximas da casa da líder comunitária, e também foi mais curto, devido a mesma se tratar de uma dona de casa, preocupada com os afazeres domésticos. Apesar disso, este foi guiado para lugares diferenciados.

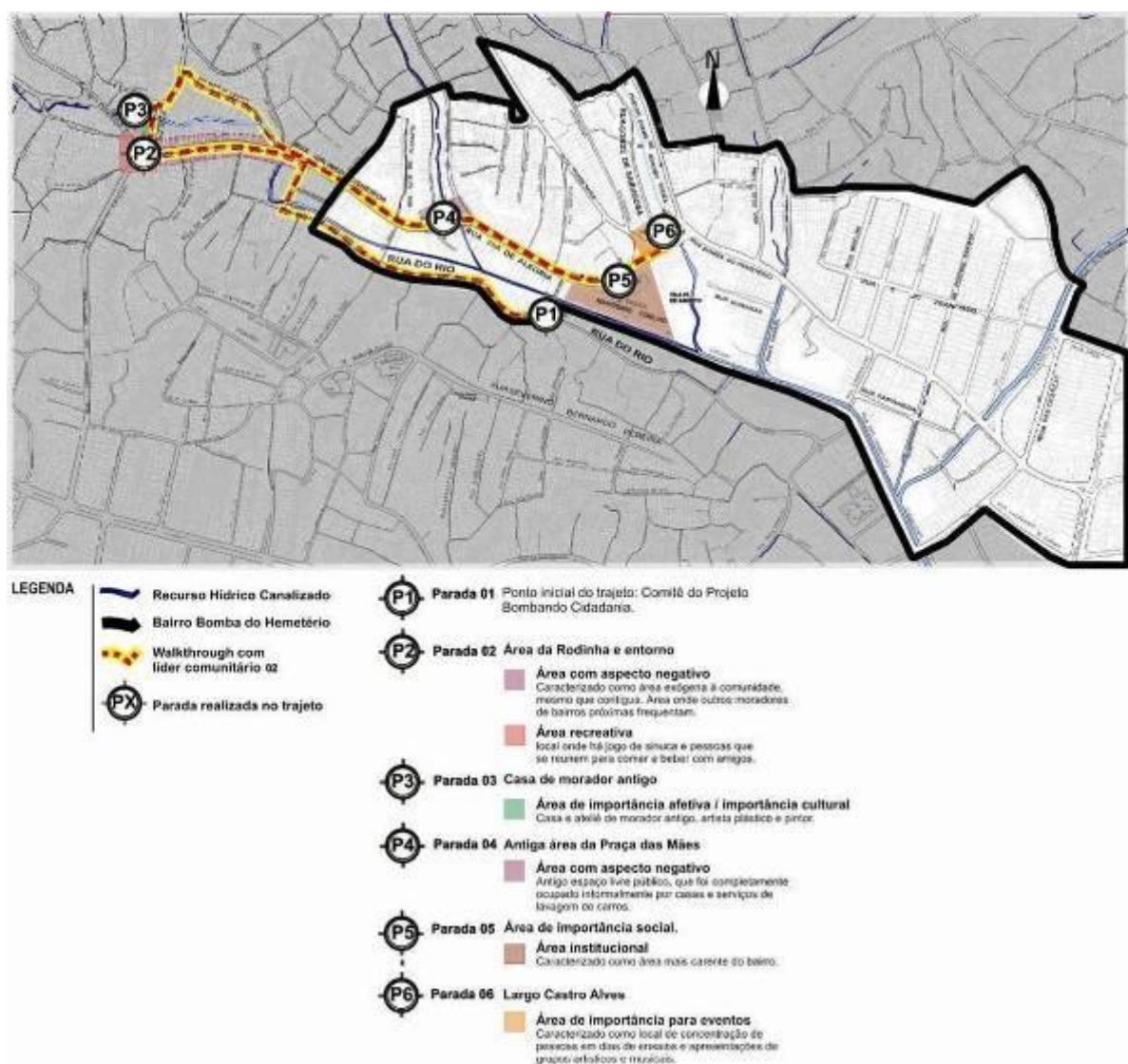
Quanto a importância social, novamente foi apontada a *Parada 01* - Comitê do Projeto Social Bombando Cidadania, e a *Parada 05*: Escola Estadual Mardonio Coelho, que é equipamento público bastante representativo para o local, visto seu papel não só na educação, mas no próprio lazer dos moradores, pois a quadra abriga práticas esportivas da população nos finais de semana.

Como locais de aspectos negativos, destacam-se as: *Parada 02* - Área da rodinha (no final da Rua Arlindo Cysneiros), que é uma área denominada pelos moradores como “a rodinha” (FIGURA 24 e 25), pequeno giradouro que marca o acesso para diversos bairros do entorno, atraindo o fluxo de moradores de diversos bairros e se configurando como um território ou

²⁸ Realizado com líder, no dia 18 de junho de 2011, entre 11hs e 12hs.

área fora do bairro, de uso comercial intenso e a *Parada 04* - Antiga Área da Praça das mães, que devido a ocupação inapropriada por construções irregulares, como bares, lava-jatos, representa uma área privatizada que de acordo com líder comunitária deveria ser utilizada como local de lazer.

Mapa 5: Análise *Walkthrough* 02 - Bairro Bomba do Hemetério



Fonte: a autora, 2011.

Figura 24: Pequeno giradouro ocupado por bar



Fonte: a autora, 2011.

Figura 25: Jogo de sinuca no giradouro



Fonte: a autora, 2011.

Como locais de importância cultural, destaca-se a *Parada 03* - Casa de morador antigo (artesão do bairro), que foi mostrada como um espaço pouco valorizado, mas cheio de riqueza cultural, devido se tratar de casa de um artesão e morador antigo do bairro, onde funciona seu próprio ateliê, que possui na fachada esculturas de barro e detalhes com produtos reciclados construídos por ele (FIGURA 26), e o Largo Castro Alves, referente a Parada 06, destacado novamente quanto à importância para os eventos da comunidade.

Figura 26: Parada 03: Casa de artesão e morador antigo



Fonte: a autora, 2011

Destacaram-se alguns aspectos comuns a escolha das paradas do *walkthrough* 01 e 02, como os aspectos referentes à afetividade e importância cultural, onde foram valorizadas as casas de moradores antigos, considerados como personalidades do bairro que admiram, representando as raízes culturais locais.

O *walkthrough* conduzido por cada líder comunitário gerou o desenvolvimento das seguintes categorias de importâncias:

- a) *Áreas de importância histórica*: Largo Castro Alves e entorno;
- b) *Áreas de importância para eventos*: Largo Castro Alves; Clube Recreativo Gigante do Samba;
- c) *Áreas de importância afetiva/ importância cultural*: Casas de moradores antigos, que estão relacionados com as raízes culturais locais;
- d) *Áreas de importância recreativa*: Largo na Rua Antônio Rodrigues; Praça no final da Rua das Crianças; Área da Rodinha no início da Rua Arlindo Cysneiros;
- e) *Áreas degradadas / Áreas de aspectos negativos*: Área da rodinha; Antiga Praça das Mães;
- f) *Áreas consideradas nobres*: Rua Mocuri e entorno;
- g) *Áreas de importância social*: Escola Municipal Mardônio Coelho.

Observou-se que alguns espaços foram apontados como importantes por mais de um líder, apontando a complexidade gerada pelos diversos usos, conectividades viárias e potencialidades socioculturais. Outro fator observado é que no primeiro *walkthrough* foram realizadas mais paradas e atribuídas maior quantidade de tipos de áreas com diferentes importâncias, comparadas ao segundo *walkthrough*, visto a experiência e vivência do líder comunitário há mais tempo na comunidade, pois tendo este nascido e crescido no bairro utiliza mais áreas no cotidiano.

A partir dos resultados do *walkthrough* aplicado com os líderes da Bomba do Hemetério, foi possível identificar como:

- a) Principais atividades de recreação: jogar futebol; jogar sinuca; dançar; assistir/participar de grupos musicais; jogar dominó, dama, bingo ou baralho; empinar pipa; comer ou beber com amigos; assistir/participar de grupos artísticos; andar de bicicleta; conversar/observar movimento da rua; fazer caminhada

(exercícios físicos); brincar de amarelinha; reunir-se em grupos de oração; reunir-se em terreiros; exercer papel de liderança e acompanhar grupos, entre outros.

- b) Principais lugares onde ocorre recreação no bairro, pontos de aplicação das entrevistas: Praça Castro Alves, Rua do Rio e Rua da Bomba do Hemetério, entre outros que se enquadraram como locais secundários de observação.

2.2.3. Resultado das entrevistas

Para aplicação da segunda etapa da pesquisa, que identificou juntos aos moradores mais detalhes sobre as atividades de recreação e sociabilização realizadas; os tipos de espaços freqüentados e as preferências para escolha deles aplicou-se os instrumentos de observação direta e entrevista semiestruturada. Neste segundo momento buscou-se fazer as visitas de campo sem o acompanhamento dos líderes comunitários, para poder conseguir conversas diretas com as pessoas.

Observou-se através das 60 entrevistas semiestruturadas realizadas, que a maioria das pessoas mora desde que nasceram no bairro e que elas se mostram satisfeitas com o lugar onde moram e que têm orgulho da quantidade de grupos artísticos diversificados que existem no bairro e entorno.

As atividades de lazer mais apontadas foram conversar e observar o movimento da rua e reunir-se para comer e beber (TABELA 4). Destacaram-se também fazer caminhada; dançar; andar de bicicleta; reunir-se em grupos de oração; assistir ou participar de grupos musicais; jogar bola; empinar pipa; assistir ou participar de grupos artísticos; jogar dominó etc. Outras respostas também apontaram como lazer: diversas brincadeiras populares entre as crianças; jogar volleyball e queimada.

Tabela 4: Principais atividades de lazer - bairro da Bomba do Hemetério

ATIVIDADE	Nº. DE PESSOAS	%
CONVERSAR E OBSERVAR O MOVIMENTO DA RUA	31	52%
COMER OU BEBER COM OS AMIGOS	26	43,3%
CAMINHADA (EXERCÍCIOS FÍSICOS)	19	32%
DANÇAR	19	32%
ANDAR DE BICICLETA	18	30%
REUNIR-SE EM GRUPOS DE ORAÇÃO	17	28,3%
ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS MUSICAIS	16	27%
JOGAR BOLA	15	25%
EMPINAR PIPA	13	22%
ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS ARTÍSTICOS	12	20%
JOGAR DOMINÓ, DAMA, BINGO OU CARTAS	12	20%
JOGAR SINUCA	8	13,3%
REUNIR-SE EM TERREIROS	4	6,7%
PAPEL DE LIDERAR / ACOMPANHAR GRUPOS	2	3,3%
JOGAR AMARELINHA	1	1,7%
OUTROS (diversas brincadeiras populares, volleyball e queimada, banho de piscina, ir à praia, ir ao parque, assistir jogo de futebol, ir à academia, frequentar grupos de apoio social-psicológico, assistir tv sozinho etc)	20	33,3%

Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011

- JOGAR BOLA

O jogo de bola, a prática do futebol, acontece principalmente nas escolas públicas (GRÁFICO 2). Ressalta-se aqui o papel da Escola. Porque apesar de ser espaço fechado, atende uma grande demanda da população carente de espaços livres para recreação.

As ruas também foram apontadas entre os principais lugares de lazer (FIGURA 27 e 28). Um morador da Rua Quixabas apresentou o fato da rua não possuir pavimentação, sendo possível jogar descalço com seus amigos (FIGURA 29).

“gosto daqui porque a rua é de piçarra e **posso jogar descalço**” (W.G, 22 anos, estudante universitário, morador da Rua Quixabas).

Alguns entrevistados manifestaram sua insatisfação, com a presença de carros, motos e a existência de buracos nas vias, por prejudicarem a realização das atividades de lazer.

“jogar bola aqui onde moro **é ruim porque passa carro, moto e tem buraco**” (W.T, 15 anos, estudante, morador da Rua do Rio).

Entre os critérios mais mencionados pra escolha dos locais para a prática lazer, estão: locais que não incomodem ninguém; menor quantidade de tráfego nas vias; proximidade da casa; menor quantidade de buracos na via; o campo ser fechado, murado e coberto, para não precisar pegar bola na rua, evitando acidentes e as vias serem sem pavimentação para poder jogar descalço.

Também chamou a atenção a preocupação dos organizadores de torneios de futebol com a segurança das crianças, motivando a preferencia por espaços fechados, murados, que evitassem buscar bola nas ruas.

De acordo com um entrevistado, ex-líder comunitário e treinador de futebol, responsável pela Escolinha Unidos da Vila, que recebe ajuda de alguns jovens para treinar crianças de 8 a 12 anos como trabalho voluntário, essa é uma forma de tirar os jovens do risco social ao qual estão cercados, como as drogas e a criminalidade.

*“(...) trabalho com garotos nas quadras da Escola Mardonio Coelho e a Pça. Castro Alves. Na praça não tem quadra, mas na escola é bom porque **é próximo à casa** e é fechado, possui **quadra fechada, tem menos perigo de acidentes** (...) Quando os levo no bairro do Alto Monte do Pascoal, os meninos atravessam a rua para pegar a bola, é perigoso...(...)”*

*“(...) Ainda **tem o problema da droga em si**...lhe dando com garotos, se reponsabilizando por garotos, temos muito cuidado com eles (...)”* (R.C., 51 anos, treinador de futebol da escolinha Unidos da Vila, morador da Vila 07 de agosto).

Figura 27: Crianças jogando bola na Rua do Rio



Fonte: a autora, 2011.

Figura 28: Jogo de bola na Vila 07 de Agosto.



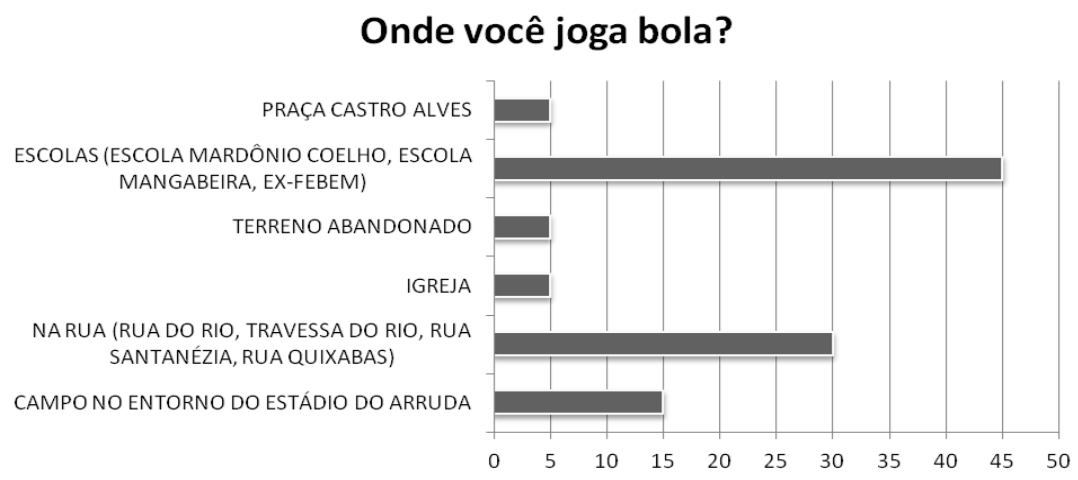
Fonte: a autora, 2011.

Figura 29: Rua Quixabas sem pavimentação



Fonte: a autora, 2011.

Gráfico 2: Locais para jogar futebol - Bomba do Hemetério.



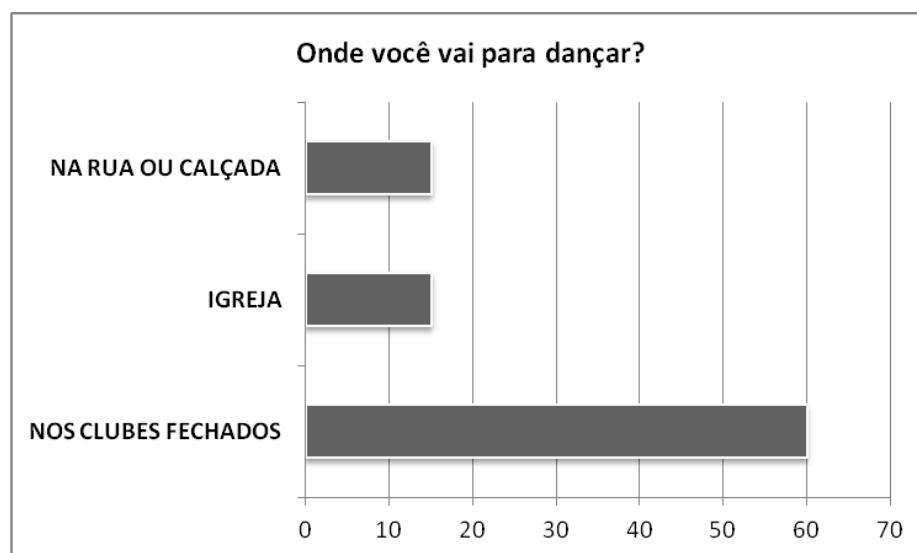
Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- DANÇAR

A prática da dança foi uma das atividades que se destacou nas respostas dos entrevistados (GRÁFICO 3), tanto pela emoção ao falarem, quanto pela busca por locais privados, como os clubes fechados. Os clubes mais citados são: Gigante do Samba, Clube Bela Vista, Clube Bom Sucesso, Abanadores do Arruda, Society.

Entre os critérios para escolha do local para dançar estão: preocupação com a reputação no bairro; escolha de locais melhores frequentados; tipo de música tocada; amizades no local; vínculo com agremiações culturais locais e tranquilidade no local.

Gráfico 3: Locais para dançar - Bomba do hemetério.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS MUSICAIS

A Praça Castro Alves foi indicada pelos entrevistados como local principal de realização desta atividade (GRÁFICO 4), embora exista muita insatisfação por parte dos moradores quanto a falta de programação permante no local, ficando restrito a valorização da prefeitura pela época do Carnaval, onde o local é um dos pólos da cidade (FIGURA 30).

“Aqui na Praça quando tem eventos, apresentações de bandas, músicos...**quando a prefeitura promove, a gente vai assistir**” (E.S., 32 anos, comerciante, morador da Rua Elza).

“quem busca encontra para todo final de semana ter aquilo certo e não tem não...**tem que pagar**...” (A.P., 24 anos, auxiliar de serviços gerais, morador da Rua do Rio).

“evento na Bomba do Hemetério não tem, **só teve 1 ano de carnaval**, organizado pela prefeitura (pólo de carnaval, com atrações).”(L.S., 19 anos, estudante, moradora da Rua da Bomba).

As agremiações culturais do bairro e os clubes privados são juntamente com as igrejas evangélicas, os demais lugares citados como opção para as pessoas assistirem ou participarem de apresentações musicais.

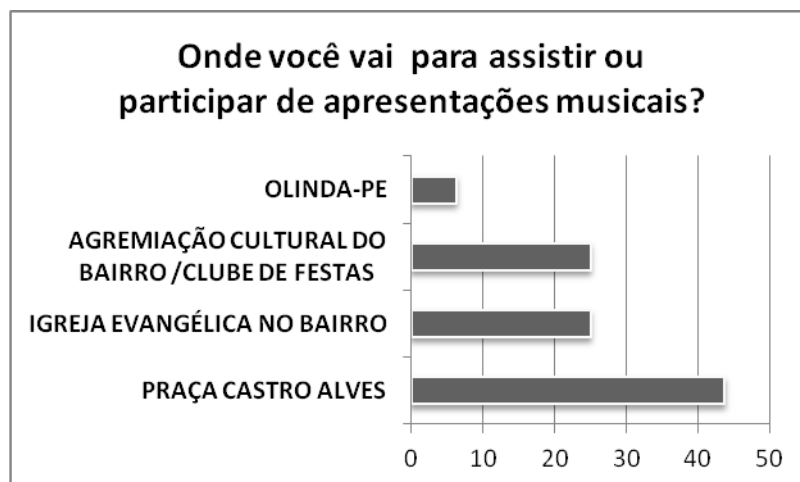
Entre os principais critérios para escolha do local estão fatores relacionados questões econômicas, quanto a gratuidade das entradas para festas

Figura 30: Instalações provisórias para eventos no Largo Castro Alves



Fonte: a autora, 2011.

Gráfico 4: Locais para assistir/participar de grupos musicais - Bomba do Hemetério



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- JOGO DOMINÓ, DAMA, CARTAS OU BINGO

Esta atividade se mostrou uma das mais intensas, ocorrendo principalmente nas calçadas das ruas, geralmente as mais sombreadas e regulares (GRÁFICO 5). Segundo relatos de moradores, existe uma grande quantidade de Ligas de dominó no bairro e proximidades, como as ligas: 07 de setembro; brasileiros; teimoso; Unidos da Alegria; Bola de ouro; São José; São Gabriel, entre outros que não possuem nome ou sedes próprias, mas tem organização.

Na Rua do Rio foi possível acompanhar o *Torneio Individual de dominó comunitário*²⁹ que reuniu cerca de 150 pessoas (FIGURAS 31 a 37). Nos relatos do organizador do torneio, observa-se a identificação com o local, os laços de solidariedade e as relações de vizinhança na organização e apropriação do espaço.

Para A.E., que organizam e promovem, há 32 anos, atividades recreativas e culturais na comunidade, a utilização da rua como local de festas se deve a falta de estrutura e recursos suficientes para as agremiações culturais, porém acredita que suas ações tiram crianças e jovens dos riscos das drogas, reforça o ciclo de amizades construído e o respeito conquistado ao longo dos anos.

“Estamos envolvidos há 32 anos na organização de festas de: São João, Dia das Crianças e blocos de carnaval. Junto com a Universidade do Samba, há ainda a criação da escolinha de percussão para crianças que abriu as prévias do Carnaval de Olinda -2012 é composto por cerca de 30 crianças, que se encaminham a ser ritmistas profissionais. Acredito que esse trabalho com crianças e jovens é **uma oportunidade de tirá-los das drogas**. Para mim e meus amigos, o ciclo de amizades construído ao longo desse tempo é algo mais importante que qualquer bem material, pois somos respeitados e vistos como exemplos” (A.E, morador da Rua do Rio, funcionário público, 50 anos).

Para o líder do Grupo Entreamigos, M.N., o qual era organizado no passado pelos pais dos atuais integrantes, é um prazer organizar eventos com vizinhos.

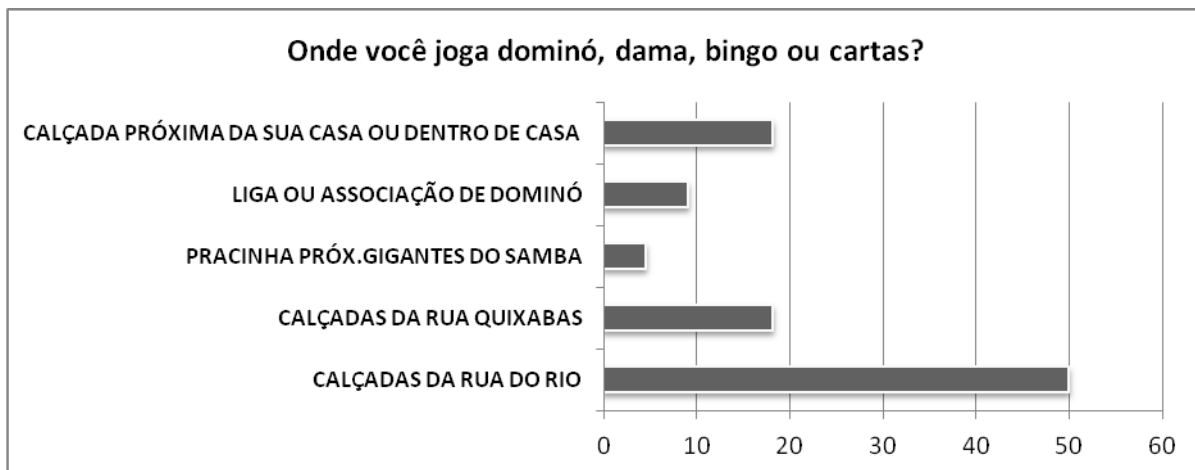
“O lazer significa descanso da mente, que durante a semana é pesado. Por exemplo, esse **torneio de dominó que organizamos, isso vai ser um lazer...também, pelada, bloco de carnaval, dominó, são joão, palhoça...**organizamos isso, porque quero ver minha comunidade feliz, animada...Sei que as pessoas não tem condição de pegar uma condução para se divertir. Quero todo mundo na Rua...As pessoas respeitam a gente...Essa

²⁹ O Entreamigos consegue verbas de políticos, que em troca disso, divulgam sua imagem e nome no local, procurando se promover. Esta verba é destinada para as premiações, em dinheiro e troféus, e para transporte de mesas, cadeiras e toldos, para proteção do sol.

comunidade é muito boa...Atendo o que as pessoas gostam". (M. N., morador da Rua do Rio, encadernador e restaurador de livros, 43 anos).

M.N. utiliza a frente de seu pequeno negócio de encadernação e recuperação de livros, como palco e sede dos eventos, os quais são realizados, segundo ele, de acordo com o gosto dos moradores. Sobre a composição dos participantes do torneio, com exceção de 1 mulher, todos eram homens. De acordo com o MAPA 6, observa-se a existência de pessoas assistindo, bebendo, ouvindo música e dançando, conversando, se divertindo com o movimento na rua. Essas, colocavam cadeiras na calçada de suas casas ou dos vizinhos para observarem a dinâmica que lá acontecia.

Gráfico 5: Locais para jogar dominó - Bomba do Hemetério



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

Mapa 6: Mapa Comportamental de análise do jogo de dominó



Fonte: a autora, 2011

Figura 31: Organização de torneio de dominó da Rua do Rio



Fonte: a autora, 2011

Figura 32: Participantes do jogo aguardando na calçada.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 33: Espectadores do torneio na calçada.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 34: Moradores do entorno observando torneio.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 35: Mesa de jogo em local sombreado.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 36: Jogo de dominó em calçada sombreada



Fonte: a autora, 2011.

Figura 37: Jogadores de dominó.



Fonte: a autora, 2011.

- EMPINAR PIPA

A rua onde se mora é o local mais mencionado entre as crianças e jovens que empinam pipa (FIGURA 38), mas é atividade pouco praticada por causa da quantidade de fios elétricos nas ruas e o fato da realização desta atividade incomodar alguns moradores.

Figura 38: Grupo de meninos se divertem empinando pipa.

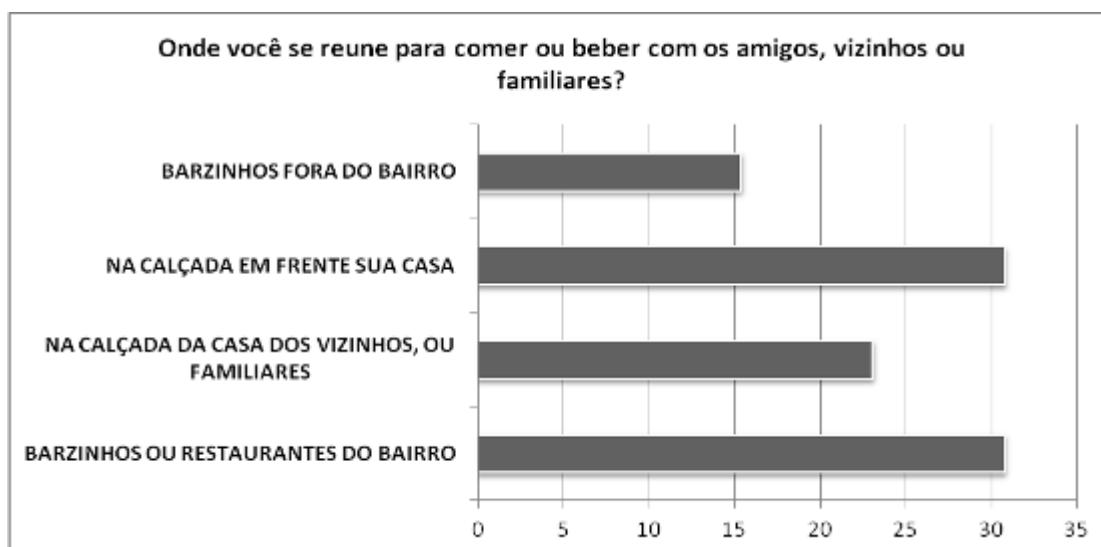


Fonte: a autora, 2011.

- COMER OU BEBER COM AMIGOS

Esta atividade é realizada principalmente nas calçadas das casas em frente das casas onde moram os entrevistados. Os barzinhos ou restaurantes do bairro também são usados para este fim (GRÁFICO 6).

Gráfico 6: Locais para comer ou beber - Bomba do Hemetério



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

Entre os critérios mais citados para escolha do local para se reunir com outras pessoas para comer ou beber, estão as relações sociais, tendo sido mencionado pelos entrevistados o fato de querer ficar juntos de amigos, vizinhos e familiares.

Esta atividade, contudo, gera polêmicas, sobre ser considerada como lazer, dada a preocupação com o crescente envolvimento de jovens com bebidas e drogas. Muitos entrevistados se mostraram incomodados com a presença desta atividade no bairro.

“tem muito bar e bebida, mas lazer mesmo tem não...**o que a gente vê aqui é o povo bebendo...**quando quero levar as crianças, para passear, vou ao Parque da Jaqueira”. (M.S., 33 anos, dona de casa, moradora da Escadaria da Rua D.Olindina)

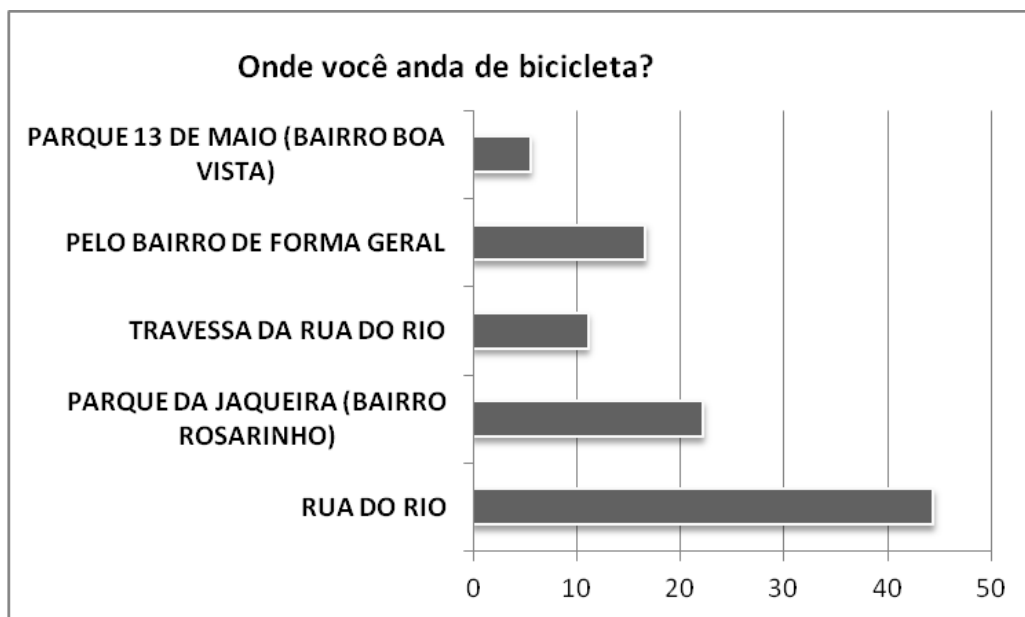
- ANDAR DE BICICLETA

Os entrevistados que andam de bicicleta, andam pela própria rua onde moram. O Parque da Jaqueira³⁰ também aparece como um local do entorno, onde as pessoas vão para esta prática esportiva e de recreação (GRÁFICO 7).

Entre os critérios mais citados para escolha do local para andar de bicicleta está a preocupação com a estrutura física adequada, revelada pelo interesse em se dirigir a um local que dista 2,5 km do bairro, para poder andar de bicicleta.

³⁰ Parque da Jaqueira situa-se a 2,5 km do bairro (considerando como ponto de partida o Largo Castro Alves), porém devido a boa estrutura existente, 30% dos moradores entrevistados do bairro da Bomba do Hemetério, o utilizam bastante, para caminhada, para andar de bicicleta ou para levar a família.

Gráfico 7: Locais para andar de bicicleta - Bomba do Hemetério.

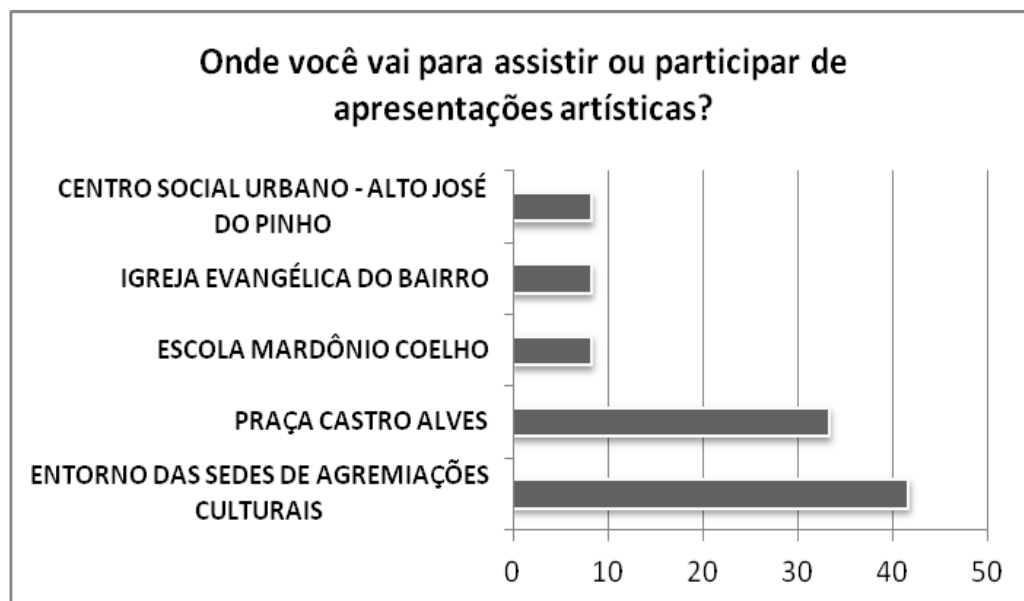


Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS ARTÍSTICOS

O entorno das sedes de agremiações culturais são os principais lugares que as pessoas frequentam quando querem assistir e/ou participar de grupos artísticos (GRÁFICO 8). Estes lugares são procurados tanto pelas relações culturais locais, quanto pela facilidade e gratuidade das atividades.

Gráfico 8: Locais para assistir/participar grupos artísticos - Bomba do Hemetério.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

É de costume que cada agremiação vá as ruas para animar os moradores³¹. Isto se torna curioso, pois é uma forma de alimentar a identificação com o local de moradia e a permanência da cultura com influência negra. Aqui, se fazem presentes agremiações representativas para toda cidade.

“gosto de assistir o maracatu estrela brilhante, quando descem da escadaria” (N.S, 16 anos, estudante, moradora da Rua do Rio).

“Ôxe, como eu gosto de conversar e observar o movimento da rua, aqui na calçada...”

“Gosto de comer e beber com vizinhos na calçada, aqui é que é bom mesmo. Às vezes no vizinho, às vezes na minha”.

“Lazer na comunidade tem...Na cultura são vários, tudo que procurar de cultura aqui tem, do boi ao clube...tem clube, tem barzinho, tem troça, clube, bumba meu boi, urso...são Abanadores, Boi mimoso, Boi do leno, Boi do nerso, Tribo Canindé, Boneco Comilão, Reisado Imperial, Bloco tô chegando agora, Urso do ovão (é de zico), Oxós - Pena branca, Seu água fria, o Comilão...os grupos ensaiam, desfilam, e tem campeonato...registrado na prefeitura....aqui tem um pólo oficial 1 semana antes do carnaval...tem desfile geral no bairro, na rua principal”.

“toda a família sai no maracatu”.

(I.C.N., 63 anos, dona de casa, pertence aos grupos Gigante do Samba, Maracatu Estrela Brilhante e Maracatu Encanto da Alegria, moradora da Rua Júlio Lima).

As pessoas apresentam como principal fator de escolha para realizar esta atividade a existência de grupos tradicionais de maracatu, os quais possuem orgulho.

No largo da Rua Dr. Euclides da Costa, margeando o canal aberto, encontram-se habitações precárias e alguns barzinhos. Em dias que ocorrem eventos na comunidade, como o *VIII Encontro de Maracatu do Baque Virado* nas prévias de Carnaval, as calçadas e a rua são transformadas em arquibancada e palco (FIGURAS 39 a 42). A ocupação das ruas segue mesmo após show, de forma a expandirem as atividades para as demais calçadas e via principal (FIGURAS 43).

³¹ Este é um fato que poderia ser aprofundado no futuro por pesquisadores da área de ciências sociais e ciências humanas.

Figura 39: Largo antes da apresentação de maracatu.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 40: Apresentação de maracatu no Largo.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 41: Largo da Rua Dr. Eudes da Costa em apresentação de maracatus.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 42: Crianças no grupo de Maracatu.



Fonte: a autora, 2011.

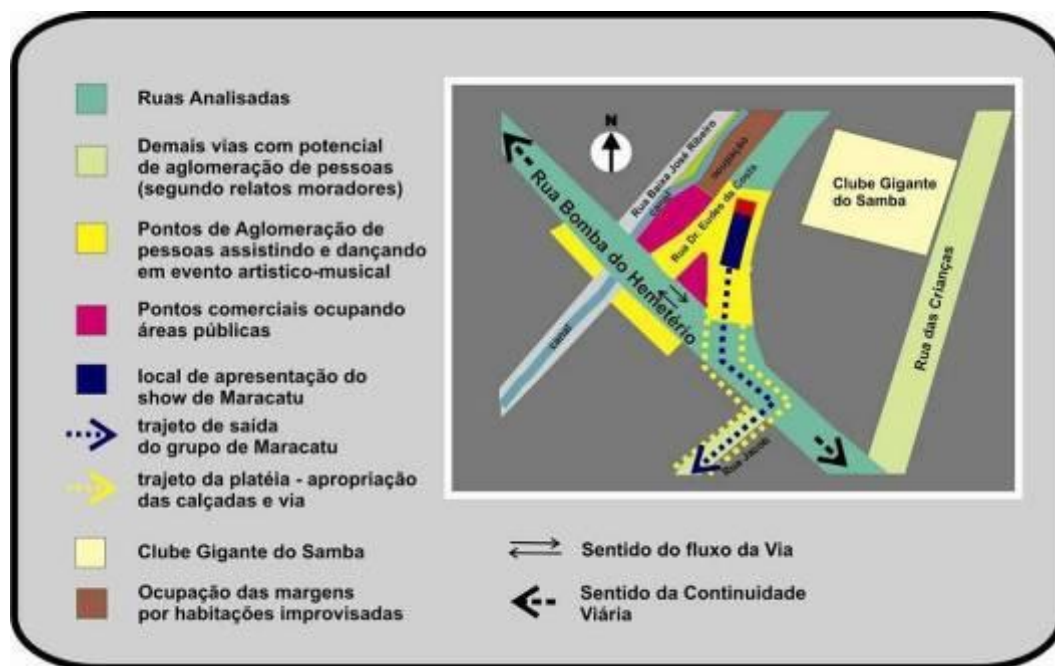
Figura 43: Ocupação da Rua Bomba do Hemetério durante apresentação



Fonte: a autora, 2011.

Abaixo, o MAPA 7 mostra as formas de apropriação do espaço analisado. Observa-se que existem agremiações como o Clube Gigante do Samba³², que também é bastante citado nos relatos dos moradores como ponto importante de recreação no bairro.

Mapa 7: Mapa Comportamental em evento local na Rua Dr. Euclides da Costa.



Fonte: a autora, 2011.

- CONVERSAR E OBSERVAR MOVIMENTO DA RUA

Esta atividade foi a mais citada pelos entrevistados. Estes apontaram a calçada sua casa ou a de vizinho como local buscado para conversar e observar movimento da rua (GRÁFICO 9).

"Aqui na calçada, chega um, chega outro... para...só para passar o tempo..." (I.S., 40 anos, doméstica, moradora da Rua da Bomba do Hemetério).

"fica eu e umas colegas minhas, na calçada, na frente da casa... eu, fico aqui na cadeira sentada..." (M.D.S, 40 nos, domestica, moradora da Rua do Rio)

Entre os principais motivos mencionados pelos entrevistados, destacam-se alguns aspectos físicos, como: calçadas mais largas; ter local para sentar-se e ser um local sombreado (FIGURAS 44 e 45). Além disso, o fato de ter grande movimento de pessoas na rua, também se destacou como motivo de escolha.

³² O Clube Gigante do Samba é a sede da agremiação melhor estruturada do bairro (conta com palco, camarotes, pistas de dança, bilheteria, núcleo de banheiros etc) atraindo grande quantidade de frequentadores. As demais agremiações do bairro carecem de espaço adequado para ensaios e apresentações, além de abrigarem atividades de ensino musical para crianças e jovens. Assim, esta demanda pela estruturação das agremiações no bairro e entorno é uma temática a ser explorada pela Universidade e instituições que atuam com projetos sociais, no sentido de fortalecer e preservar as raízes culturais destas comunidades.

Figura 44: Pessoas observando movimento da rua.



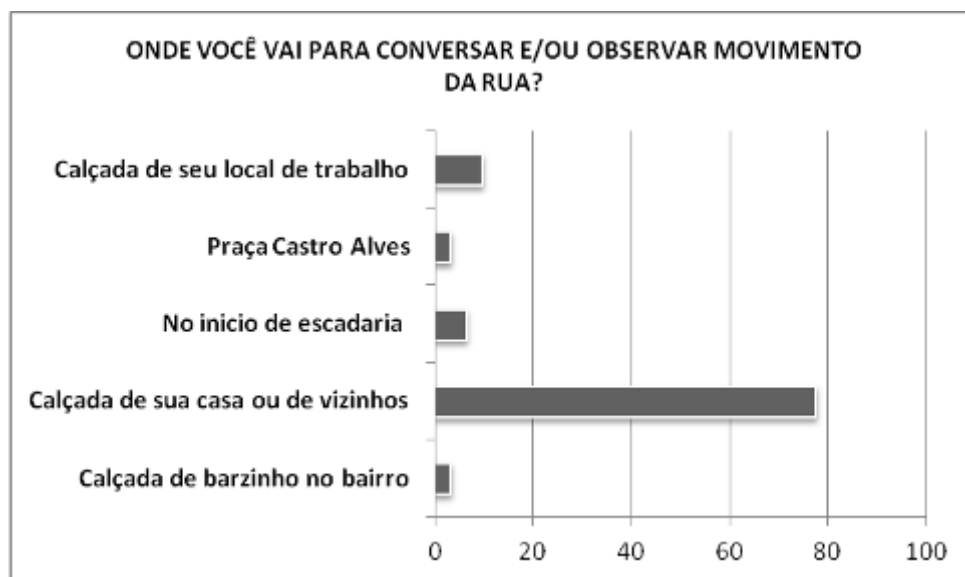
Fonte: a autora, 2011.

Figura 45: Conversa na calçada da Rua do Rio.



Fonte: a autora, 2011.

Gráfico 9: Locais para conversar/observar movimento da rua - Bomba do Hemetério.

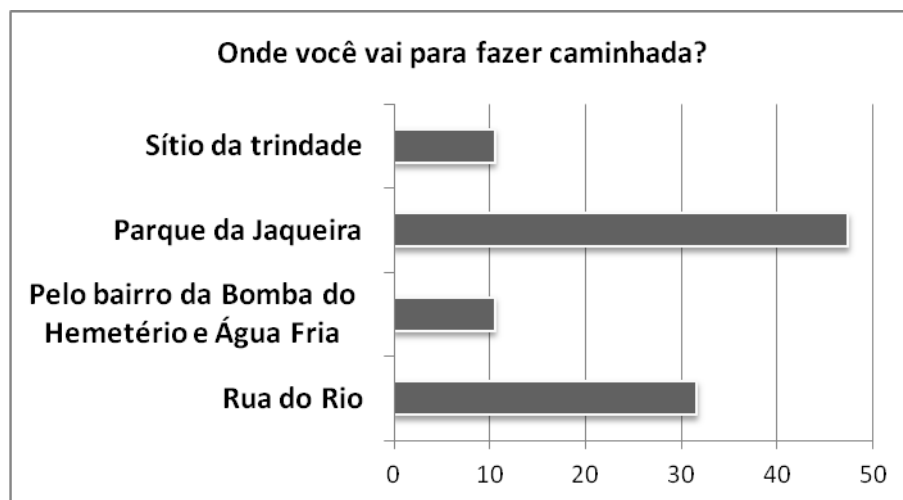


Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- CAMINHADA (EXERCÍCIOS FÍSICOS)

O local onde mais se realizam caminhadas e exercícios físicos é o Parque da Jaqueira (GRÁFICO 10), localizado a cerca de 2,5 km. Entre os motivos para este deslocamento está a estrutura física do local.

Gráfico 10: Locais para fazer caminhada - Bomba do Hemetério.

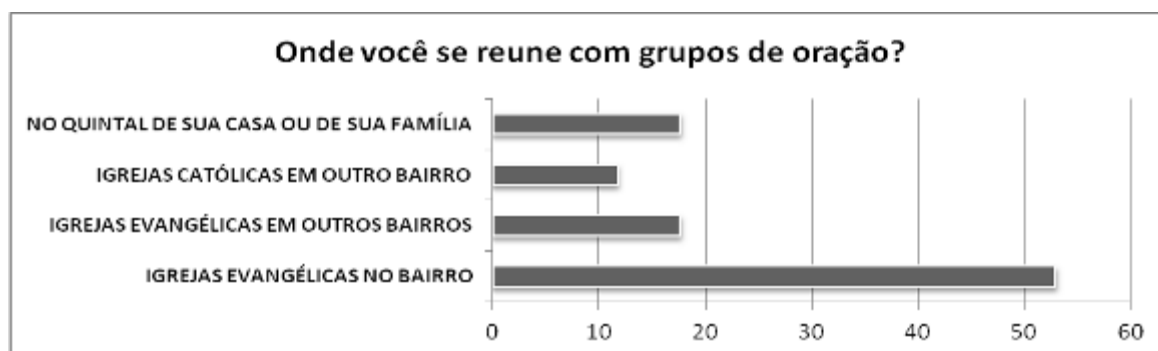


Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- REUNIR-SE EM GRUPOS DE ORAÇÃO E ATIVIDADES RELIGIOSAS

As igrejas evangélicas no bairro foram os locais mais citados pelos entrevistados para reunião com grupos de oração (GRÁFICO 11). Estas possuem papel significativo no lazer dos seguidores. Os motivos para a sua influência são pontos instigantes para novas pesquisas.

Gráfico 11: Locais para reunião com grupos de oração - Bomba do Hemetério.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- OUTRAS ATIVIDADES

Outras atividades como jogar sinuca e brincar de amarelinha, existem, mas são poucos os registros e os locais onde elas acontecem (QUADRO 1). Além destas, outras atividades foram citadas (GRÁFICO 12).

“...aqui tem jogos populares...brincadeira de rua” (J.L., 11 anos, estudante, moradora do Rua do Rio)

“A gente brinca de um bocado de coisa: **bola de gude, roda de pião, pega-se-esconde...**” (M.V., 12 anos, estudante, morador da Rua do Rio)

Observou-se na Rua do Rio crianças brincando sozinhas, na maioria das vezes, próximo à suas casas, nas calçadas ou em frente a estas, sem presença de adultos (FIGURA 46). Assim como, no torneio de dominó e nos ensaios de grupos artísticos-musicais, que se mostraram como uma das principais representações dos laços de vizinhança e sociabilidade entre os moradores.

Entre as brincadeiras populares, observaram-se bola de gude, roda pião e pega-se-esconde. Além destas, também eram mencionados por moradores mais velhos, duas atividades que chamam: *arrasta-balde* (corrida arrastando um balde) e *pega-peixe* (pescaria no canal).

Apesar de toda potencialidade cultural e social do bairro, o problema de tráfego e consumo de drogas, apavora a comunidade, que lamenta verem suas crianças e jovens convivendo com este problema social (FIGURA 47).

Figura 46: Crianças brincam na Rua do Rio.



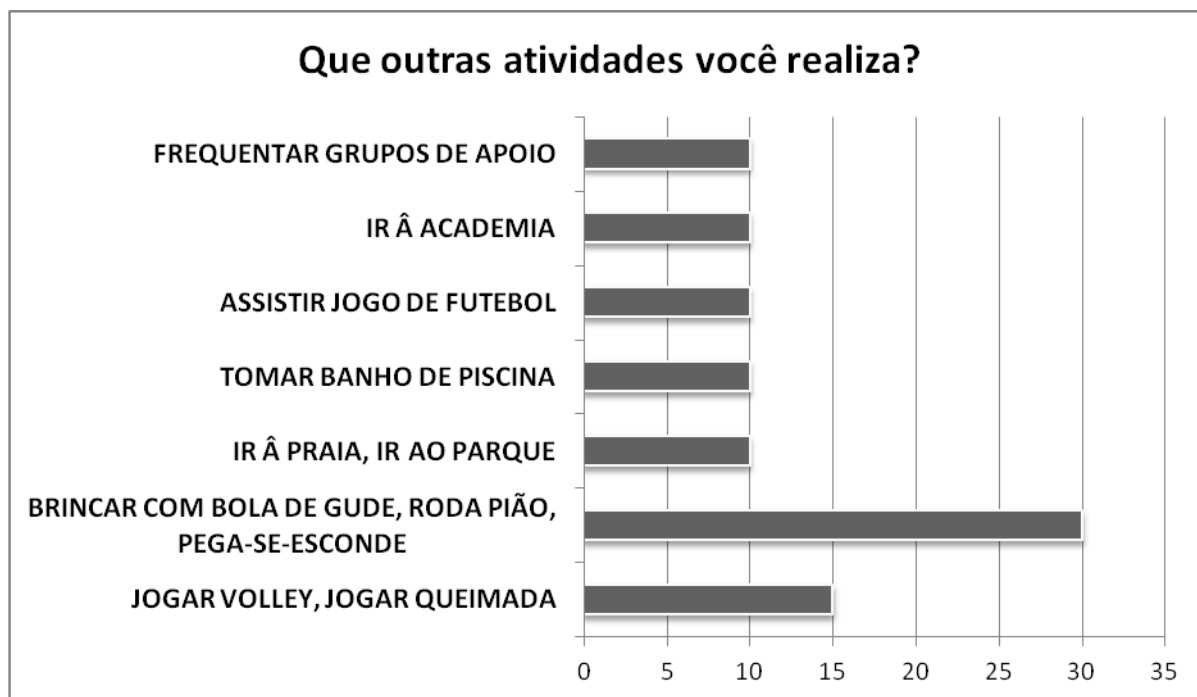
Fonte: a autora, 2011.

Figura 47: Jovens em situação de risco social.



Fonte: a autora, 2011.

Gráfico 12: Outras atividades realizadas - Bomba do Hemetério



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

Quadro 1: Outras atividades realizadas – Bomba do Hemetério.

BOMBA DO HEMETÉRIO	
QUAIS?	ONDE?
JOGAR VOLLEY, JOGAR QUEIMADA	NO COLÉGIO E NA RUA
BRINCAR COM BOLA DE GUDE, RODA PIÃO, PEGA-SE-ESCONDE	RUA DO RIO
IR À PRAIA, IR AO PARQUE	PARQUE DA JAQUEIRA, 13 DE MAIO, DOIS IRMÃOS
TOMAR BANHO DE PISCINA	CLUBE DO CACIQUE OU SESC
ASSISTIR JOGO DE FUTEBOL	NO ESTÁDIO DO ARRUDA E EM COLÉGIO
IR À ACADEMIA	SÍTIO TRINDADE
FREQUENTAR GRUPOS DE APOIO	BAIRRO MANGABEIRA
ASSISTIR TV E FICAR SOZINHO	CASA

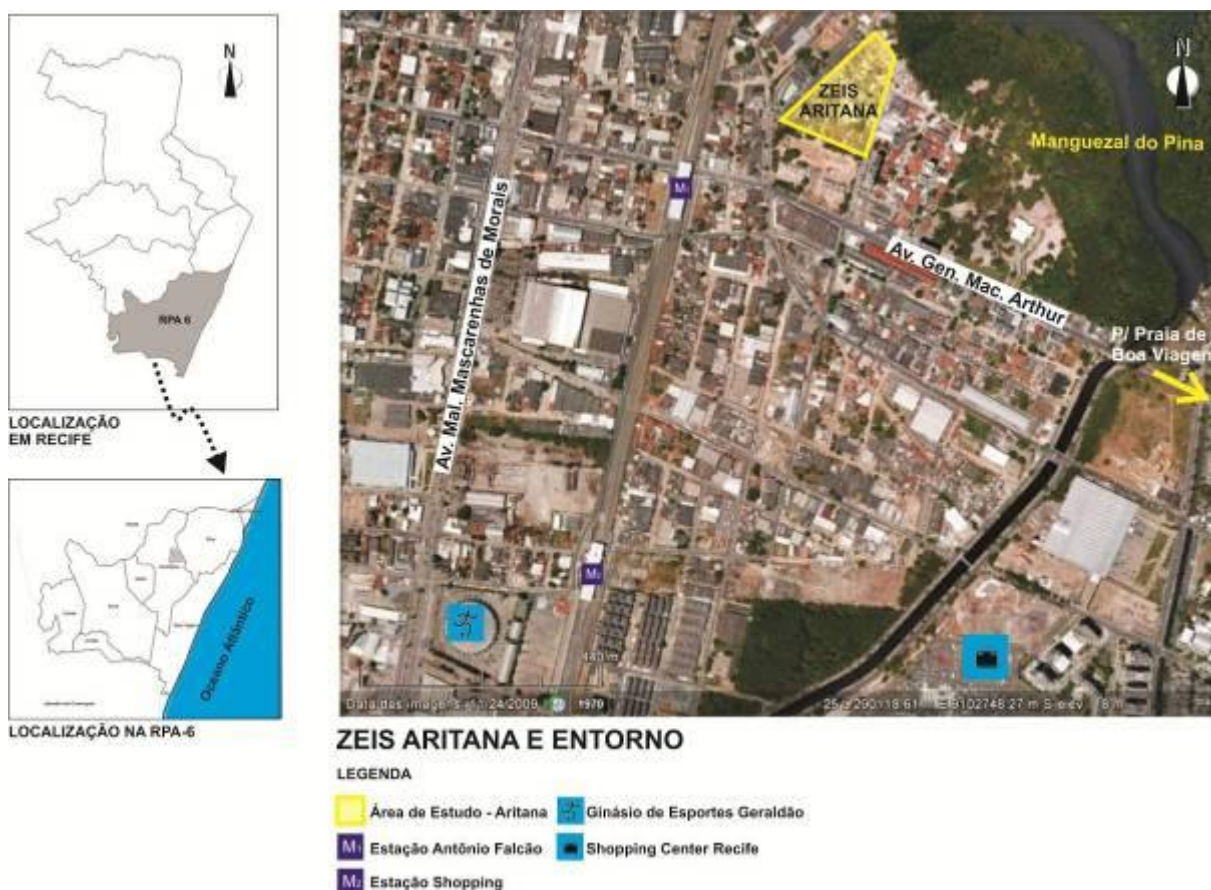
Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011

2.3. CASO 2: ZEIS ARITANA

Aritana é uma ZEIS na RPA 6 – SUL da cidade do Recife, localizada nos alagados do bairro Imbiribeira, próxima ao Parque dos Manguezais, que teve projeto de urbanização desenvolvido em 2000-2001 e implantado em 2009, pela Prefeitura do Recife, por meio da Empresa de urbanização do Recife URB-Recife, com recursos do PREZEIS. Contudo a área de lazer prevista em projeto, não foi implantada devido à falta de verbas.

Esta ZEIS tem localização privilegiada (MAPA 8), próxima aos principais corredores de transporte público, como a Av. Mal Mascarenhas de Moraes e Av. Antônio Falcão, ficando a 400 m da Estação de Metrô Antônio Falcão. A proximidade com a área litorânea, aproximadamente, 1.8 km, também lhe confere uma diferenciação entre as demais ZEIS da cidade.

Mapa 8: Localização da ZEIS Aritana na cidade do Recife



Fonte: Adaptada do Google Earth pela autora, 2011.

De acordo com o censo demográfico do IBGE 2010, a área possui um total de 823 pessoas, distribuídas numa área de aproximadamente 1,00ha.

O contato inicial com a área se deu através de visita guiada com assistente social da URB-Recife (Secretaria de urbanização). Durante a visita, foi feito contato inicial com líderes comunitárias e moradores mais velhos.

2.3.1. Primeiras impressões: observação incorporada

Apesar de possuir usos diversificados em suas proximidades, a ZEIS de Aritana dá a impressão de estar-se em um “gueto”, causado pelo fato de não estar integrada a malha viária existente. Ficando esta, limitada pelo Parque dos Manguezais e pelo entorno verticalizado. Desta forma, as pessoas não atravessam a comunidade para irem a outros locais do bairro, sendo utilizada apenas pelos moradores da ZEIS.

O local mesmo com a verticalização do entorno (FIGURA 48), que é um fator diferente em relação aos demais estudos de caso, mostrou-se tranquilo e repleto de atividades de convívio e recreação.

“Primeiras impressões sobre o lugar, é deste ser tranquilo, encravado em meio urbano, cercado por empreendimentos imobiliários, pontos comerciais (...) Há **crianças brincando nas ruas internas e o uso de calçadas para extensão das áreas de serviço** (...) Área de lazer não implantada continua livre com grama, destina-se temporariamente como lugar para guarda de sucatas. (depoimento pesquisador – 01 de Agosto de 2011 às 17hs).

Figura 48: Verticalização no entorno da ZEIS Aritana



Fonte: a autora, 2011.

Foi possível observar também o uso lindeiro do canal existente como extensão das atividades das casas fronteiriças, onde as pessoas estendem roupas, sentam para conversar e cultivavam algumas plantas e animais (FIGURA 49).

Figura 49: Uso lindeiro ao canal, extensão da área de serviço.



Fonte: a autora, 2011.

Já o espaço envoltório do conjunto habitacional, incita a congregação de moradores, visto a arborização e a proximidade entre as casas, que provoca áreas de sombreamento. Nessas, as crianças se agrupam para brincar e as pessoas vão as portas para conversar e observar as crianças e o movimento das ruas (FIGURA 50 e 51).

Figura 50: Crianças brincando ao lado do canal.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 51: Conversa na calçada sombreada.



Fonte: a autora, 2011.

2.3.2. Conhecimento geral da área pesquisa através do walkthrough

O ponto de partida e de chegada refere-se a *Parada 01* - O Conjunto Habitacional de Aritana (FIGURA 52), considerado um marco pelas líderes, sendo motivo de orgulho para as mesmas, que acompanharam todo o processo intervenção urbanística na ZEIS pela URB-Recife. Sendo assim, atribuída importância afetiva e recreativa, visto que aí é onde ocorre a maioria das atividades de convívio com uma grande quantidade de moradores.

Figura 52: Parada 01: entorno do conjunto habitacional Aritana.



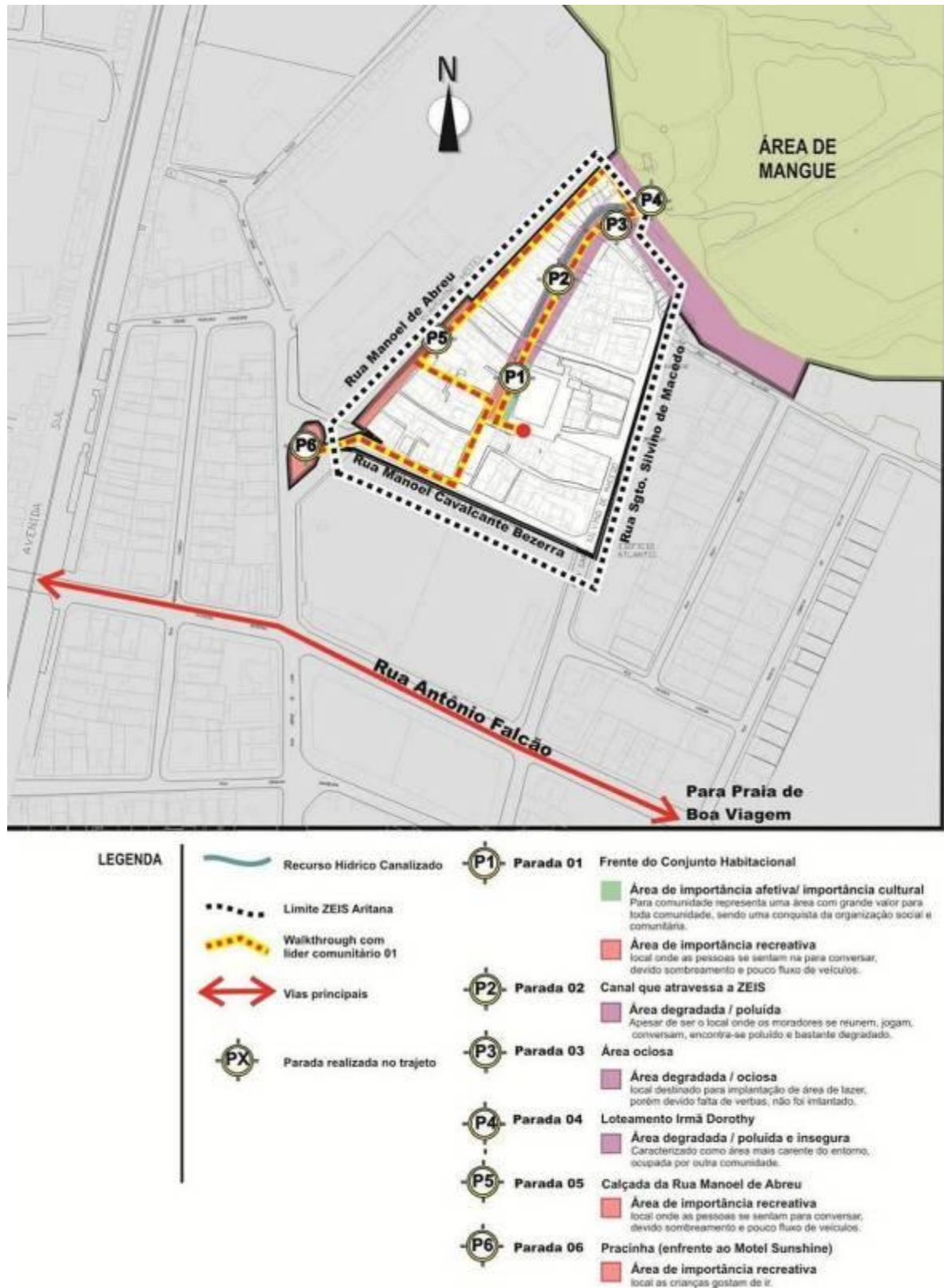
Fonte: a autora, 2011.

O primeiro *walkthrough*³³ registrou as paradas principais e comentários da líder comunitária entrevistada (MAPA 9). Ela contou que as pessoas da comunidade trabalham no Supermercado Hiper Bompreço e no Shopping Recife, e que quando querem se divertir vão a Praia de Boa Viagem.

“A praia é o lugar de lazer da comunidade, dá par air caminhando, 15 minutos (...) O hiper bom preço é o lugar onde as pessoas daqui trabalham e o Shopping Recife também (líder comunitária 1- 06 de agosto de 2011).

³³ Primeiro *walkthrough* ocorreu em 06 de agosto de 2011.

Mapa 9: Análise Walkthrough 01 da ZEIS Aritana



Fonte: a autora, 2011.

No primeiro *walkthrough*, a líder comunitária mostrou-se mais crítica aos descasos do poder público e compartilhou reflexões sobre alguns aspectos negativos na área, quanto à parada 04 - o Loteamento Irmã Dorothy, lindeiro ao mangue e que se encontra em situação bastante precária (FIGURA 53). A comunidade de Aritana não parece interagir com aquela e segundo relato das líderes, sente-se ameaçada pela possibilidade de invasão de área desocupada existente (FIGURA 54), referente a Parada 03 – área ociosa, referente a espaço destinado para o lazer em projeto de urbanização da ZEIS, mas não executado.

Figura 53: Parada 04: comunidades do entorno.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 54: Parada 03: Área ociosa lindeira ao canal.



Fonte: a autora, 2011.

Outro ponto de crítica foi a *parada 02* – Canal que atravessa a ZEIS, quanto a falta de manutenção do poder público referentes à poluição e vulnerabilidade a acidentes, visto a ausência de guarda-corpo ao longo do mesmo (FIGURA 55). A líder comunitária 01 apresentou proposta³⁴ de fechamento do canal (FIGURA 56), para criação de área de lazer na frente das casas, desenvolvida por morador de 15 anos e apoiada pelos demais moradores.

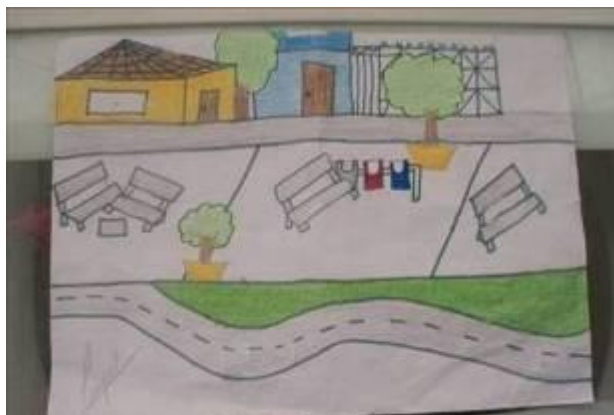
³⁴ Proposta desenvolvida por morador de 15 anos, que acompanha uma lista de cerca de 70 assinaturas dos moradores para ser levada a prefeitura para execução.

Figura 55: Parada 02: Canal que atravessa a ZEIS Aritana.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 56: Proposta de moradores para fechamento do canal.



Fonte: a autora, 2011.

Como locais de importância recreativa dentro da ZEIS, além da área do entorno do conjunto habitacional já apontado, foram apontadas: a *parada 05* – referente a calçada da rua Manoel de Abreu (FIGURA 57), que se torna sombreada em boa parte do dia, devido muro alto de uso lindeiro e presença de árvores, que atrai moradores que aí se sentam para conversar e até mesmo estender roupas. Além disso, a *parada 06* – pracinha (em frente ao Motel Sunshine), também é utilizada para recreação, porém de acordo com líder comunitária 01, isto desagrada empresa próxima (FIGURA 58).

Figura 57: Parada 05: Calçada da Rua Manoel de Abreu.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 58: Parada 06: Pracinha em frente ao Motel Sunshine.

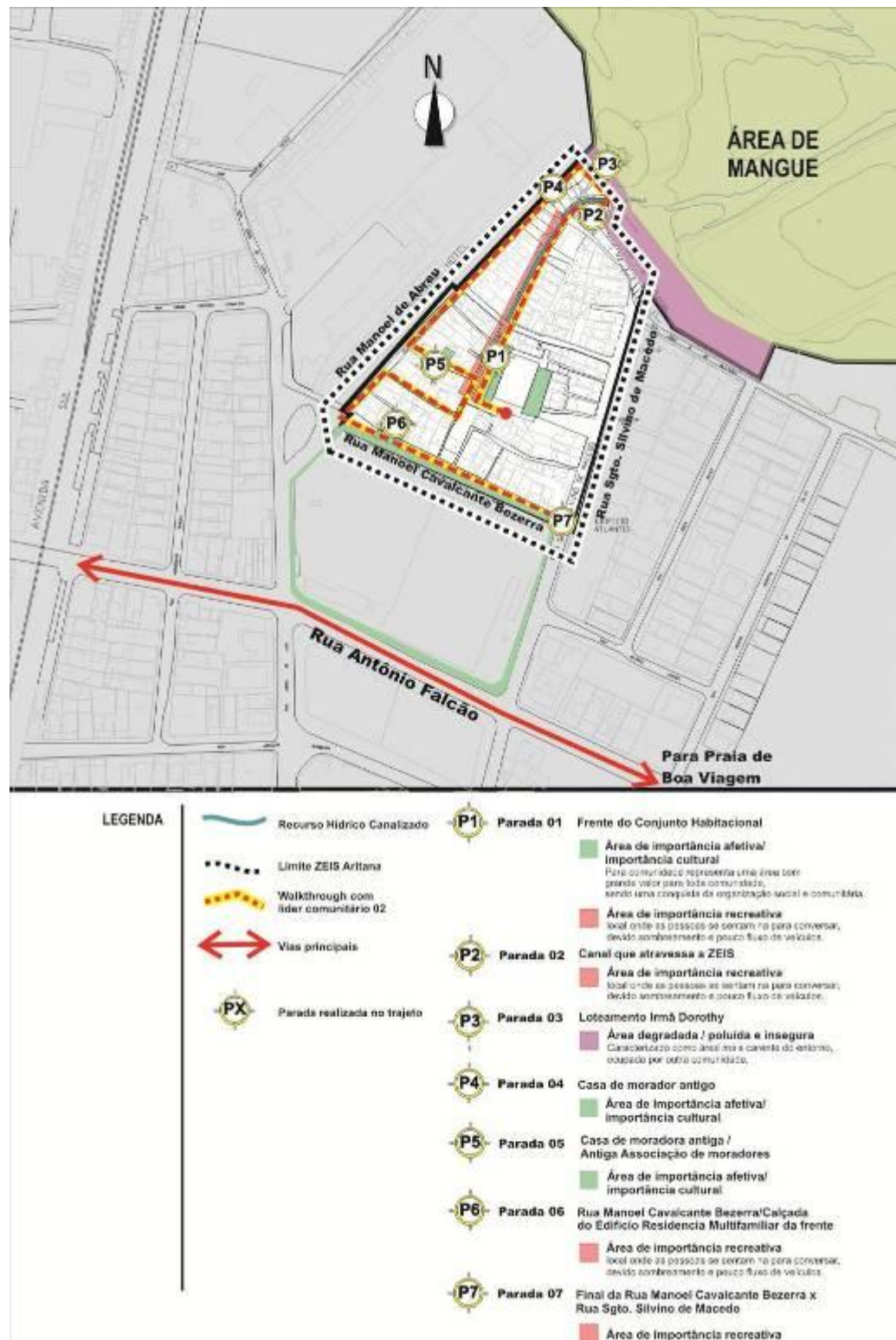


Fonte: a autora, 2011.

No segundo *walkthrough*, as paradas 01, 02 e 04 foram locais já apontadas pela outra líder comunitária (MAPA 10). Contudo, observou-se que foi dada pouca importância aos aspectos negativos levantados pela líder comunitária 01, referentes à *parada 02* – canal que atravessa a ZEIS. Para a líder comunitária 02, o canal tem uma importância recreativa, não devendo ser fechado, pois isto favoreceria a passagem de carros no local, retirando a tranquilidade dos moradores.

Neste percurso houve destaque para as formas alternativas de lazer, barracas para venda de lanches (FIGURA 59), que, quando não estão funcionando servem de abrigo do sol para moradores, que aí conversam e descansam. Com este mesmo intuito, a líder apontou a *Parada 06* – Rua Manoel Cavalcante Bezerra e a calçada de edifício multifamiliar (FIGURA 60) lindeiro a esta, onde é possível realizar caminhadas, contornando-o, de acordo com relato de líder.

Mapa 10: Análise *Walkthrough* 02 da ZEIS Aritana.



Fonte: a autora, 2011

Figura 59: Parada 06: Rua Manoel Bezerra



Fonte: a autora, 2011.

Figura 60: Calçada de condomínio residencial próximo.



Fonte: a autora, 2011.

Os empreendimentos imobiliários do entorno (pela primeira impressão, um dado negativo relativo ao cerceamento da ventilação e a impressão de gueto observada), se mostrou uma oportunidade de trabalho para mulheres da comunidade e suas calçadas, um local para fazer caminhadas; e no muro muito alto de um motel lindeiro estão estendidas roupas para secar e lugar (porque sombreado) para as cadeiras na calçada e a conversa entre vizinhos.

Alguns depoimentos da líder comunitária 2, durante o percurso, são pertinentes:

“O prédio da frente é bom, porque dá possibilidade das pessoas da comunidade trabalharem nas casas... **A calçada contornando o prédio é nossa pista de caminhada (...)** Acho que o fechamento do canal, é uma **desculpa para ampliação das casas** e passagem de veículos (depoimento de líder comunitária 02, dia 07 de agosto de 2011, às 10hs).

Observou-se no *walkthrough* 02, uma rede de contatos mais forte, devido o tempo que a líder dedica à comunidade. Contudo, o envolvimento das lideranças comunitárias com partidos políticos num “sistema de troca de favores-votos”, costume enraizado na sociedade, às vezes provoca conflitos na organização social e deveria ser tema mais estudado pelas Ciências Sociais.

Como a área é pequena e as líderes comunitárias vivem próximas, suas atribuições de importância e paradas foram praticamente às mesmas, sendo estas:

- a) *Áreas de importancia afetiva/ importancia cultural*: Frente do Conjunto Habitacional, que representa uma conquista da organização social e comunitária; Casas de moradores antigos;
- b) *Áreas de importancia recreativa*: Frente do Conjunto Habitacional; Pracinha em frente ao Motel Sunshine; canal que atravessa a ZEIS; calçadas de vias principais do local (Rua Manoel Cavalcante Bezerra e Rua Sgto. Silvino de Macedo) e calçada do edifício multifamiliar vizinho.
- c) *Áreas degradadas / Áreas de aspectos negativos*: Loteamento Irmã Dorothy, Área de lazer ociosa usada por sucateiros.

A partir dos resultados do *walkthrough* aplicado com os líderes de Aritana, foi possível identificar como:

- a) Principais atividades de recreação: comer ou beber com amigos; andar de bicicleta; conversar/observar movimento da rua; reunir-se em grupos de oração; exercer papel de liderança e acompanhar grupos, entre outros.
- b) Principais lugares onde ocorre recreação no bairro, pontos de aplicação das entrevistas: Rua do Canal e entorno do Conjunto Habitacional, entre outros que se enquadraram como locais secundários de observação.

2.3.3. Resultados das entrevistas

Observou-se que a maioria das pessoas mora desde que nasceram no bairro, e se mostram satisfeitas com o lugar onde moram, sentem orgulho da boa localização e tranquilidade do local.

As atividades de lazer mais reconhecidas foram conversar e observar o movimento da rua; dançar e andar de bicicleta (TABELA 5). Logo após estas, foram destacadas também: assistir ou participar de grupos musicais; comer ou beber com os amigos; jogar amarelinha; jogar domino; reunir-se em grupos de oração; fazer caminhada, etc.

Vale ressaltar que outras respostas foram também dadas entre estas: diversas brincadeiras populares entre as crianças; ir ao shopping e jogar volleyball, mais a frente explicaremos mais sobre estas atividades.

Tabela 5: Principais atividades de lazer - ZEIS Aritana.

ATIVIDADE DE LAZER REALIZADA	Nº. DE PESSOAS	%
CONVERSAR E OBSERVAR O MOVIMENTO DA RUA	18	67%
DANÇAR	14	51,85%
ANDAR DE BICICLETA	12	44%
ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS MÚSICAIS	9	33%
COMER OU BEBER COM OS AMIGOS	9	33%
JOGAR AMARELINHA	9	33%
JOGAR DOMINÓ, DAMA, BINGO OU CARTAS	8	30%
REUNIR-SE EM GRUPOS DE ORAÇÃO	8	30%
CAMINHADA (EXERCÍCIOS FÍSICOS)	8	30%
JOGAR BOLA	3	11%
PAPEL DE LIDERAR / ACOMPANHAR GRUPOS	3	11%
JOGAR SINUCA	2	7%
ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS ARTÍSTICOS	1	4%
REUNIR-SE EM TERREIROS	1	4%
EMPINAR PIPA	0	0%
OUTROS (diversas brincadeiras populares de crianças, ir ao shopping center, jogar volleyball etc)	13	48%

Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- CONVERSAR E OBSERVAR O MOVIMENTO DA RUA

Como foi possível verificar nas outras comunidades analisadas, a conversa e observação do movimento da rua é a atividade mais constante pelos entrevistados (GRÁFICO 13); de forma geral entre todas as faixas etárias e independentemente do sexo. O lugar escolhido pelas comunidades para esta atividade são principalmente as calçadas em frente às suas casas ou em frente às casas dos vizinhos.

O principal motivo de escolha dos lugares para esta atividade é o conforto ambiental, referente ao sombreamento, permitido pela arborização e a ventilação.

A arborização, iniciativa dos próprios moradores ao longo do canal, assim como as árvores plantadas na frente do conjunto habitacional (FIGURAS 61 e 62), tornam-se motivos para as pessoas se reunir.

“...aqui embaixo da árvore, é calminho, ventilado. a gente lancha e conversa...”
(M., 12 anos, estudante, moradora da 5a. Travessa)

Ao percorrer becos e travessas é possível perceber que até calçadas mais estreitas são utilizadas para agregar vizinhos que ali permanecem a conversar e observar o movimento da rua (FIGURA 63 e 64).

Figura 61: Sombreamento nas margens do canal.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 62: Jovens conversando embaixo de árvore.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 63: Becos como local de convivência.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 64: Calçadas lindeiras ao canal.



Fonte: a autora, 2011.

Gráfico 13: Locais para conversar/observar movimento da rua – ZEIS Aritana.

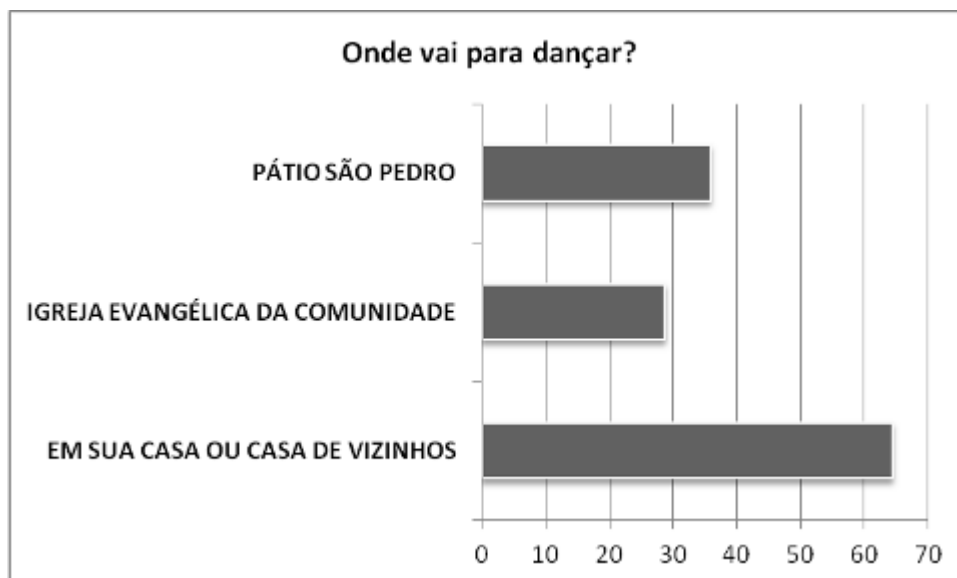


Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

• DANÇAR

A maioria dos entrevistados que tem a dança como atividade de lazer, a realizam em sua casa ou na de vizinhos (GRÁFICO 14). A igreja evangélica da comunidade aparece também nos resultados, como local onde as pessoas se sentem a vontade para dançar, adquirindo um papel relevante na programação de lazer da população. O Pátio São Pedro no bairro Santo Antônio também foi tido como local, onde as pessoas vão para dançar e assistir à grupos de maracatu. Não foi identificado nenhum motivo de escolha do local.

Gráfico 14: Locais utilizados para dançar - ZEIS Aritana

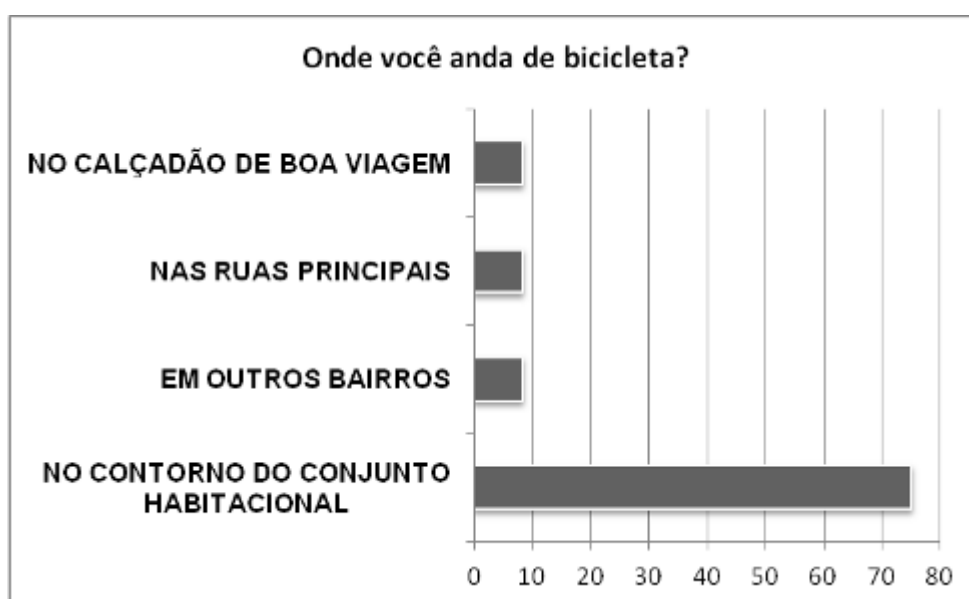


Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- **ANDAR DE BICICLETA**

Um grande número dos entrevistados que andam de bicicleta utilizam o contorno do conjunto habitacional para esta atividade (GRÁFICO 15). O registro da escolha foi dado pelos pais de crianças, que preferem locais onde possam observar os filhos desde dentro das casas.

Gráfico 15: Locais utilizados para andar de bicicleta - ZEIS Aritana.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS MUSICAIS

Esta função é realizada, dentro da ZEIS, pela Igreja evangélica, tendo como critério a doutrina religiosa.

Gráfico 16: Locais utilizados para assistir/participar de grupos musicais - Aritana.

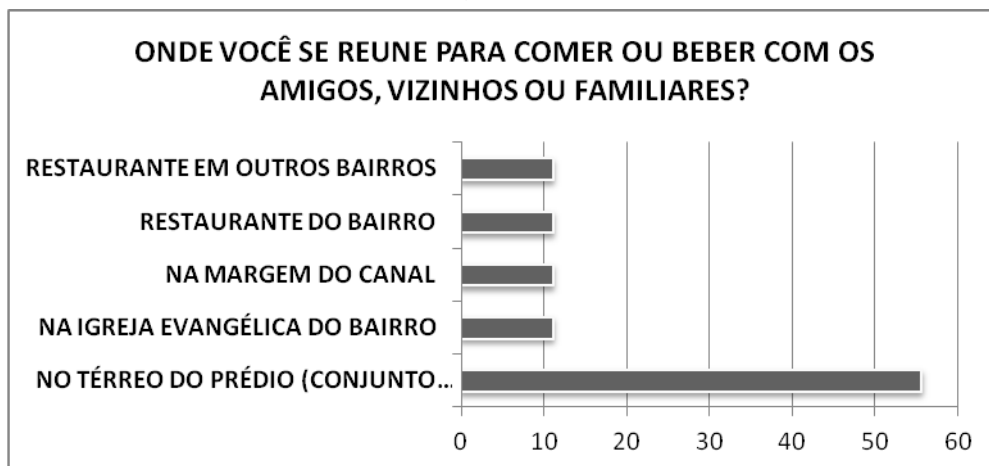


Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- COMER OU BEBER COM OS AMIGOS

O térreo do prédio do conjunto habitacional abriga jovens nos finais de semana que gostam de se reunir para comer, beber e conversarem (GRÁFICO 17). As áreas determinadas para as instalações hidrossanitárias são resignificadas como mobiliários urbanos, virando bancos e mesas, na parte sombreada (FIGURA 65). Entre os critérios mencionados pra realização da escolha do local: haver sombreamento e ser um local próximo as suas casas.

Gráfico 17: Locais utilizados para comer ou beber – ZEIS Aritana.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

Figura 65: Moradores reunidos entorno do conjunto habitacional.



Fonte: a autora, 2011.

- JOGAR AMARELINHA

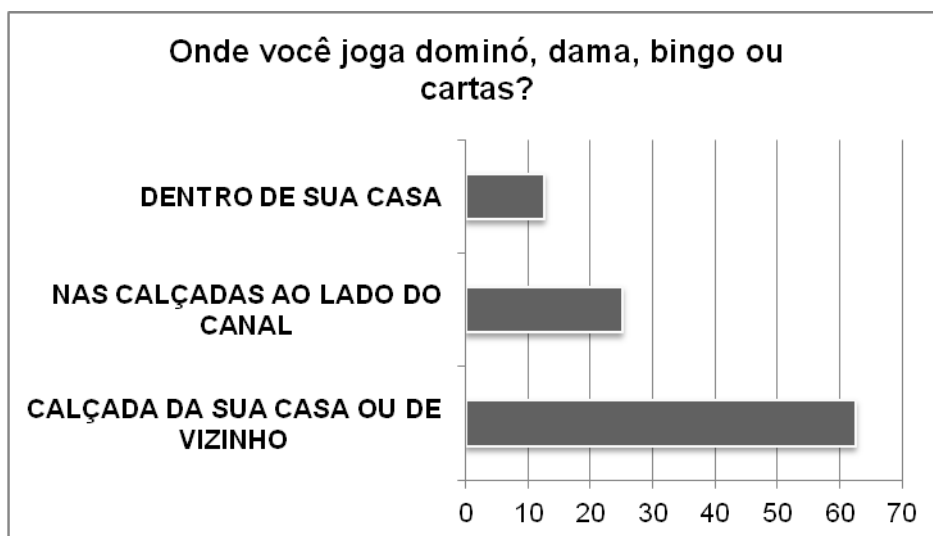
Das entrevistadas que jogam amarelinha, meninas entre 8 a 12 anos, a preferência foi jogar próximo às suas casas, em frente ao conjunto habitacional. O motivo é devido os pais ou responsáveis poderem observá-las. Contudo, destaca-se o fato do local possuir piso mais nivelado e áreas de sombreamento, que facilitam a realização das brincadeiras.

- JOGAR DOMINÓ, DAMA, BINGO OU CARTAS

Entre os lugares mencionados para a realização de jogo de dominó, dama, bingo ou cartas destaca-se a calçada em frente sua casa ou de vizinhos e a áreas lindeira ao Canal (GRÁFICO 18). Para realização desta atividade, os entrevistados apontam a importância do local ser próximo à suas casas, de ter mobiliário adequado (tábua para jogar) e de ter um bom conforto ambiental (boa ventilação e sombreamento).

“À tarde, as vizinhas sentam na beira do canal para conversar, os vizinhos jogam dominó na frente do canal à noite no final de semana”. (M.G.S, 45 anos, doméstica, moradora da Rua do Canal)

Gráfico 18: Locais onde vão para jogar dominó – ZEIS Aritana.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- REUNIR-SE EM GRUPOS DE ORAÇÃO

Dos entrevistados que se reúnem em grupos de oração, cerca de 90%, responderam que vão a igreja evangélica da comunidade. Eles também disseram se orgulhar de sua igreja ajudar jovens envolvidos com drogas e atribuíram esse fato à comunidade ser tranquila.

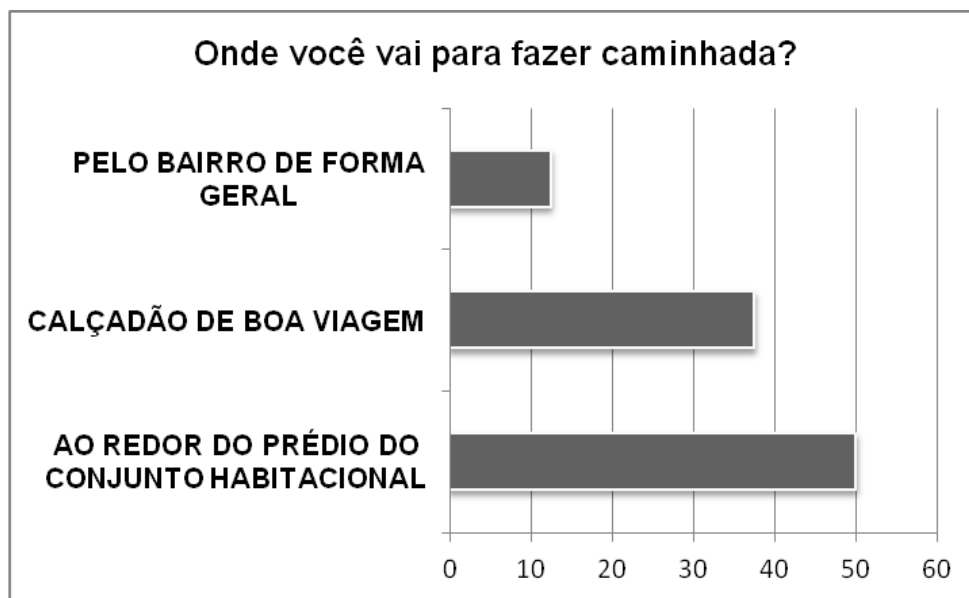
“ gosto do bairro, porque é calmo e sem estresse, de 90 a 100% das pessoas são evangélicas” (P.P.S, 46 anos, encanador, morador da Rua Manoel de Abreu).

- FAZER CAMINHADA

O entorno do prédio do conjunto habitacional foi mencionado como principal local onde se realizam caminhadas. Fora da comunidade, o calçadão de Boa Viagem se destaca como opção para prática desta atividade (GRÁFICO 19).

Apesar de não ter sido mencionado nenhum critério relevante, atribui-se à existência de espaço livre e a pavimentação adequada, para a prática de caminhada e demais exercícios físicos.

Gráfico 19: Locais utilizados para fazer caminhadas – ZEIS Aritana.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

- **OUTRAS ATIVIDADES REALIZADAS**

Destacam-se entre as atividades de lazer cotidiano, as brincadeiras populares³⁵, merecedoras de destaque visto a rica interação entre as crianças que moram na comunidade (GRÁFICO 20). A frente do conjunto habitacional ou o hall do prédio (FIGURA 66), onde seus pais ou responsáveis possam vê-las é, novamente o local mais indicado pelos entrevistados (QUADRO 2).

Destaca-se ainda, como atividade que ocorre na frente do conjunto, o jogo de volley e o banho de piscina, proporcionado por uma moradora da comunidade, que nos finais de semana, coloca uma piscina de plástico na rua em frente ao conjunto habitacional para as crianças se divertirem.

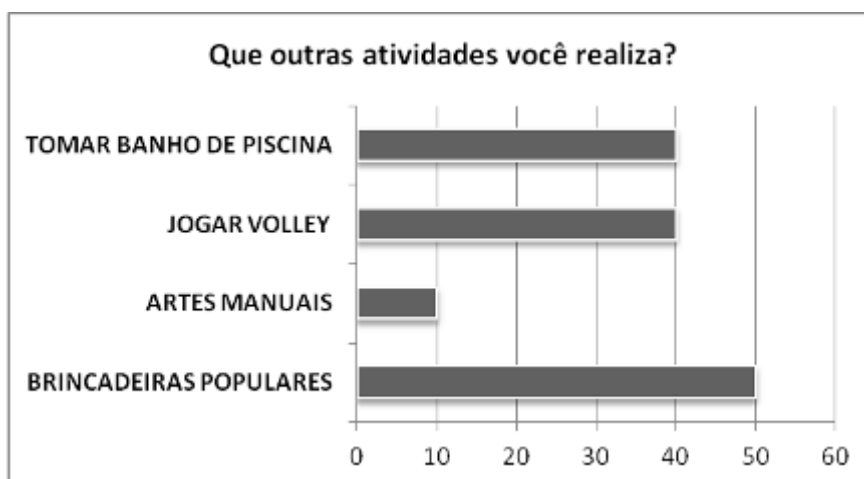
³⁵ As brincadeiras populares ou folclóricas são compreendidas como as brincadeiras antigas passadas de geração em geração, que não precisam de muitos instrumentos ou se utilizam de brinquedos improvisados e de simples confecção, geralmente ocorrem na rua. À estas se atribui ainda, o desenvolvimento do imaginário, o espírito de colaboração, além de um rico aprendizado de convivência e sociabilização.

Figura 66: Crianças brincam no hall do prédio do Conjunto habitacional.



Fonte: a autora, 2011

Gráfico 20: Locais utilizados para fazer caminhadas – ZEIS Aritana.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

Quadro 2: Outras atividades realizadas – ZEIS Aritana.

ZEIS ARITANA	
QUE OUTRAS ATIVIDADES VOCÊ REALIZA?	ONDE?
BRINCADEIRAS POPULARES (brincar com pula corrida, pega-esconde, pega barata, 7 pedra, joga fita, contar piada e contar lenda)	EM FRENTE SUA CASA (EM FRENTE AO CONJUNTO HABITACIONAL)
JOGAR VOLLEY	
TOMAR BANHO DE PISCINA	
ARTES MANUAIS	EM SUA CASA

Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

2.4. CASO 3: ZEIS MUSTARDINHA

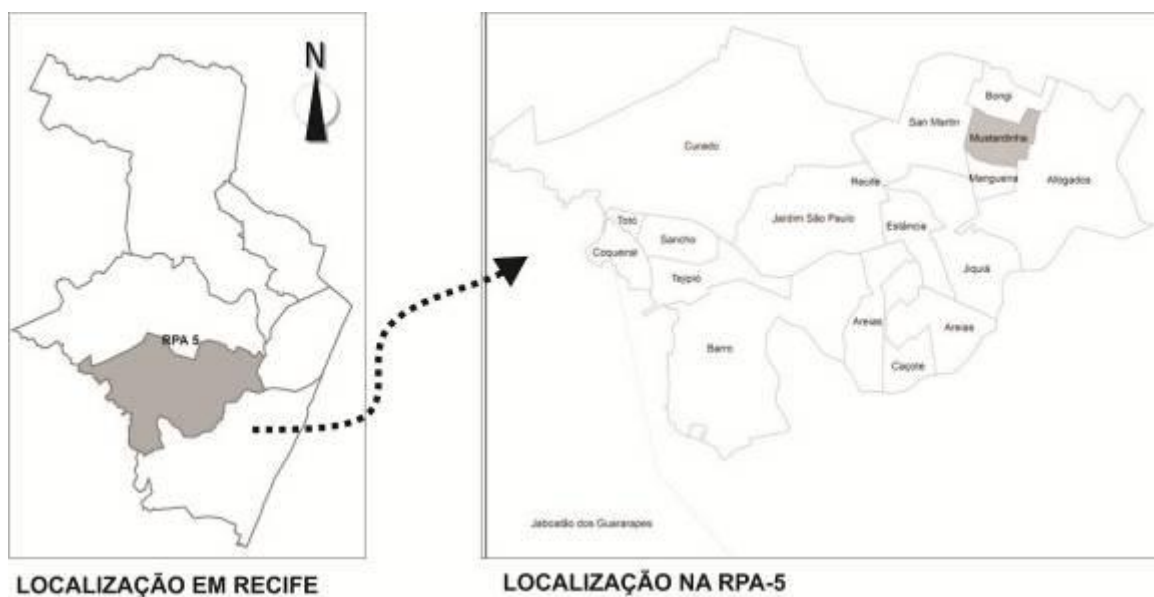
A ZEIS Mustardinha localiza-se na RPA-5 (MAPA 11), entre os bairros do Bongü, Mustardinha e Afogados, onde a inexistência de espaços livres e a alta densidade acarretam elevado índice de insalubridade e conseqüentemente, baixa qualidade de vida. Possui uma área de 0.5 Km² e de acordo com o Censo do IBGE (2010) um total de 16.669 habitantes, sendo uma das maiores ZEIS do Recife e tendo sido alvo do Programa de Saneamento Integrado Mangueira-Mustardinha.

Implantada em baixios mal drenados mesmo com a existência de canais, sofre com alagamentos em períodos chuvosos. Mustardinha está situada próxima a uma ZEDE (Zona Especial de Desenvolvimento Econômico) e a corredores de transportes públicos secundários.

Sua malha urbana possui resquícios da existência de Casa de Engenho no bairro, e da invasão de áreas contíguas a ZEIS por comunidades menores e mais carentes, frutos de assentamentos surgidos em vazios do entorno desta, que compõem as subáreas: Armando Burle, Bebê à Bordo, Beirinha, Jacaré e Joselândia (Coxim).

O contato inicial com a área se deu através de visita guiada com uma assistente social da URB-Recife (Secretaria de Urbanização do Recife), que acompanha a comunidade nas urbanizações das diversas subáreas da ZEIS. A área, ao longo das últimas décadas, recebeu diversas e pontuais intervenções de melhoria de infraestrutura, principalmente referente a pavimentação e saneamento básico. Durante a visita foi feito contato inicial com líderes comunitárias.

Mapa 11: Localização da ZEIS Mustardinha na cidade do Recife.



ZEIS MUSTARDINHA E ENTORNO

LEGENDA

	ZEIS Mustardinha		Praça do ABC
	Bairro Mustardinha		Escola Padre José de Anchieta
	Vias do entorno		Centro Social Urbano Mustardinha

Fonte: Adaptada do Google Earth pela autora, 2012.

2.4.1. Primeiras impressões: observação incorporada

Ao se percorrer Mustardinha, observou-se que a mesma possui uma intensa dinâmica comercial na via principal, assim como no bairro da Bomba do Hemetério, com um intenso fluxo de pessoas e veículos, também com a utilização das calçadas para extensão das atividades comerciais (FIGURAS 67 a 69).

“As primeiras impressões sobre o lugar, é deste ser **bastante dinâmico**, principalmente em relação a atividade comercial...Na via principal do local, havia tanto a extensão das atividades comerciais como a **presença de diversos ambulantes** nas calçadas, as **feiras** também se faziam presentes nas ruas perpendiculares a esta (...) (depoimento pesquisador, dia 10 de março de 2012).

Contudo, semelhante ao estudo de caso 01, existem alguns recantos que atraem as pessoas como: as ruas perpendiculares a Rua Manoel Gonçalves da Luz, que são mais estreitas e com menos fluxos de veículos. Nestas, as casas ficam mais próximas e os vizinhos interagem mais, principalmente nas calçadas sombreadas (FIGURA 70).

“Muito barulho na via principal...porém logo ao passar para as vias perpendiculares, **o barulho dos carros era substituído pelo barulho das crianças brincando**, as mulheres conversando nas calçadas, os homens bebendo e jogando dominó nas esquinas sombreadas...”(depoimento pesquisador, dia 10 de março de 2012).

Figura 67: Comércio nas calçadas na principal via da ZEIS Mustardinha.



Fonte: a autora, 2012

Figura 68: Feirantes na calçada.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 69: Conflito entre pedestres e comerciantes.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 70: Crianças brincando na Rua Carlópolis.



Fonte: a autora, 2012.

Além disso, observou-se que existem duas praças com características opostas, porém que são utilizadas como espaços de lazer pelos moradores. A primeira é uma pequena praça denominada Irmã Douraci que se situa lindeira a via principal, como um recanto verde em meio ao conflituoso tráfego (FIGURA 71). A segunda é uma praça bem maior, denominada Praça do ABC, que está no encontro de várias vias principais do entorno, abrigando quadras e mobiliários urbanos diversos (FIGURA 72).

“ao chegar na pracinha, próximo ao CSU, se tem uma pequena surpresa...a praça apesar de pequena, é tão **arborizada e preservada**, que se tem **a impressão que alguém mora aí**. Como num jardim de uma casa, há jardineiras por todos os lados...” (depoimento pesquisadora, dia 10 de março de 2012, às 10hs)

Figura 71: Pracinha Irmã Douraci.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 72: Praça do ABC em reforma.



Fonte: a autora, 2012.

2.4.2. Conhecimento geral da área pesquisa através do walkthrough

O primeiro *walkthrough*³⁶ registrou as paradas principais e comentários da líder comunitária entrevistada (MAPA 12), que enfatizou que o bairro é bem localizado na cidade, próximo de supermercados e farmácias. Sobre locais de lazer que os moradores costumam ir, apontou o Pátio São Pedro, o Shopping Recife e o Shopping Tacaruna.

“Eu amo o bairro, **nasci e me criei aqui**” (líder comunitária 1, depoimento dia 11 de março de 2012, às 10hs).

Apesar do ponto de partida não ter sido o mesmo, a primeira parada foi a mesma, a *Parada 01* - Associação de moradores (FIGURA 73), sendo atribuída importância social, visto seu papel na organização social e ações filantópicas.

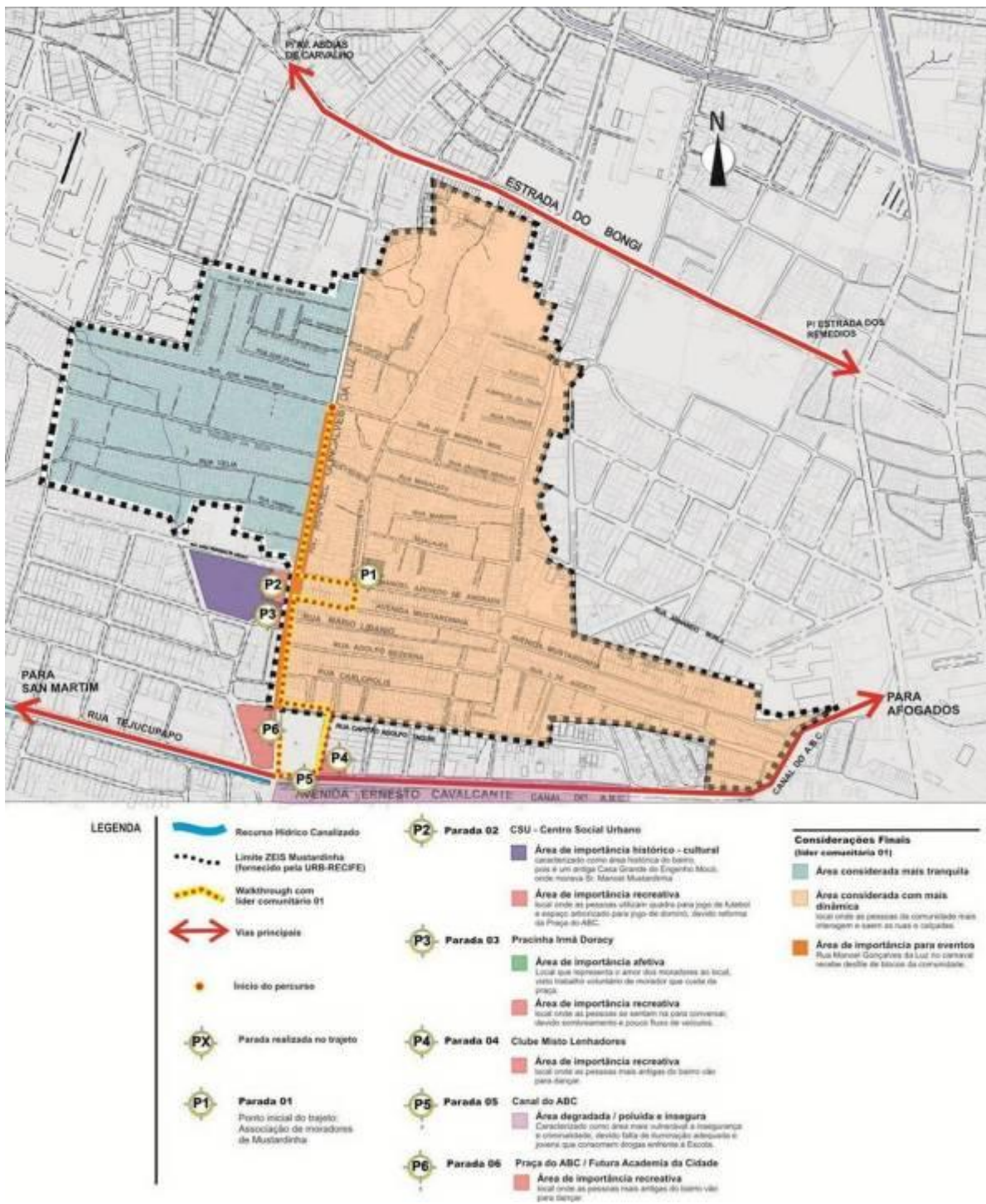
Figura 73: Parada 01: Associação de moradores da Mustardinha.



Fonte: a autora, 2012.

³⁶ Primeiro *walkthrough* ocorreu em 11 de março de 2012.

Mapa 12: Análise *Walkthrough* 01 – ZEIS Mustardinha.



Fonte: a autora, 2012.

A líder comunitária 01 apontou a importância da via principal do bairro, a Rua Manoel Gonçalves da Luz, como local que abriga as atividades comerciais e de eventos temporários como, o carnaval, por onde passam diversos blocos, troças e agremiações carnavalescas.

Assim como o bairro da Bomba do Hemetério, foram apontadas áreas com importância histórica – cultural, como a *Parada 02*: Centro Social Urbano - CSU. De acordo, com relato da líder comunitária 01, este equipamento foi implantado em uma antiga Casa Grande do Engenho Mocotó, onde morava o Sr. Manoel Mustardinha, cuja popularidade foi escolhido para ser o nome do bairro. Nesta área, ainda permanecem algumas edificações que passaram a abrigar atividades do CSU de apoio social (FIGURAS 74 a 76). Hoje, encontra-se destinada a contemplar futuramente, um projeto de Centro Municipal de Educação infantil. A quadra de esportes é bastante disputada para a prática de futebol, com organização de escala de utilização, além de ainda usada para festividades da comunidade.

Figura 74: Fachada da antiga Casa Grande do Engenho Mocotó / Sede do CSU.



Fonte: A autora, 2012.

Figura 75: Área arborizada no CSU.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 76: Quadra do CSU.



Fonte: a autora, 2012.

À *Parada 03* - Largo Mustardinha ou Pracinha Irmã Douraci Neri Sampaio (FIGURAS 77 a 80), contemporânea do Engenho Mocotó, foi atribuída importância afetiva e recreativa, devido ao zelo voluntário de um morador, conhecido como Sr. Quincas, morador de Mustardinha de 65 anos de idade, que por dois anos cuidou da praça voluntariamente, até que reconhecendo seu zelo e carinho pelo local, a prefeitura o contratou.

O abrigo de ônibus também é preservado há muitas décadas (FIGURA 81). Segundo líder 01 ele iria ser demolido em projeto de requalificação da malha viária do bairro, porém a comunidade não permitiu, devido sua antiguidade e utilidade.

Figura 77: Pracinha Irmã Douraci.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 78: Jardineiras cuidadas pelo Sr. Quincas.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 79: Morador que cuida da pracinha.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 80: Uso do Playground na pracinha.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 81: Parada de ônibus preservada.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 82: Clube C.M.Lenhadores.



Fonte: a autora, 2012.

Seguindo mais a frente, a *parada 04* – O Clube Misto dos Lenhadores foi apontado como de importância recreativa (FIGURA 82). Este é um dos clubes mais antigos do Estado de Pernambuco, fundado em 1897, tem como público principal, pessoas da 3ª. idade.

“quando tem festa no clube, **do lado de fora ficam barraquinhas de comida e bebida**, os jovens que não tem dinheiro para entrar, ficam apenas **ouvindo música do lado de fora**” (depoimento líder comunitária 01, dia 11 de março, às 10:30hs)

Outro ponto de grande destaque quanto local de importância recreativa, refere-se à *Parada 06* – Praça do ABC, que está sendo reformada pela Prefeitura da Cidade do Recife para se transformar em uma Academia da Cidade³⁷.

Antes da reforma, a Praça abrigava uma quadra, *playgrounds*, quiosques com mesinhas de jogos abrigadas sob uma área bastante arborizada com espécies de grande porte (FIGURAS 83 a 86).

Com a área interditada, diversos grupos de jogadores de dominó, dama e cartas se apropriaram de calçadas próximas (FIGURAS 87 e 88) e de área arborizada no Centro Social Urbano, trazendo suas, trazendo suas próprias mobílias para jogar embaixo das árvores frondosas. A área também recebe uma exposição e competição de canto de canários.

³⁷ O programa Academia da Cidade foi implantado em 2002 pela Secretaria de Saúde do Recife e tem o objetivo de incentivar a prática gratuita de atividades físicas e adoção de hábitos alimentares saudáveis (disponível em < http://www.recife.pe.gov.br/2007/07/04/mat_144861.php > acessado em abril de 2012).

Figura 83: Praça do ABC antes da reforma.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 84: Jogo de Futebol na Praça do ABC.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 85: Quiosque na Praça do ABC.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 86: Playground da Praça do ABC.



Fonte: a autora, 2011.

Figura 87: Grupo de dominó em frente a Praça.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 88: Pessoas jogando baralho em calçada próxima a Praça do ABC.



Fonte: a autora, 2012.

Os aspectos negativos apontados pela líder comunitária 01 referem-se à *Parada 05* - Canal do ABC, ao longo do qual as principais escolas públicas da comunidade estão assentadas (FIGURA 89). Além dos transtornos relativos à poluição, é local onde se reúnem grupos de jovens que utilizam drogas e envolvem-se com a criminalidade do bairro. De acordo com relato da entrevistada, a ociosidade, a má iluminação noturna próxima e a proximidade das copas de algumas árvores são fatores que contribuem para que o local tenha essa má característica (FIGURA 90).

*“À noite, quando não tem festa no Lenhadores, ao redor do canal mal iluminado, ficam os **grupinhos sentados nas pontes do canal usando drogas e amedrontando vizinhos**, como as árvores são altas, ficam como acolhimento, fica perigoso...”* (líder comunitária 1, depoimento dia 11 de março de 2012, às 10:40 hs).

Figura 89: Foto aérea do Canal do ABC.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 90: Canal poluído e mal protegido.



Fonte: a autora, 2012.

A preferência dos moradores mais carentes pela utilização de espaços públicos de melhor infraestrutura do bairro ou arredores foi mencionada pelo líder, que citou a Praça do bairro vizinho, o Bongi e a Rua Moçambique (que possui casas de melhor padrão construtivo) como exemplo.

“A praça do Bongi e a Rua Moçambique são exemplos de lugares que as pessoas da comunidade não gostam de ir, pois as casas são melhores e as pessoas não curtem, não se sentem bem...” (depoimento líder comunitária 01, dia 11 de março, às 11hs).

Entre os pontos de destaque nos relatos da líder comunitária 01, aponta-se a valorização dos aspectos cotidianos, referentes aos pontos de encontro, como uma lanchonete na via principal do bairro (FIGURA 91) e o salão de beleza do Jailton, onde as pessoas param, compram o jornal e conversam. Esses pequenos locais de prestação de serviços, nas pequenas comunidades, fazem o papel de *“polo gerador de encontro”*.

Figura 91: Uso de calçada como extensão de barzinho, na via principal.



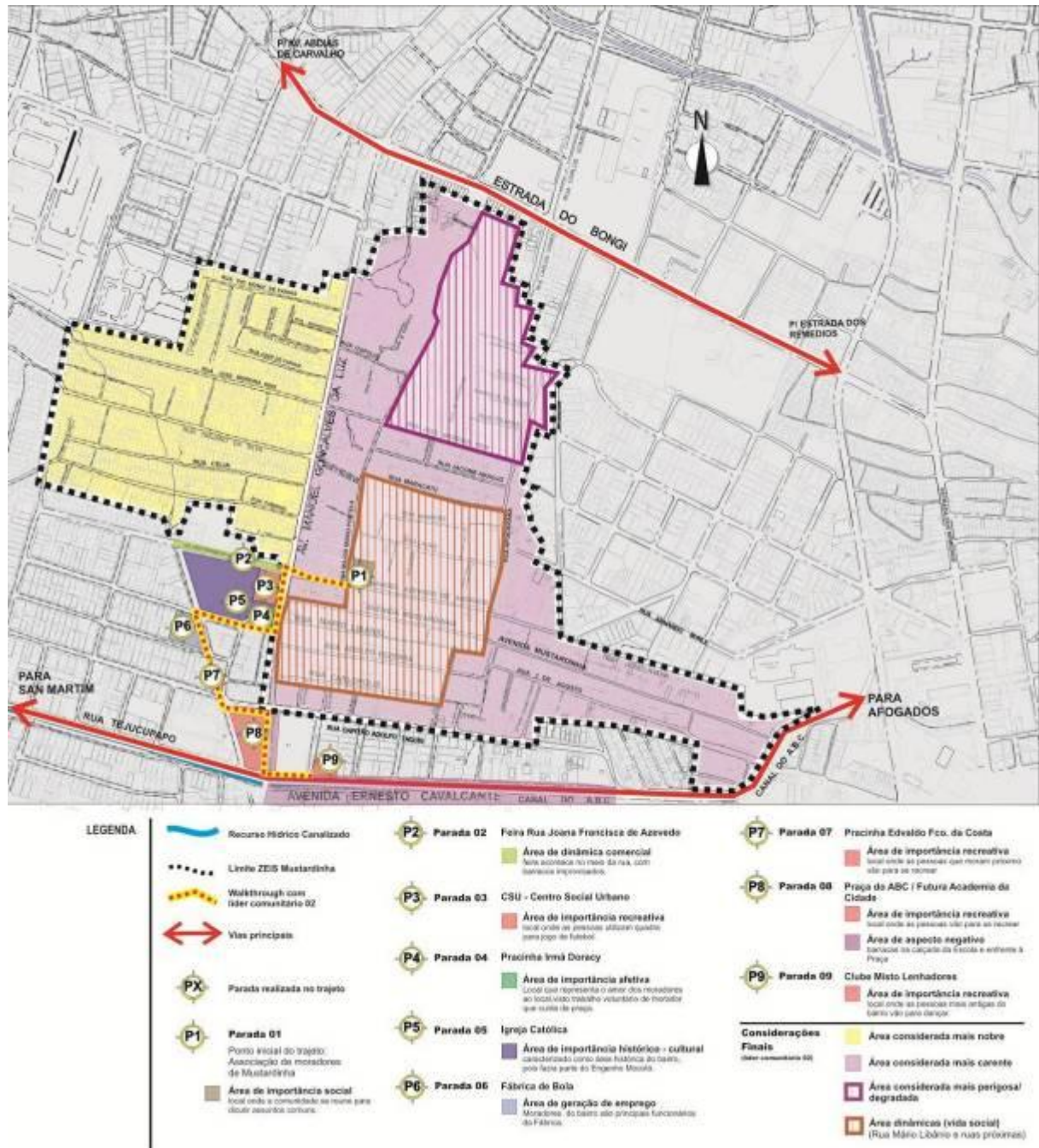
Fonte: a autora, 2012

Entre as considerações da líder comunitária 01, no final do percurso, destaca-se a divisão do bairro em duas áreas contrapostas: uma como sendo mais tranquila “onde as crianças não saem quando o sol baixa” e outra mais dinâmica, definida como um “local onde as crianças saem, quando o sol baixa”.

Durante o *walkthrough* 02 (MAPA 13), as *paradas* 03, 04, 08 e 09 foram mencionadas com quase as mesmas atribuições de importância da líder comunitária 01, com exceção: da Praça do ABC, que também foi atribuída aspectos negativos, referentes à ocupação irregular de barracas de bebidas na calçada de escolas públicas em frente a Praça. Já ao CSU e a Pracinha irmã Douraci só foram atribuídas um tipo de importância, visto que a entrevistada exercia a função de líder comunitária, há menos tempo na comunidade.

Alguns pontos adicionais foram acrescentados, em relação ao *walkthrough* 01, como por exemplo, a *Parada* 02 - Feira ao ar livre, que acontece na Rua Joana Francisca de Azevedo, com suas atividades expandindo para a via principal do bairro, a Rua Manoel Gonçalves da Luz (FIGURA 92), compondo um ambiente de conflito entre feirantes e pedestres (FIGURA 93), que caminham nas ruas junto com veículos. A este local, foi atribuída pela líder importância quanto a dinâmica comercial.

Mapa 13: Análise do Walkthrough 02 da ZEIS Mustardinha



Fonte: a autora, 2012

Figura 92: Feira livre no cruzamento de vias.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 93: Ocupação das calçadas por feirantes.



Fonte: a autora, 2012.

Outro ponto diferente do primeiro *walkthrough* foi a *Parada - 05*: A igreja católica da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pompeia (FIGURA 94), em frente a pracinha, que, segundo ela, era a antiga capela do Engenho Mocotó, adquirindo uma importância histórico-cultural. Segundo relatou a líder, devido a rua ser larga e não ter muito acesso de carro, os moradores preparam festas juninas no local.

A Parada 07 – Pracinha Edvaldo Fco. da Costa (FIGURA 95), também foi apontada como um local de importância recreativa, visto que aí estavam presentes senhoras sentadas em cadeiras sob a copa das árvores conversando e observando o movimento da rua. De acordo com relato da líder comunitária 02, este local foi um espaço remanescente de uma intervenção urbanística de regularização do sistema viário.

Figura 94: Igreja Católica do bairro.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 95: Pracinha Edvaldo Francisco da Costa.



Fonte: a autora, 2012.

A *Parada 06* - Fábrica de bola foi apontada como uma área que juntamente com outras fábricas e empresas do entorno, geram emprego aos moradores.

No segundo *walkthrough*, foi considerada a mesma divisão de áreas do bairro feita pela primeira líder, tendo a via principal do bairro, o limite entre esse zoneamento. Porém, neste segundo caso, a divisão considerou uma área mais nobre e a outra mais carente e mais

perigosa, apresentando frequentes atos de criminalidade e violência. Esta área, apontada no mapa, refere-se à localização das subáreas contíguas a ZEIS de Mustardinha.

Outro aspecto foi ainda enfatizado nesse zoneamento, a dinamicidade urbana nas vias mais antigas do bairro, sendo considerada a Rua Mário Libânio e suas proximidades, como “*loais onde as pessoas sentam na calçada para conversar*”.

O *walkthrough* realizado com cada líder comunitário gerou o desenvolvimento das seguintes categorias de importâncias:

- a) *Áreas de importancia histórico - cultural*: CSU-Centro Social Urbano e a Igreja Católica;
- b) *Áreas de importancia afetiva/ importancia cultural*: Pracinha Irmã Doracy;
- c) *Áreas de importancia recreativa*: CSU; Pracinha Irmã Doracy; Clube Misto Lenhadores; Praça do ABC e Pracinha Edvaldo Fco. da Costa;
- d) *Áreas degradadas / Áreas de aspectos negativos*: Canal do ABC e entorno da Praça do ABC;
- e) *Área de dinâmica comercial*: Feira da Rua Joana Francisca de Azevedo;
- f) *Área de geração de emprego*: entorno da Fábrica de bola;
- g) *Área de importância para eventos*: Rua Manoel Gonçalves da Luz.
- h) *Áreas mais carente e mais dinâmica de vida social*: lado leste da ZEIS, considerando a Rua Manoel Gonçalves da Luz, como eixo principal; Rua Mário Libânio e suas proximidades.
- i) *Área mais nobre e mais tranquila*: lado oeste da ZEIS, considerando a Rua Manoel Gonçalves da Luz, como eixo principal.

A partir dos resultados dos *walkthrough* aplicado com os líderes da ZEIS Mustardinha, foi possível identificar como:

- a) Principais atividades de recreação: jogar futebol; dançar; assistir/participar de grupos musicais; jogar dominó, dama, bingo ou baralho; comer ou beber com amigos; conversar/observar movimento da rua; reunir-se em grupos de oração; exercer papel de liderança e acompanhar grupos, entre outros.
- b) Principais lugares onde ocorre recreação na comunidade, pontos de aplicação das entrevistas: lado leste da ZEIS, considerando a Rua Manoel Gonçalves da Luz, como eixo principal; Rua Mário Libânio e suas proximidades,, entre outros que se enquadraram como locais secundários de observação.

2.4.3. Resultado das entrevistas

Observou-se através das 24 entrevistas semiestruturadas realizadas, que a maioria das pessoas nasceu no bairro e se mostram satisfeitas com o lugar onde moram, têm orgulho da boa localização e tranquilidade do lugar.

As atividades de lazer mais citadas foram às conversas e observação do movimento da rua; jogar dominó/dama/cartas; comer e beber com amigos e dançar (TABELA 6). Em segundo lugar, destacaram também jogar bola; assistir ou participar de grupos musicais; fazer caminhada; reunir-se em grupos de oração, etc., seguidas de diversas brincadeiras populares entre as crianças e jogo de volleyball.

Tabela 6: Principais atividades de lazer - ZEIS Mustardinha.

ZEIS MUSTARDINHA		
ATIVIDADE	Nº. DE PESSOAS	%
CONVERSAR E OBSERVAR O MOVIMENTO DA RUA	19	79%
COMER OU BEBER COM OS AMIGOS	13	54%
JOGAR DOMINÓ, DAMA, BINGO OU CARTAS	13	54%
DANÇAR	11	46%
REUNIR-SE EM GRUPOS DE ORAÇÃO	8	33%
ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS MÚSICAIS	5	21%
JOGAR BOLA	5	21%
CAMINHADA (EXERCÍCIOS FÍSICOS)	4	17%
JOGAR AMARELINHA	2	8%
JOGAR SINUCA	2	8%
EMPINAR PIPA	2	8%
ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS ARTÍSTICOS	1	4%
ANDAR DE BICICLETA	1	4%
PAPEL DE LIDERAR / ACOMPANHAR GRUPOS	0	0%
REUNIR-SE EM TERREIROS	0	0%
OUTROS (DIVERSAS BRINCADEIRAS POPULARES DE CRIANÇAS E JOGAR VOLLEYBALL).	6	25%

Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2012.

- CONVERSAR E OBSERVAR O MOVIMENTO DA RUA

Como ocorre nas outras comunidades analisadas, a conversa e observação do movimento da rua é a atividade mais realizada pelos entrevistados; em todas as faixas etárias e independentes do sexo, principalmente na calçada em frente às suas casas ou dos vizinhos (FIGURAS 96 a 98). Observou-se que em Mustardinha, devido as ruas serem estreitas, as residências provocam sombra nas calçadas, boa parte do dia.

“se a gente tá de um lado, vê a vida dos outros...tem que ver quem presta e quem não presta...” (J.A.S., 52 anos, eletricista, morador da Rua Capitão Adolfo Taquis)

O principal motivo para escolha dos lugares para realizar esta atividade é o fluxo dos vizinhos e a tranquilidade da via onde moram.

Figura 96: Pessoas conversando na calçada.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 97: Pracinha Edvaldo Francisco da Costa.



Fonte: a autora, 2012.

Figura 98: Conversando na calçada de ponto comercial.



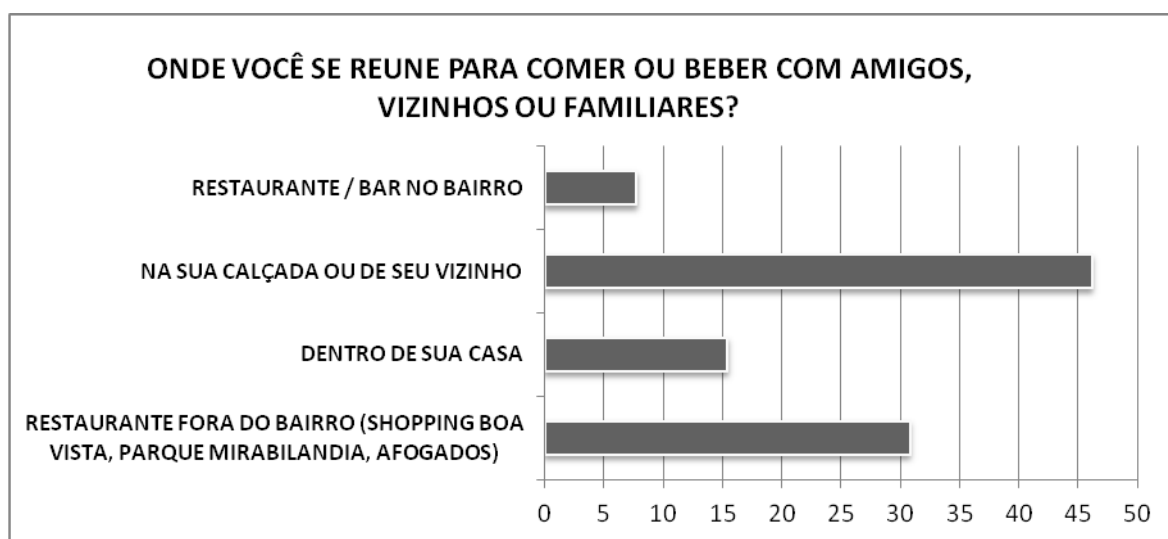
Fonte: a autora, 2012.

- COMER OU BEBER COM OS AMIGOS

O local mais frequentado para a reunião de pessoas para comer ou beber com amigos também é a calçada de suas casas ou dos vizinhos (GRÁFICO 21), não tendo sido mencionado critérios suficientes para se considerar relevante.

“a gente se reúne...um traz uma cachaça e um tira-gosto, **a gente se diverte aqui mesmo**” (J.A.S, 52 anos, eletricista, morador da Rua Capitão Adolfo Taquis).

Gráfico 21: Locais utilizados para comer ou beber – ZEIS Mustardinha.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2012.

- JOGAR DOMINÓ, DAMA, BINGO OU CARTAS

Nesta atividade, a calçada também aparece como principal local (GRÁFICO 22), tendo como principais critérios de escolha o fato de reunir-se com vizinhos; não gastar energia elétrica com a atividade e a tranquilidade da via (FIGURA 99 E 100).

“jogar aqui na calçada é **mais calmo, mais tranquilo, não gasta com energia...**boto uma tabuazinha e **jogo com a vizinha...**” (G.S., 53 anos, auxiliar de serviços gerais, morador da Rua Mustardinha).

Figura 99: Grupo de vizinhos jogando dominó na calçada sombreada.



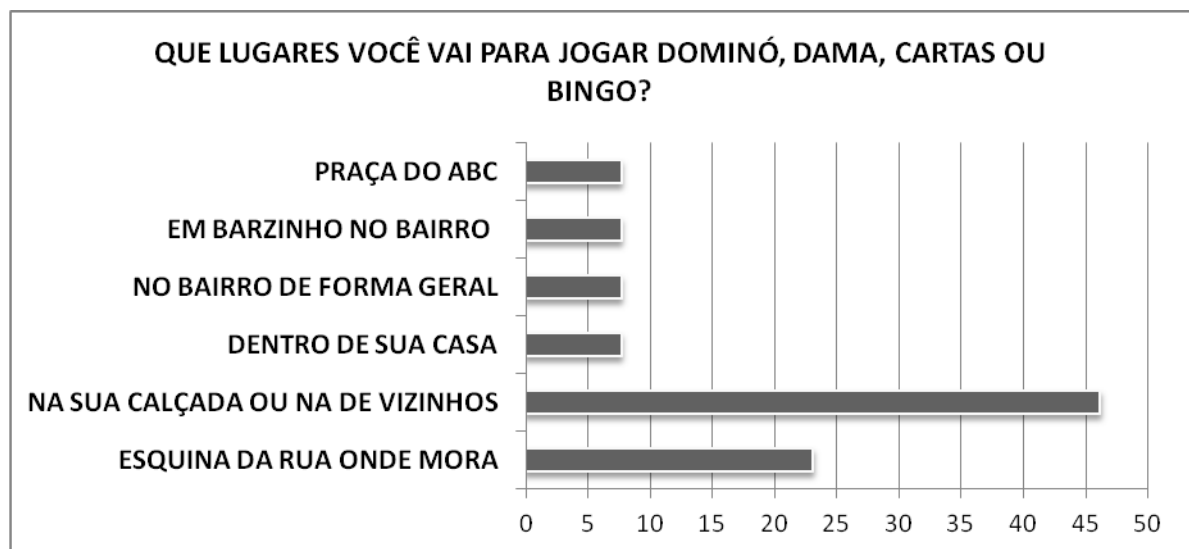
Fonte: a autora, 2012.

Figura 100: Jogo de cartas na calçada próxima a Praça do ABC.



Fonte: a autora, 2012.

Gráfico 22: Locais utilizados para jogar dominó – ZEIS Mustardinha.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2012.

- DANÇAR**

Observa-se que a dança é uma das principais atividades de lazer em todas as áreas (FIGURA 101), e frequentar os clubes também se faz presente em Mustardinha, que possui um dos clubes mais antigos de Pernambuco, o Clube Misto Lenhadores.

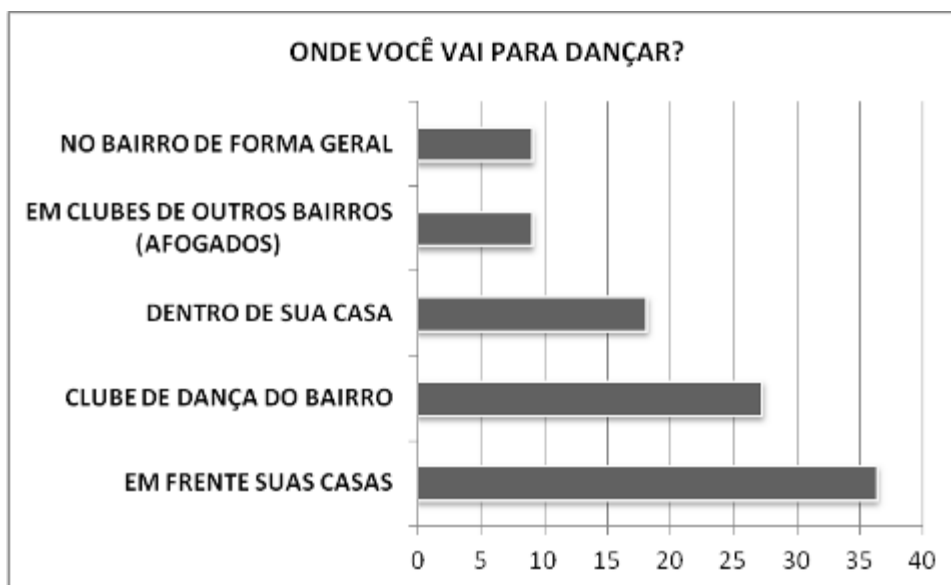
A maioria dos entrevistados que tem a dança como atividade de lazer (GRÁFICO 23), a realizam ou em frente sua casa ou na de vizinhos, quando utilizam som “mecânico”, ou nos clubes de dança do bairro, como o Clube Misto Lenhadores, quando querem participar de dança de salão. Entre os motivos de escolha do local, destaca-se a proximidade de suas casas.

Figura 101: Crianças dançando na rua - ZEIS Mustardinha.



Fonte: a autora, 2012

Gráfico 23: Locais utilizados para dançar – ZEIS Mustardinha.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2012.

- JOGAR BOLA

A maioria dos entrevistados respondeu que joga bola como atividade de recreação, utilizam a quadra do CSU, tendo como principal motivo a infraestrutura existente e os grupos de amigos.

- CAMINHADA (EXERCÍCIOS FÍSICOS)

As respostas variaram quanto ao local utilizado pelos moradores para realizar caminhada, entre estes foram citados as ruas do bairro e do bairro vizinho, San Martim.

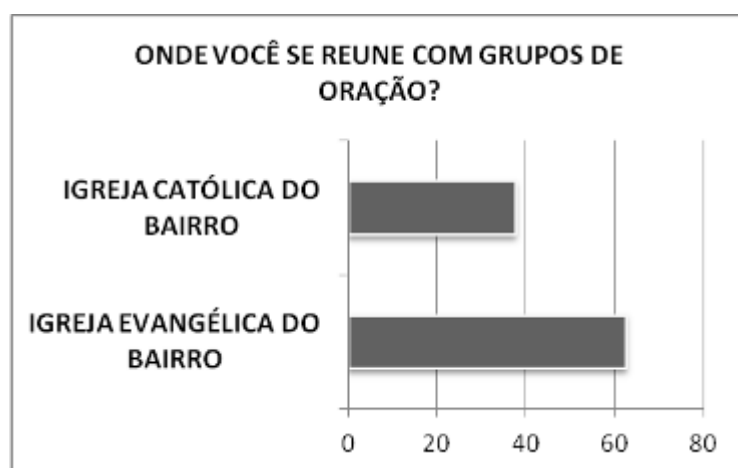
- ASSISTIR E PARTICIPAR DE GRUPOS MUSICAIS

Os lugares citados para os entrevistados irem assistir e participar de grupos musicais são: a praça do ABC; as ruas, quando há organização de quadrilhas/festas de são joão; o Clube Lenhadores e a rua de acesso a este, que se torna um atrativo em dias de festa no clube, uma forma de lazer gratuita, de acordo com entrevistados.

- REUNIR-SE EM GRUPOS DE ORAÇÃO

A maioria dos entrevistados que se reúnem em grupos de oração, frequentam igreja evangélica do bairro (GRÁFICO 24).

Gráfico 24: Locais utilizados para reunir-se com grupos de oração–Mustardinha.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2012.

- ANDAR DE BICICLETA E EMPINAR PIPA

Apesar destas duas atividades não terem se mostrado expressivas nas respostas dos entrevistados, observou-se sua existência em campo, principalmente entre crianças e adolescentes.

Foi citado como principal lugar, as ruas do bairro. Diferentemente de Aritana, as crianças não parecem estar limitadas pela contiguidade às suas casas, percebendo que estas interagem mais entre elas e conhecem melhor o local que moram (FIGURAS 102 e 103).

Observou-se ainda que ao se reunirem para empinar pipa na rua, os jovens adquirem um comportamento audaz, superando barreiras para conseguir capturar suas pipas ou de seus amigos (FIGURA 104). Dos telhados se consegue ver melhor onde estão enganchados os fios etc.

Figura 102: Meninos empinando pipa na rua.



Figura 103: Crianças em bicicletas na rua.



Fonte: a autora, 2012.

Fonte: a autora, 2012.

Figura 104: Crianças buscando pipa no telhado da casa de vizinhos.



Fonte: a autora, 2012.

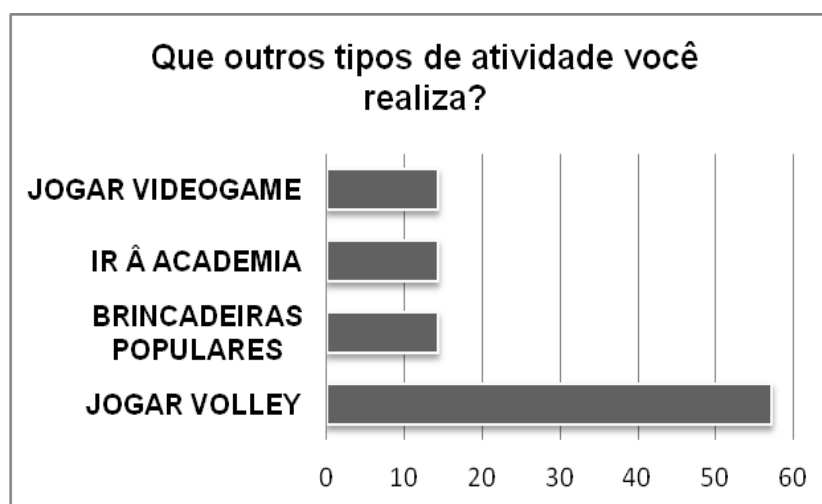
- OUTRAS ATIVIDADES REALIZADAS

As principais atividades realizadas fora da listagem apresentada aos entrevistados foram as brincadeiras populares e jogar volleyball (GRÁFICO 25), realizadas na rua onde moram (QUADRO 03). Alguns dos motivos para haver pouco jogo de volley é o fluxo de veículos nas ruas.

“povo bota rede na rua, a gente joga...É ruim...porque passa moto, carro...” (R.L., 12 anos, estudante, moradora da Rua Carlópolis)

Os jovens entre 16 e 25 anos também responderam costumar jogar videogame e ir à academia, contudo estas atividades são realizadas dentro das casas ou locais fechados.

Gráfico 25: Outras atividades realizadas – ZEIS Mustardinha.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2012.

Quadro 3: Outras atividades realizadas – ZEIS Mustardinha.

ZEIS MUSTARDINHA	
QUE OUTRAS ATIVIDADES VOCÊ REALIZA?	ONDE?
JOGAR VOLLEY	NA RUA ONDE MORA
BRINCADEIRAS POPULARES	
IR À ACADEMIA	ACADEMIA DO BAIRRO
JOGAR VIDEOGAME	EM CASA

Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2012.

CAPÍTULO 03 – CONCEBENDO OS ESPAÇOS DE LAZER

Neste capítulo o objetivo é apresentar a avaliação ou preferência ambiental dos usuários (RAPOPORT 1978) com base nos resultados obtidos na pesquisa de campo, identificando os fatores de escolha de determinados lugares em detrimento a outros, para realização das atividades de lazer.

Numa primeira escala, chamada de **“espaço de lazer de vizinhança”**, selecionou-se um total de 05 recortes espaciais nos três casos estudados, a fim de aprofundar a relação entre os componentes ambientais atribuídos tanto pelo pesquisador, durante a observação incorporada, quanto pelos usuários, no *walkthrough* e nas entrevistas semiestruturadas. Para esta compilação de informações foram realizadas análises quanto:

- a) *A relação dos componentes ambientais*: foram desenvolvidos mapas dos componentes físicos, mapas comportamentais quanto às atividades de lazer e quadros de relação entre componentes físicos e sociais;
- b) *Os resultados da preferência ambiental*: as atividades mais realizadas pelos grupos de usuários (moradores de áreas pobres) e por subgrupos (diferentes faixas etárias); análises da localização priorizada pelos subgrupos, apontados através de esquemas-síntese e as preferências ou prioridades nas escolhas de usos, agrupadas em categorias identificadas.

De acordo com Rapoport (1978) os lugares urbanos possibilitam indicar uma identidade social, não sendo meros receptáculos de atividades. Logo, esse processo de seleção ou de eliminação dos espaços destinados para realizar as atividades se apoia em critérios comuns compartilhados, sobre a imagem que as pessoas têm de uma vida conveniente e de um meio ambiente apropriado. Os diferentes tipos de critérios usados afetam a apropriação do espaço, ou seja, a concepção do espaço livre coletivo - sejam estes utilizados para avaliar positivamente ou negativamente um meio ambiente.

Assim, ao apontar as atividades mais realizadas, identificaram-se aspectos comuns num sistema de decisões em um grande grupo de usuários (moradores de áreas pobres) divididos em 03 grupos, por estarem situados em diferentes lugares da cidade.

Numa segunda escala, analisou-se **“o espaço de lazer do entorno”**, compreendendo que muitas vezes, as áreas pobres não possuem espaços livres em quantidade e nem investimentos na melhoria da infraestrutura adequada, tendo que os moradores de se

deslocarem para o entorno em busca de espaços de lazer. Apresenta-se então, os lugares identificados como os mais frequentados fora do bairro ou das ZEIS e as atividades realizadas nestes.

3.1 ESCALA 01 – ESPAÇO DE LAZER DE VIZINHANÇA

3.1.1. Relação dos componentes ambientais

A partir dos dados coletados e do roteiro apresentado por Alcantara (2008)³⁸ para a análise morfológico-espacial, adaptado as necessidades desta dissertação, apresentam-se três aspectos gerais para compreensão dos componentes físicos:

- a) Aspectos funcionais: características gerais de uso e ocupação do solo; gabarito das edificações e hierarquia viária;
- b) Aspectos ambientais e paisagísticos: cobertura vegetal; características topográficas e conforto ambiental.
- c) Aspectos urbanísticos³⁹: acessibilidade/permeabilidade; barreiras físicas; proximidade/centralidade; orientação das casas em relação ao espaço comum.

Para cada aspecto analisado, foram listados os principais componentes da qualidade ambiental observados pelo pesquisador, diferenciando os físicos dos sociais, como uma maneira de interpretá-los. O entrelaçamento das descobertas apresentadas neste capítulo possibilita a interrelação dos aspectos percebidos e vivenciados dos espaços estudados.

³⁸ Alcantara (2008) tomou como base para construção do roteiro dos aspectos a serem levantados e analisados na análise morfológico-espacial, a leitura dos seguintes autores: Christopher Alexander, Vicente del Rio, Jose Lamas (2000) e Flávio Villaça.

³⁹ Os atributos referentes aos aspectos urbanísticos foram modificados, visto a preocupação maior nesta pesquisa com a relação entre os aspectos formais e os aspectos subjetivos e não com uma caracterização aprofundada de evolução urbana.

- RECORTE 01 - RUA DO RIO /BAIRRO BOMBA DO HEMETÉRIO (QUADRO 04):

A sinuosidade que acompanha o morro do Alto José do Pinho e a falta de conectividade (falta de vias que atravessem a área) fazem com que se produza campos de pouca permeabilidade visual, tornando-se assim locais inseguros para o visitante. Apesar disso, o vínculo comunitário e a potencialidade social entre as relações de vizinhança são significativos.

As extensões das atividades domésticas para as calçadas e rua refletem o uso predominantemente residencial, entremeado por alguns pequenos bares e mercearias. A rua é estreita, porém ocupada em toda sua extensão, havendo convivência entre diversas faixas etárias e realização simultânea de diversas atividades como jogo de bola, empinar pipa entre outras brincadeiras populares, praticadas pelas crianças, além de jogos de dominó etc. Os trechos de rua onde as calçadas são largas são mais utilizados, principalmente como local para conversa entre vizinhos e brincadeiras variadas entre as crianças.

Dividimos a Análise da Rua do Rio em dois trechos a fim de facilitar a visualização e focar em algumas atividades. O primeiro trecho é o mais próximo do comitê Bombando Cidadania e o segundo mais próximo de escadarias de acesso a clubes de maracatu. Os dois locais podem ser considerados “polos geradores de tráfego local”, um vinculado a organização social e o outro aos laços culturais, que permeiam toda a comunidade. Apesar da rua não possuir arborização significativa, sua largura reduzida e a ocupação das áreas lindeiras o tornam um local sombreado em maior parte do dia (MAPA 14).

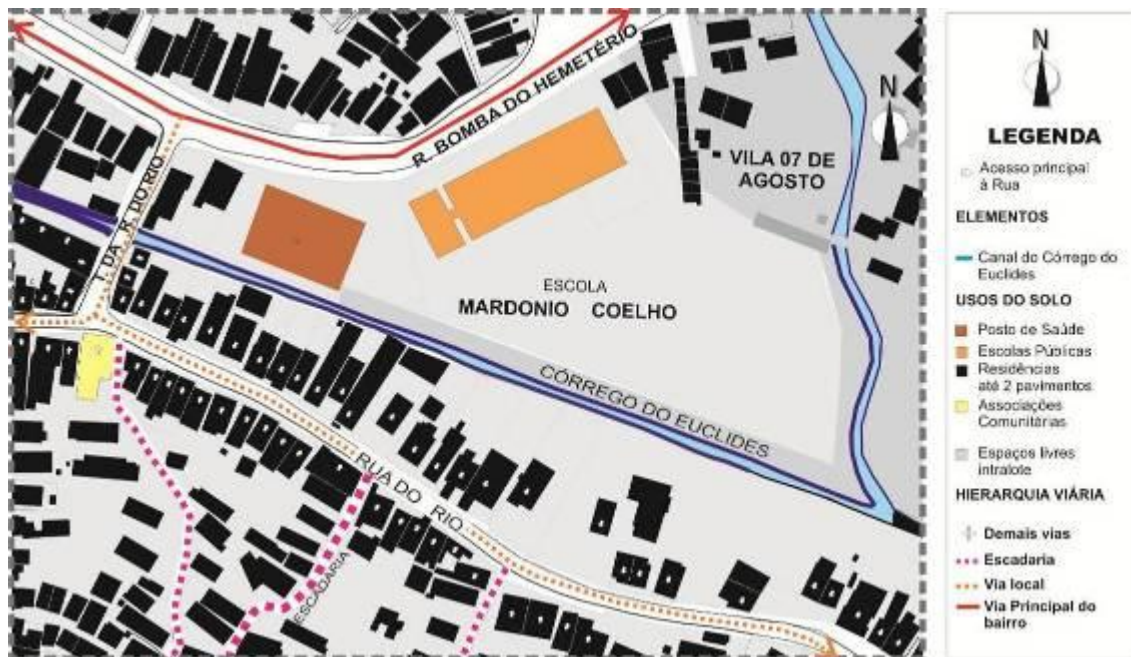
As atividades realizadas na Rua do Rio são variadas, porém se observa que aquelas realizadas pelas crianças acontecem no leito da própria via, enquanto as demais acontecem nas calçadas (MAPA 15).

Quadro 4: Componentes ambientais da Rua do Rio.

ASPECTOS	COMPONENTES DA QUALIDADE AMBIENTAL	
	COMPONENTES FÍSICOS	COMPONENTES SOCIAIS
ASPECTOS FUNCIONAIS	- Uso residencial predominante. - Localização de pólos geradores de tráfego local, como: associações e agremiações. - Grande fluxo de moradores. - Localizado em via local. - Gabarito baixo. - Vias estreitas e recuos frontais escassos. - Via sinuosa que acompanha morro de bairro vizinho, cria pontos de difícil visibilidade.	- Local de atratividade de moradores, visto a existência de pontos de interesse. - Potencial cultural e social.
ASPECTOS AMBIENTAIS E PAISAGÍSTICOS	- Arborização rarefeita. - Sombreamento provocado pela proximidade das casas e ruas estreitas.	- Local não atrativo para quem não mora aí.
ASPECTOS URBANÍSTICOS	- As edificações do entorno são voltadas para a rua. - Malha irregular - Pouca conectividade com vias paralelas, visto a continuidade da via com poucos becos que as interceptem, características de traçado informal. - Encontro da via com escadarias provoca espaços de diferenciados na malha urbana. - Proximidade entre casas.	- Presença de Co-vigilantes ou Co-proprietários da rua. - Sensação de identificação e pertencimento dos moradores com o local. - Crianças se aventuram mais nas ruas, se sentem mais seguras.

Fonte: a autora, 2012.

Mapa 14: Configuração Física da Rua do Rio - Bomba do Hemetério.



Fonte: a autora, 2012.

Mapa 15: Atividades de lazer da Rua do Rio (Trecho 01).

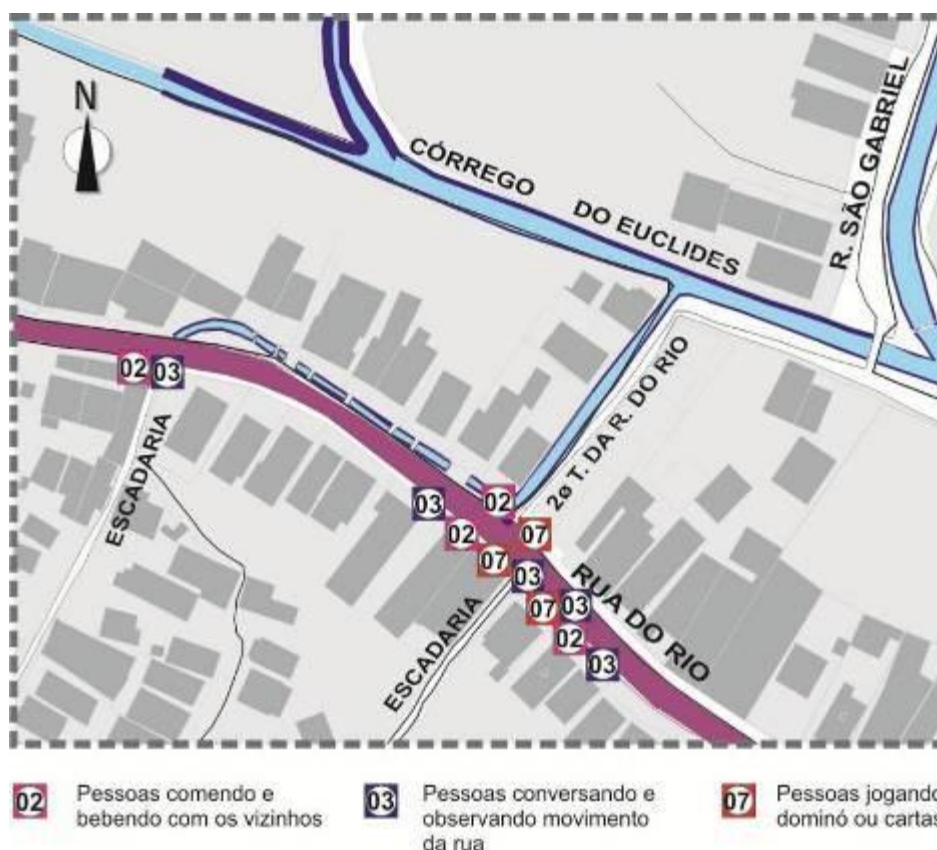


Fonte: a autora, 2012

No segundo trecho, no encontro da Rua do Rio com a Travessa da Rua do Rio há uma concentração de atividades de lazer. Este é um ponto onde é possível se observar a rua antes de começar suas curvaturas e a rua de acesso a Rua Bomba do Hemetério, a 2ª. Travessa da Rua do Rio.

No encontro da Rua do Rio com a Rua Tuína (escadaria de acesso ao bairro Alto José do Pinho) observou-se grande concentração de pessoas, como um encontro entre eixos de circulação. A atividade referente ao jogo de dominó, comentado anteriormente, acontece nas calçadas do lado do morro, pois é lá onde há maior área de sombreamento. As demais atividades, acompanham esta condição ambiental (MAPA 16).

Mapa 16: Atividades de lazer da Rua do Rio (Trecho 02).



Fonte: a autora, 2012

- RECORTE 02 - LARGO DA RUA DR.EUCLIDES DA COSTA / BOMBA DO HEMETÉRIO (QUADRO 5):

O uso ao longo das vias lindeiras ao largo da Rua Dr.Euclides da Costa é diversificado. Além do residencial unifamiliar, existem bares localizados próximos ao canal e a Rua Bomba do Hemetério. Os clubes de samba próximos agregam ao local um costume próprio das características do lugar de as pessoas se reunirem para ouvir música e dançar, tornando estes locais “pólos geradores de tráfego local”.

Os eventos acontecem de forma esporádica, porém o lugar recebe, durante outras épocas, parquinho de diversões para crianças, mostrando-se um local com potencial para atividades recreacionais. Sua configuração em forma de largo, mais ampla que as ruas que a interceptam, faz com que possa abrigar uma grande quantidade de pessoas (MAPA 17 e 18).

Apesar da infraestrutura inadequada, os eventos acontecem na via mencionada e no entorno próximo. As calçadas são estreitas, contudo são os locais onde o campo visual é um pouco mais alto e permitem às pessoas observarem melhor as apresentações de agremiações.

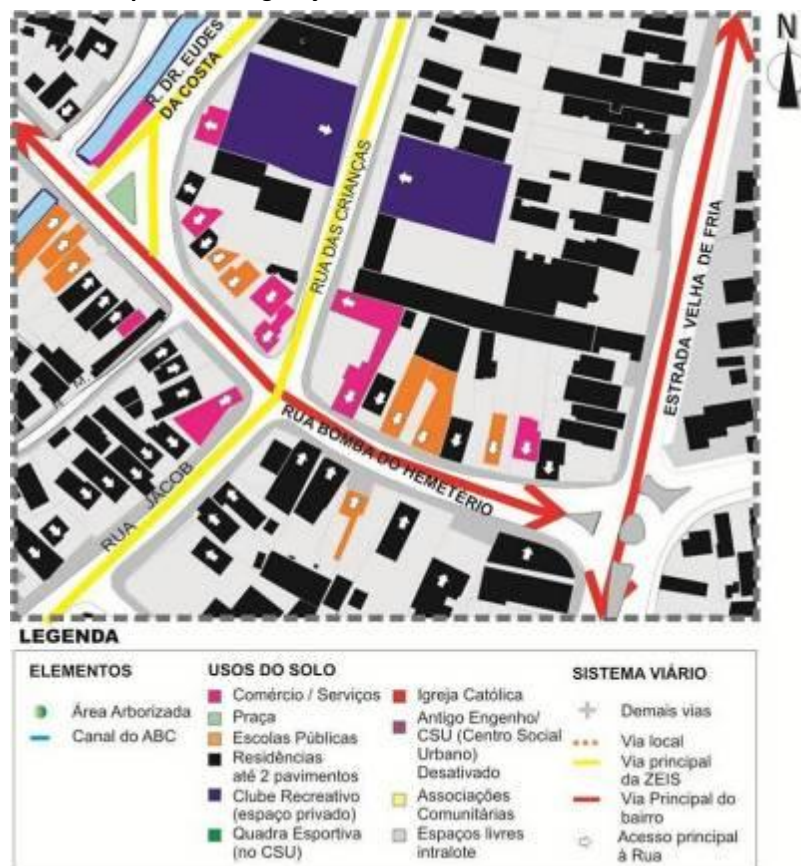
Destaca-se o descaso com as margens do Córrego, seu leito poluído e suas margens ocupadas por barracos, que poderiam oferecer potencial natural e paisagístico, mas que não é aproveitado.

Quadro 5: Componentes ambientais do Largo Euclides da Costa.

ASPECTOS	COMPONENTES DA QUALIDADE AMBIENTAL	
	COMPONENTES FÍSICOS	COMPONENTES FÍSICOS
ASPECTOS FUNCIONAIS	- Uso diversificado, presença de clubes de samba que atraem fluxos ao local. - Localizado em via principal do bairro. - Gabarito baixo. - Vias mais largas que as do entorno. - Ocupação de Áreas de risco nas margens do canal.	- Local pouco dinâmico durante o dia – a dia. - Capacidade para aglomeração de pessoas.
ASPECTOS AMBIENTAIS E PAISAGÍSTICOS	- Arborização relevante ao longo do canal. - Poluição do canal e ocupação indevida de suas margens.	- local com potencial natural e paisagístico não aproveitado. - Mal cheiro e poluição visual.
ASPECTOS URBANÍSTICOS	- As edificações do entorno são voltadas para a rua. - Boa localização no bairro, situado em via principal no início do bairro.	- Potencial para receber eventos no bairro.

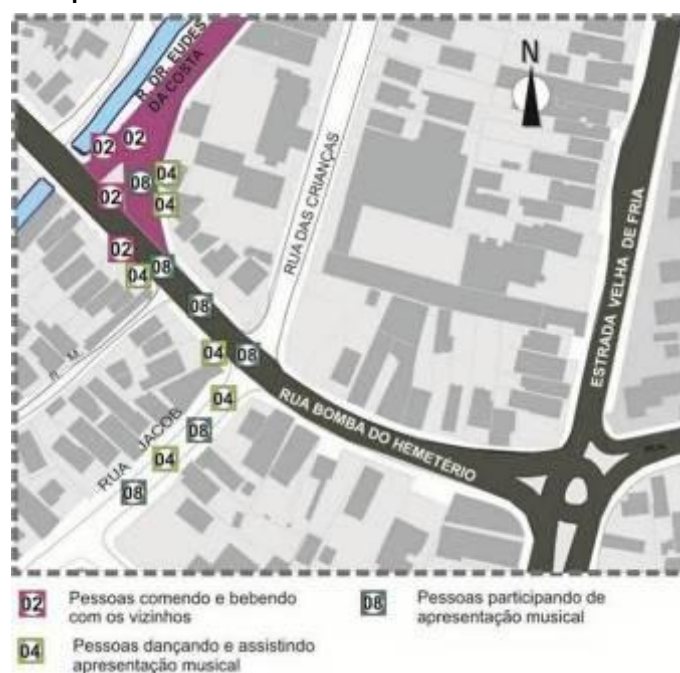
Fonte: a autora, 2012.

Mapa 17: Configuração física da Rua Dr. Euclides da Costa.



Fonte: autora, 2012

Mapa 18: Atividades de lazer da Rua Dr. Euclides da Costa.



Fonte: a autora, 2012.

- RECORTE 03 - ÁREA DA FRENTE DO CONJUNTO HABITACIONAL ARITANA (QUADRO 6):

Uma das ZEIS do Recife com menor número de moradores e de menor espaço físico, em Aritana se observou a permanência de vários moradores ao redor do conjunto habitacional existente.

Observa-se que várias casas têm suas entradas voltadas para este conjunto habitacional reconhecido aqui como um espaço livre coletivo. Além disso, é daí que também irradiam becos e travessas em direção as vias principais. Desta forma, este lugar se configura como um elemento central de organização espacial, funcionando como ponto de encontro e recreação (MAPA 19). Outro fato observado é a malha da ZEIS não se integrar com a do entorno, fazendo com que as pessoas não atravessem a área para ir a outros locais do bairro onde a ZEIS está inserida. Assim, apesar de ocasionar uma condição de gueto, a impermeabilidade física e visual da área resguarda a comunidade do fluxo de veículos e de pessoas estranhas, provocando uma espécie de sensação de acolhimento. Sua configuração de *gueto* resulta do fechamento provocado pela existência, contornando a ZEIS, de edificações com gabarito mais alto.

O uso é predominantemente residencial unifamiliar, porém no entorno, existem algumas edificações de uso multifamiliar e alguns serviços além de pequenas fábricas que ocupam grandes áreas, promovendo ainda mais o fechamento do espaço.

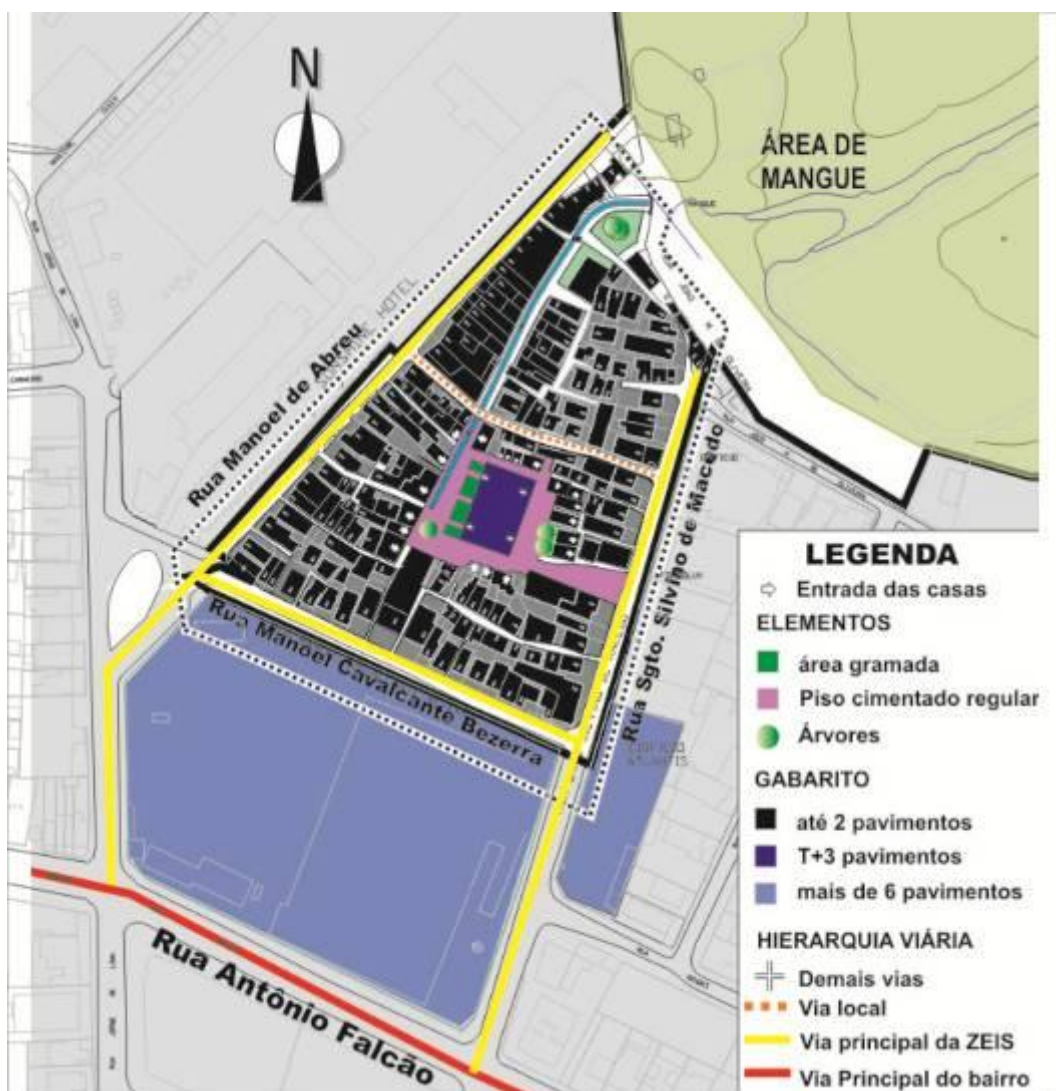
A proximidade das casas e estreiteza das vias aproxima as pessoas, o que reflete na boa convivência entre os moradores e na sensação de segurança, que garante a recreação tranqüila das crianças do lugar.

Na área dos fundos do conjunto habitacional existem caixas de inspeção de instalações hidrossanitárias que também são utilizadas como mesas e bancos, onde os jovens se reúnem e para comer e beber com os vizinhos, como visto no capítulo anterior. Este fato que, de todo o modo, reflete uma resignificação dos moradores às condições urbanísticas locais, aponta uma demanda dos moradores por mobiliário urbano.

Apesar da pequena quantidade de árvores, as poucas que existem conseguem proporcionar algumas áreas sombreadas, e aquelas que existem próximas às áreas gramadas, ao redor do prédio principal do conjunto habitacional, ocasionam uma sensação de frescor, e se

transformam em atrativo para as reuniões dos moradores. Também a área pavimentada ao redor desse mesmo lugar é citada nas entrevistas como motivo de escolha para as brincadeiras de crianças, principalmente quanto à andar de bicicleta, jogar amarelinha e diversas outras brincadeiras populares (MAPA 20).

Mapa 19: Configuração física entorno do Conjunto Habitacional Aritana.



Fonte: a autora, 2012

Mapa 20: Atividades de lazer entorno do Conjunto Habitacional Aritana.



Fonte: a autora, 2012.

Quadro 6: Componentes ambientais do Entorno do Conjunto Habitacional Aritana.

ASPECTOS DE ANÁLISE	COMPONENTES DA QUALIDADE AMBIENTAL	
	COMPONENTES FÍSICOS	COMPONENTES SOCIAIS
ASPECTOS FUNCIONAIS	- Pavimentação nivelada e lisa; - Contraste do gabarito das edificações	- Possibilidade de práticas esportivas e brincadeiras de crianças. - Controle Visual - Tranquilidade para reunião de moradores - Sensação de pertencimento.
ASPECTOS AMBIENTAIS E PAISAGÍSTICOS	- Área gramada em canteiros; - Árvores de pequeno porte. - Ventilação Natural	- Sombreamento, - Sensação de Frescor - Conforto Térmico
ASPECTOS URBANÍSTICOS	- Entradas das casas voltadas para o espaço comum.	- Segurança e controle para deixar crianças brincarem

Fonte: a autora, 2012.

• RECORTE 04 – PRACINHA IRMÃ DOROTHY (QUADRO 7):

Em Mustardinha observa-se a existência de vias que contornam por todos os lados uma praçinha, tendo uma via principal de bairro que lhe é lindeira, a Av. Manoel Gonçalves da Luz. Desta forma, o fluxo de veículos e de pedestres torna este lugar integrado à dinâmica do bairro. Apesar disto, há uma tranquilidade local que se deve ao fato de ser um local de fluxo local e não de passagem, pois existem vias que contornam a ZEIS.

O gabarito das edificações é baixo e uniforme ao redor da praçinha. Já o uso do solo é bastante diversificado, com instituição religiosa, comércio, serviços, indústria e residências unifamiliares. A este lugar é atribuída uma importância histórica e cultural, pela proximidade com o antigo Engenho Mocotó, o qual teve sua capela voltada para este espaço (MAPA 21).

A arborização local é bastante diversificada e proporciona sombreamento em toda a praça que conta com o zelo e cuidado de um morador do bairro, Sr. Quincas, demonstrando laços de afetividade e identidade.

Em frente a praça existe a igreja católica da Paróquia de Nossa Senhora do Rosário de Pompéia. Observa-se a importância que tem o entorno da igreja por compor uma espécie de palco de apoio as atividades da comunidade como, por exemplo, a Festa de São João que ocorre nas vias lindeiras que são largas e não têm muito acesso de carro. Esta edificação religiosa funciona como “polo gerador de tráfego local”, atraindo o fluxo de moradores, que atravessam ou contornam a praça (MAPA 22).

Quadro 7: Componentes ambientais da Pça. Irmã Dorothy.

ASPECTOS DE ANÁLISE	COMPONENTES DA QUALIDADE AMBIENTAL	
	COMPONENTES FÍSICOS	COMPONENTES SOCIAIS
ASPECTOS FUNCIONAIS	- Uso diversificado. - Área antiga e histórica. - Vias primária e secundária no contorno da praça. - Edificações de baixo gabarito ao redor da praça.	- Integração ao bairro - <i>Sensação de “estar em casa”.</i>
ASPECTOS AMBIENTAIS E PAISAGÍSTICOS	- Bastante arborizado. - Próximo a corredor de ventilação (via principal do bairro). - Área de sombreamento por toda praça.	- Acolhedor e aconchegante.
ASPECTOS URBANÍSTICOS	- As edificações do entorno são voltadas para a praça. - Apresenta papel de marco para o bairro, devido história. - Possui fácil acessibilidade, visto sua localização.	- Acessível. - Bom potencial para abrigar eventos da comunidade.

Fonte: a autora, 2012.

Mapa 21: Configuração Física - entorno da Pracinha Irmã Dorothy.



Fonte: a autora, 2012.

Mapa 22: Atividades de lazer entorno do Pracinha Irmã Dorothy.



Fonte: a autora, 2012.

- RECORTE 05 - RUA CARLÓPOLIS E SUAS PROXIMIDADES (QUADRO 8)

As Ruas Carlópolis, Manoel Azevedo de Andrade e a Mustardinha apresentaram formas de apropriação do espaço livre público semelhantes em aspectos como a permanência das pessoas nas calçadas estreitas para conversar e observar o movimento da rua, principalmente mulheres e jovens; as crianças espalharem-se ao longo da própria rua como uma espécie de “praça linear”, onde elas empinam pipa, jogam bola etc. Já algumas atividades exclusivas de garotas, como o jogo de amarelinha, ocorrem na própria calçada. Nas esquinas das calçadas acontecem jogos de tabuleiro, como de dominó, cartas e dama, praticados mais pelos homens adultos.

No MAPA 23, observa-se que o uso na Rua Carlópolis é pouco diversificado, predominantemente residencial, havendo alguns pontos de comércio de artigos de primeiras necessidades. O fato das vias serem longas e contínuas, sem muita conexão com vias perpendiculares, as tornam locais de pouca passagem de veículos, possibilitando que o fluxo de pedestres seja frequente.

As ruas possuem pavimentação em paralelepípedo e passeios em cimentado, que apesar de serem estreitos, são bastante utilizados pelos moradores, principalmente nos finais de tarde. A falta de arborização nessas vias não parece ser forma relevante, talvez porque as ruas são estreitas e com lotes também muito estreitos, gerando edificações suficientemente altas pra proporcionar áreas sombreadas em grande parte do dia.

A prática do uso de toldos no meio das ruas possibilita aos locais que não possuem sombreamento, a reunião de vizinhos para atividades diversas, como comer e beber, conversar e observar o movimento da rua (MAPA 24).

Mapa 23: Configuração Física Rua Carlópolis.



Fonte: a autora, 2012.

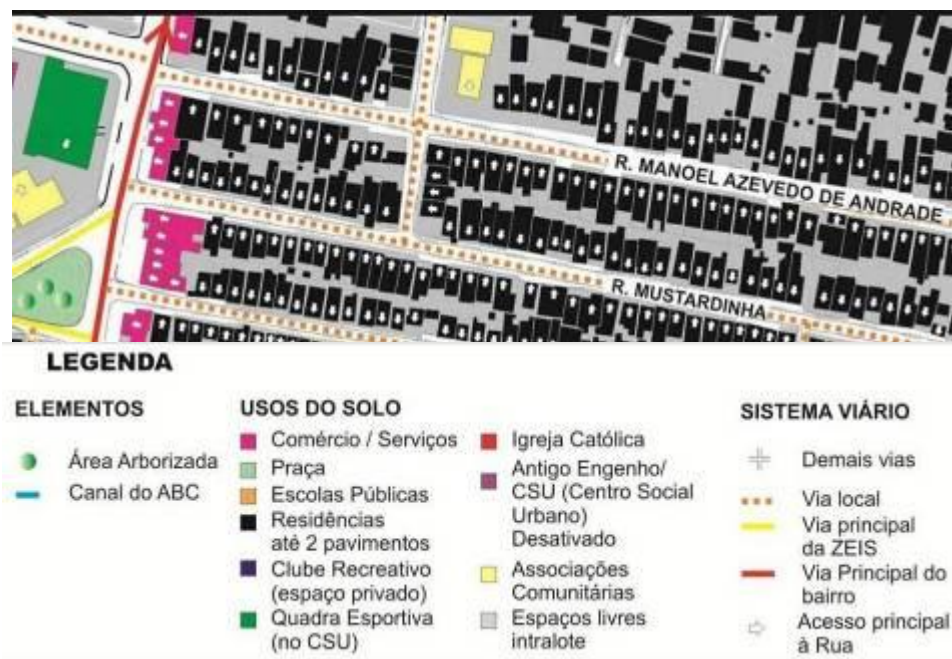
Mapa 24: Atividades de lazer da Rua Carlópolis.



Fonte: a autora, 2012

Na Rua Mustardinha e na Rua Manoel Azevedo de Andrade foram observadas muitas crianças e adolescentes, principalmente do sexo masculino, empinando pipa. Estes utilizam não só as calçadas e ruas, mas até os telhados das casas, para visualizarem melhor o trajeto de pipas. Já as crianças do sexo feminino, andam de bicicleta e interagem com brincadeiras populares (MAPA 25).

Mapa 25: Configuração Física das Ruas Manoel Azevedo e Mustardinha.



Fonte: a autora, 2012.

Mapa 26: Atividades de lazer - Ruas Manoel Azevedo e Mustardinha.



Fonte: a autora, 2012.

Quadro 8: Componentes ambientais da Rua Carlópolis e suas proximidades.

ASPECTOS	COMPONENTES DA QUALIDADE AMBIENTAL	
	COMPONENTES FÍSICOS	COMPONENTES SOCIAIS
ASPECTOS FUNCIONAIS	- Pouco uso diversificado, uso residencial intenso. - Grande fluxo de moradores. - Localizado em via local. - Gabarito baixo. - Vias estreitas e - Recuos frontais escassos.	- Local dinâmico. - Segurança. - Pouco integração ao bairro. - Proximidade entre casas, falta de privacidade entre vizinhos. - Local sombreado.
ASPECTOS AMBIENTAIS E PAISAGÍSTICOS	- Arborização rarefeita. - Sombreamento provocado pela proximidade das casas e ruas estreitas.	- local não atrativo para quem não mora aí.
ASPECTOS URBANÍSTICOS	- As edificações do entorno são voltadas para a rua. - Apresenta-se como uma área homogênea, onde - Malha irregular - Possui pouca conectividade com vias paralelas, visto a continuidade da via com poucos becos que as interceptem. Características de traçado informal.	- Presença de Co-vigilantes ou Co-proprietários da rua. - Sensação de identificação e pertencimento dos moradores com o local. - Crianças se aventuram mais nas ruas, se sentem mais seguras.

Fonte: a autora, 2012.

3.1.2. Resultados da preferência ambiental

Algumas variáveis entre os grupos haviam sido pré-definidas na estruturação da pesquisa como faixa etária (0-15, 16-25, 26-40, 41-60, acima de 60 anos) e o sexo. Contudo, no decorrer da aplicação das entrevistas semiestruturadas, observou-se que algumas divisões não pareciam importantes, pois havia homogeneidade nas respostas das mulheres entrevistadas, a partir dos 16 anos; dos homens a partir dos 26 anos; das crianças e adolescentes até 15 anos, dos jovens entre 16 e 25 anos e das pessoas idosas, independente do sexo.

Os resultados das três áreas apresentaram os seguintes pontos em comum (FIGURAS 105 e 106):

- As mulheres em diversas faixas etárias costumavam ficar ou no portão ou nas calçadas em frente suas casas, porque dali conseguem ver os filhos brincando, controlar a casa e conversar com as vizinhas.

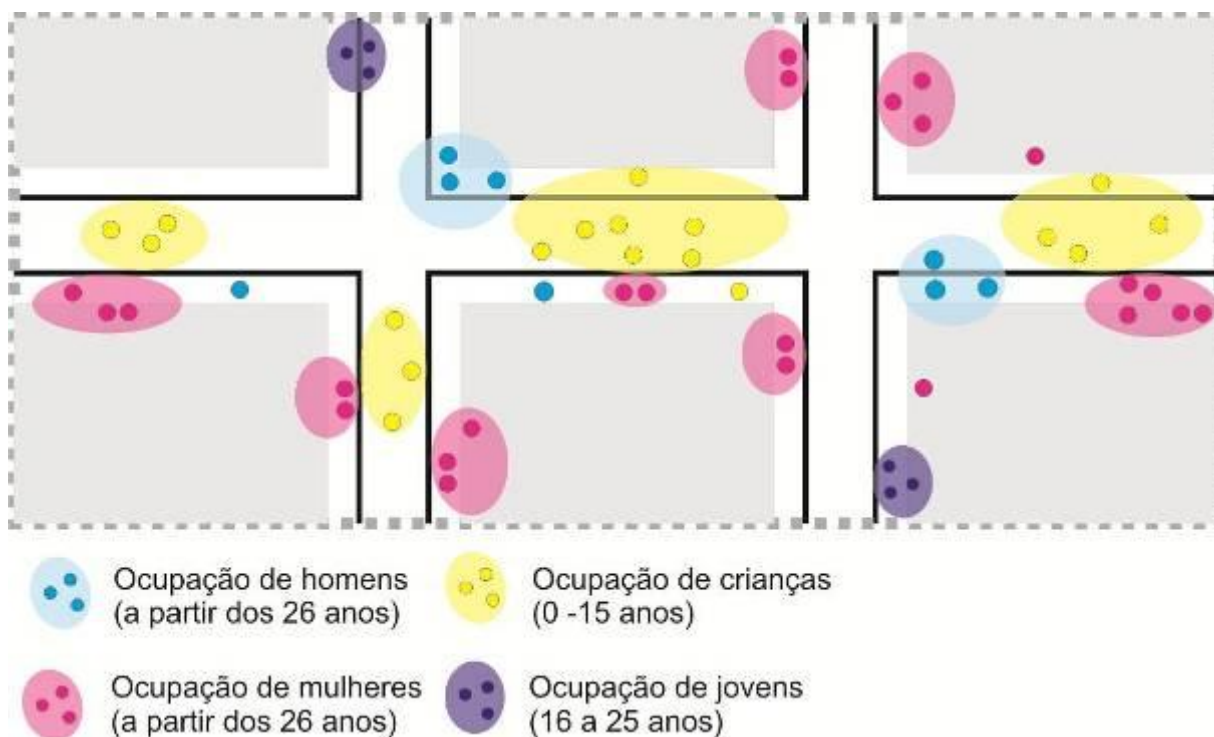
- Os homens se mostraram mais interessados em situarem-se nas esquinas, ou em bares ou nas calçadas das ruas onde moram, jogando dominó ou conversando e observando o movimento da rua. Dalí eles conseguem vigiar o fluxo das pessoas e a entrada de suas casas.
- As crianças e jovens até 15 anos interagem nas próprias vias, próximas de suas casas, brincando e jogando com mais espaço. As calçadas só são utilizadas quando passam veículos ou quando os pais exigem.
- Os idosos não se mostraram integradas com a dinâmica do local. Com algumas exceções, a maioria dos homens idosos ficam nas calçadas ou nos portões de suas casas, sozinhos. Já algumas mulheres idosas, se mostravam mais integradas às outras vizinhas em idade semelhante, se reunindo nas calçadas para conversarem e observar movimento da rua.

Quanto ao comportamento dos jovens entre 16 e 25 anos, este se mostrou bastante variável, havendo situações onde os mesmos se recolhiam em lugares não muito frequentados e em outras, onde eles priorizavam locais mais visíveis, de onde é possível observar melhor o fluxo de pedestres e veículos, e serem vistos. Este comportamento se mostrou mais recorrente nas áreas de Mustardinha e Bomba do Hemetério.

Neste último caso, identificou-se esta prioridade de localização como uma forma de controlar os pontos de consumo e venda de drogas ou armas, contudo não se pode generalizar este comportamento. Na Bomba do Hemetério, devido ao traçado irregular e as sinuosidades das vias, que provocam dificuldade de permeabilidade visual de estranhos, isso aparece mais claramente, inclusive na entrada para algumas escadarias. Porém, em Mustardinha visto a regularidade do traçado urbano e a maior permeabilidade visual, os jovens em risco social, não se expõem tão facilmente, ficando inseridos nas calçadas do meio dos quarteirões.

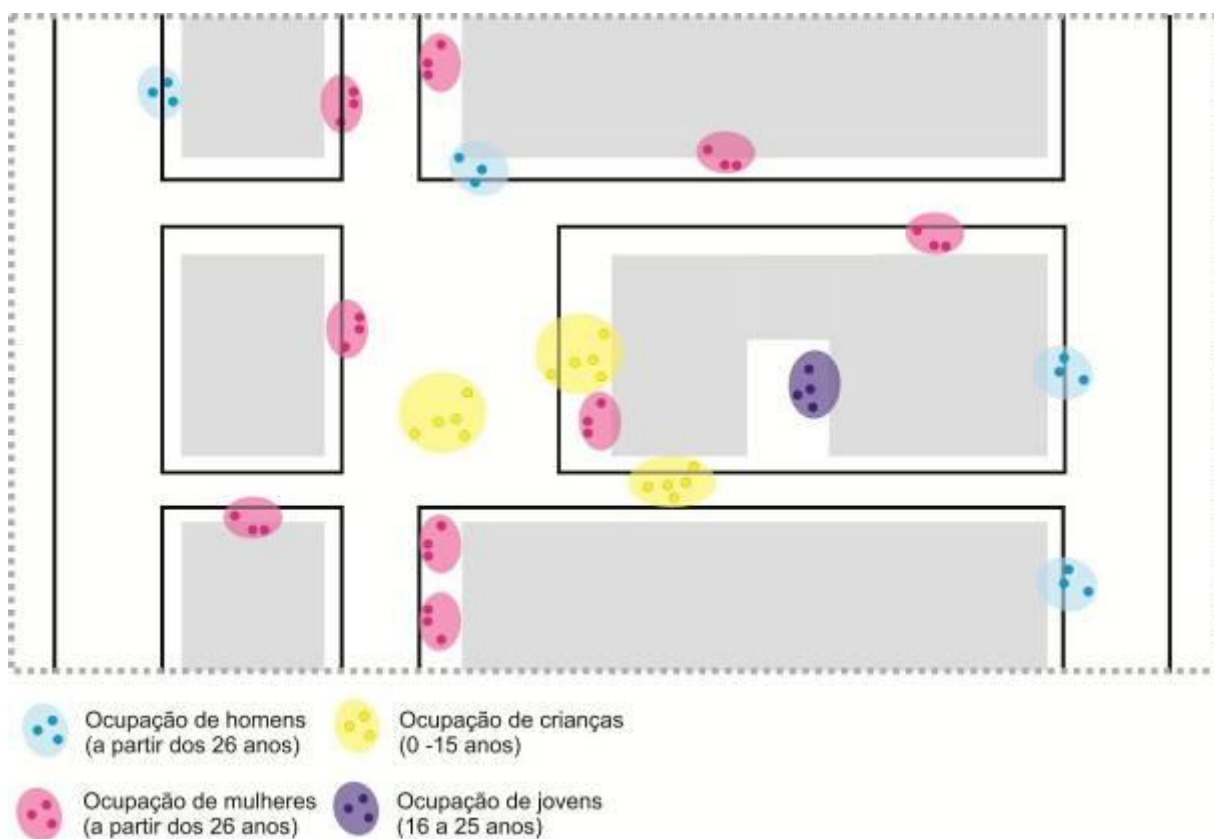
Nestas duas áreas, o comportamento das crianças também apresentou semelhanças quanto a preferência pela realização das brincadeiras e jogos na rua onde moram. Diferentemente das crianças da ZEIS de Aritana, estas se aventuram e experimentam mais a dinâmica do local onde moram, percorrendo vias próximas às suas casas e não só contíguas a estas.

Figura 105: Esquema preferências ambientais Mustardinha e Bomba do Hemetério



Fonte: a autora, 2012.

Figura 106: Esquema das preferências ambientais em Aritana.



Fonte: a autora, 2012.

• AS ATIVIDADES MAIS REALIZADAS

Entre as atividades mais realizadas estão conversar e observar o movimento da rua; comer ou beber com os amigos e dançar (TABELA 7). As duas primeiras acontecem nas calçadas principalmente, apresentando variações em espaços privados fechados. Já a atividade de dança é realizada em clubes fechados e sedes de agremiações.

Quanto à preferência de atividades por faixas etárias (GRÁFICOS 26 a 30), destaca-se que entre 0-15 anos, a realização de atividades ao ar livre, andar de bicicleta e as de interação social, como jogar bola e as brincadeiras populares variadas.

Entre os jovens de 16 a 25 anos, as atividades priorizadas são comer e beber com amigos, conversar e observar o movimento da rua. Estas atividades se repetiram para todas as faixas etárias, destacando-se o jogo de dominó, a dança e as apresentações musicais, entre 26 a 40 anos e os grupos de oração, entre as pessoas idosas.

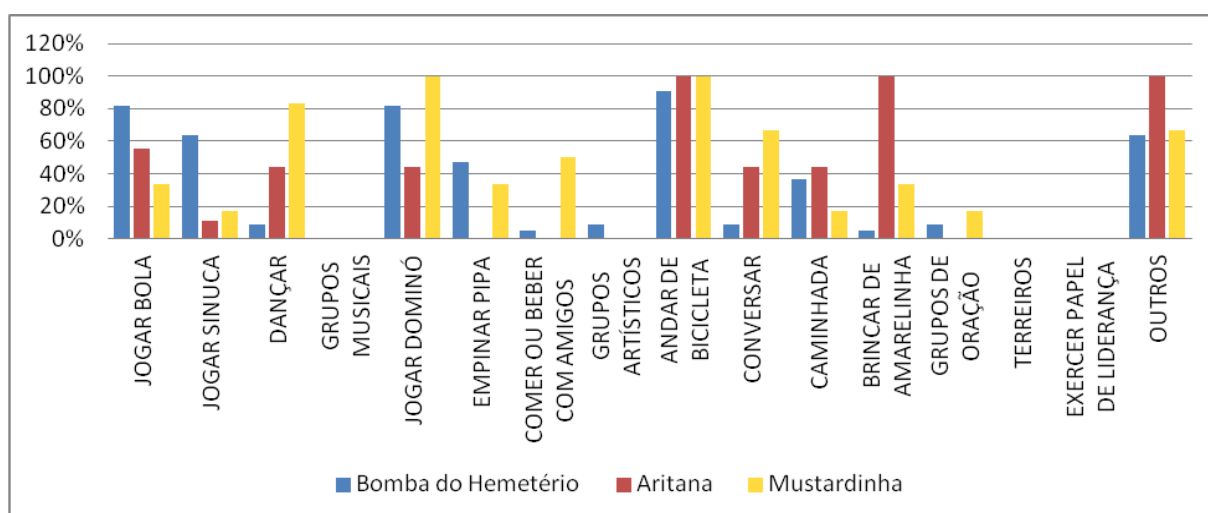
Tabela 7: Atividades mais realizadas pelos entrevistados nas três áreas.

ATIVIDADE	Nº. DE PESSOAS		BAIRRO BOMBA DO HEMETÉRIO (%)		ZEIS ARITANA (%)		ZEIS MUSTARDINHA (%)	
	TOTAL 111	%	TOTAL = 60		TOTAL=27		TOTAL=24	
CONVERSAR E OBSERVAR O MOVIMENTO DA RUA	68	61	31	52%	18	67%	19	79%
COMER OU BEBER COM OS AMIGOS	48	43	26	43,3%	9	33%	13	54%
CAMINHADA (EXERCÍCIOS FÍSICOS)	31	28	19	32%	8	30%	4	17%
DANÇAR	44	40	19	32%	14	51,85%	11	46%
ANDAR DE BICICLETA	31	28	18	30%	12	44%	1	4%
REUNIR-SE EM GRUPOS DE ORAÇÃO	33	30	17	28,3%	8	30%	8	33%
ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS MÚSICAIS	30	27	16	27%	9	33%	5	21%
JOGAR BOLA	23	21	15	25%	3	11%	5	21%
EMPINAR PIPA	15	13,5	13	22%	0	0%	2	8%
ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS ARTÍSTICOS	14	13	12	20%	1	4%	1	4%

JOGAR DOMINÓ, DAMA, BINGO OU CARTAS	33	30	12	20%	8	30%	13	54%
JOGAR SINUCA	12	11	8	13,3%	2	7%	2	8%
REUNIR-SE EM TERREIROS	5	4.5	4	6,7%	1	4%	0	0%
PAPEL DE LIDERAR / ACOMPANHAR GRUPOS	5	4.5	2	3,3%	3	11%	0	0%
JOGAR AMARELINHA	12	11	1	1,7%	9	33%	2	8%
OUTROS	39	35	20	33,3%	13	48%	6	25%

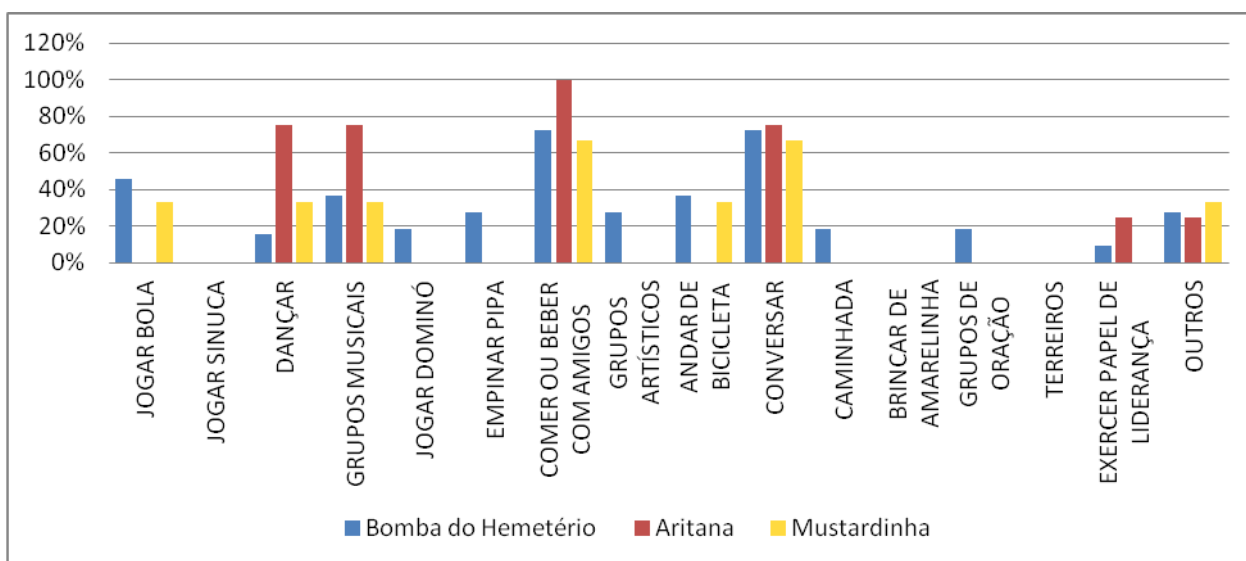
Fonte: a autora, 2012.

Gráfico 26: Atividades realizadas por entrevistados de 0 a 15 anos.



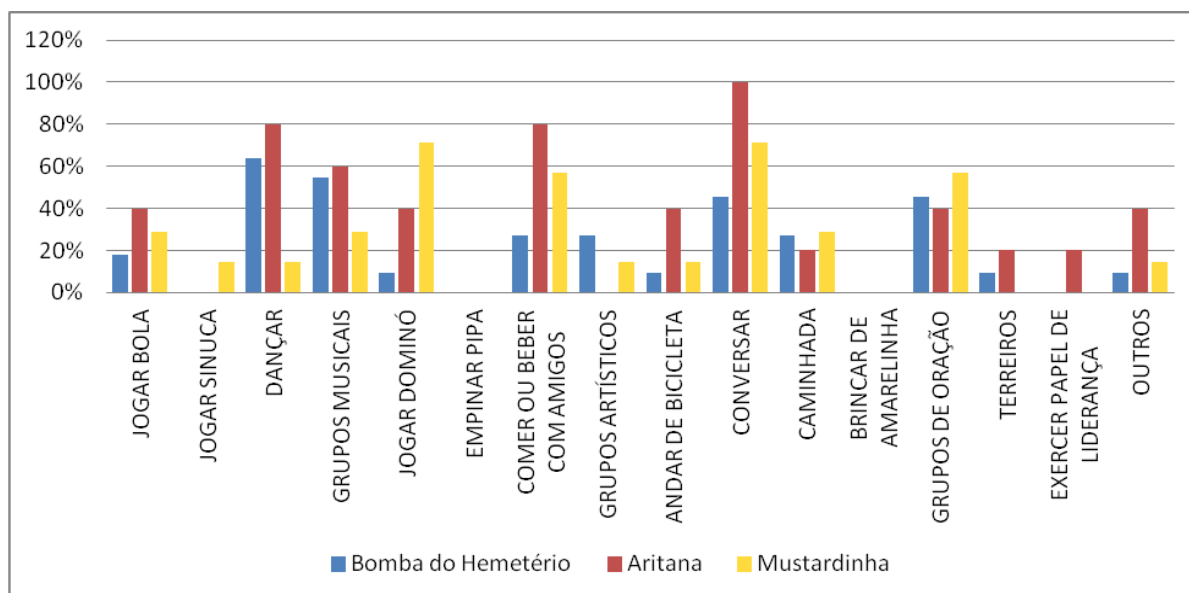
Fonte: entrevistas orais realizadas pela autora, 2012.

Gráfico 27: Atividades realizadas por entrevistados de 16 a 25 anos.



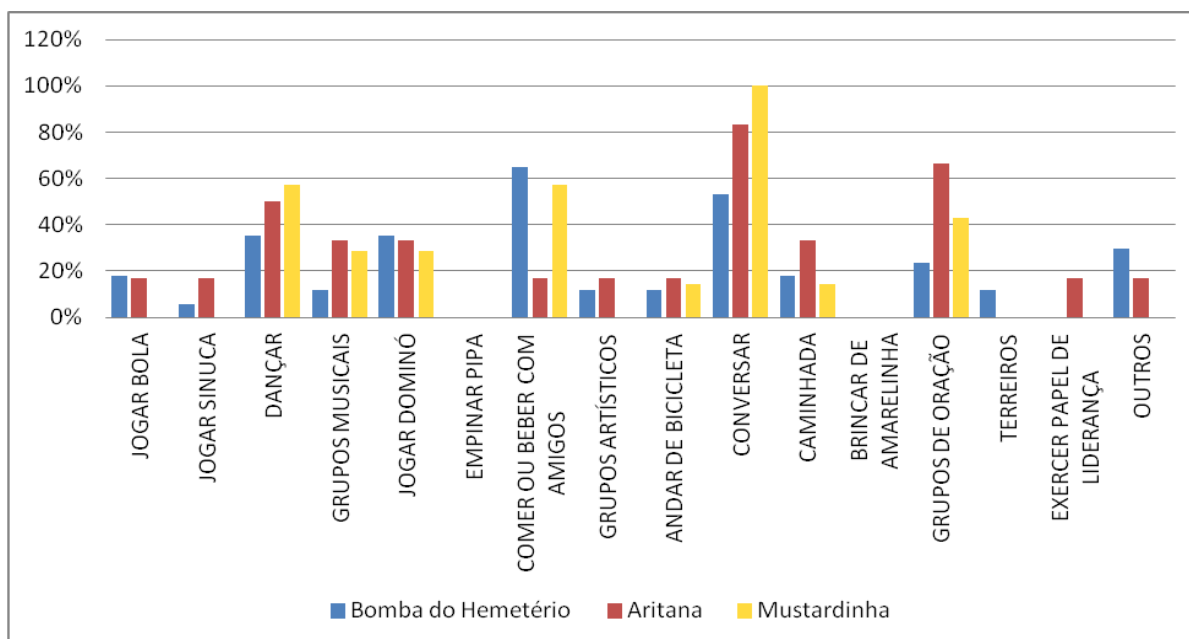
Fonte: entrevistas orais realizadas pela autora, 2012

Gráfico 28: Atividades realizadas por entrevistados de 26 a 40 anos.



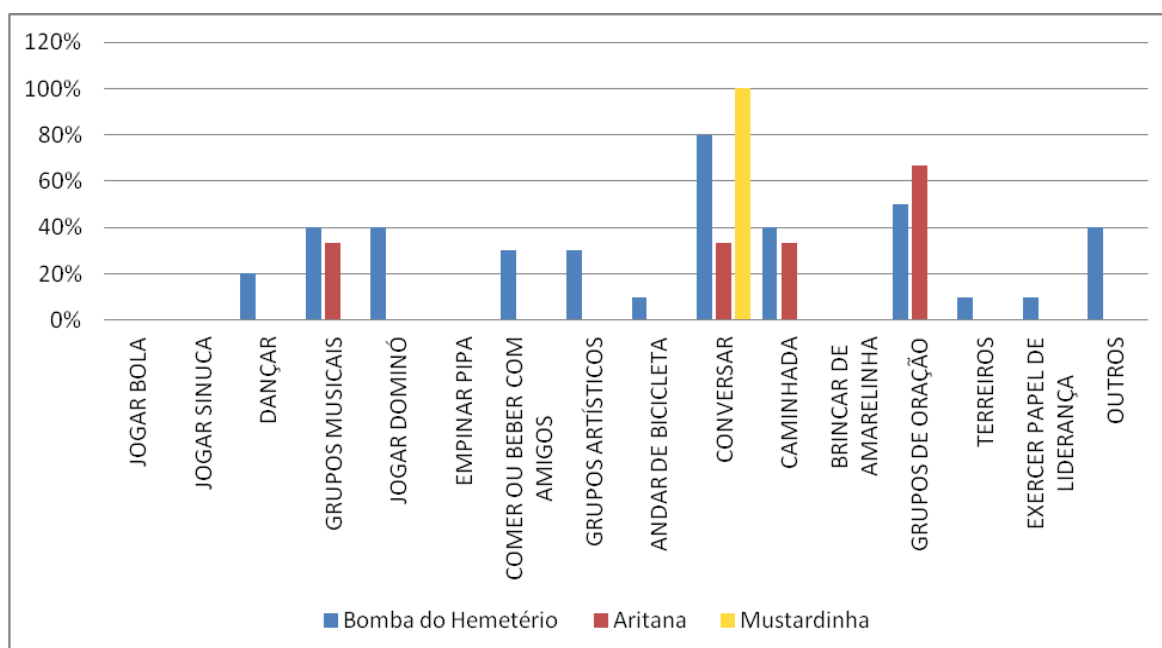
Fonte: entrevistas orais realizadas pela autora, 2012.

Gráfico 29: Atividades realizadas por entrevistados de 41 a 59 anos.



Fonte: entrevistas orais realizadas pela autora, 2012

Gráfico 30: Atividades realizadas por entrevistados a partir de 60 anos.



Fonte: entrevistas orais realizadas pela autora, 2012.

A síntese dos principais motivos de uso (pouco e não uso de áreas para atividades de lazer), denominados aqui de “preferências” ou “prioridades”, foi agrupada em categorias visto a semelhança nas repostas (QUADRO 9):

- a) *Segurança* (relacionada à observação das crianças pelos pais ou responsáveis): para realização das atividades das crianças foi priorizada a proximidade do local com suas casas.
- b) *Economia* (gastos para realização das atividades): a realização de eventos pela Prefeitura; a gratuidade de entradas em festas foi apontada como motivo para se assistir ou participar de apresentações artístico-musicais; no jogo de futebol, a possibilidade de se jogar descalço quando a rua não é pavimentada foi mencionada como um ponto importante para os que não possuem tênis; uso da iluminação natural ou pública para atividades nas calçadas.
- c) *Manutenção das relações sociais*: escolha de lugares onde haja fluxo permanente de vizinhos; onde se possa ficar juntos de amigos, vizinhos e familiares; eventos organizados pela comunidade; utilização de espaços que não incomodem outras pessoas; existência de torneios de dominó.
- d) *Manutenção das relações culturais*: tipos de música que toca no local; permanência de vínculos com agremiações culturais; existência de peças teatrais; existência de apresentações de grupos de maracatu.
- e) *Acesso ao local*: escolha de locais próximos às suas casas, para maioria das atividades.
- f) *Conforto Ambiental*: existência de sombreamento, arborização e ventilação natural para realização de atividades de jogos e interação entre vizinhos.
- g) *Aspectos construtivos*: pavimentação das ruas em bom estado de conservação (ausência de buracos, nivelamento); existência de campo ou quadra murado e coberto; existência de mobiliário adequado para prática de dominó (tábua); possuir um local fixo para a prática da atividade.
- h) *Configuração Física do local*: calçadas mais largas; a tranquilidade causada por pouco fluxo de veículos nas ruas. Fatores considerados nas atividades das crianças e jovens nas ruas.

- i) *Outros aspectos para desempenho da atividade:* ter local para sentar (para conversar e observar o movimento da rua); ter música ao vivo (para comer e beber com amigos); haver programação permanente em praça principal do bairro (para assistir ou participar de grupos musicais); não haver muitos fios elétricos nas ruas (para empinar pipa); poder rabiscar no chão e não ter que apagar o desenho da rua (para jogar amarelinha).

Quadro 9: Atividades de lazer realizadas x preferências ambientais dos usuários.

ATIVIDADES REALIZADAS – CRITÉRIOS ESTABELECIDOS	CONVERSAR E OBSERVAR O MOVIMENTO DA RUA	COMER OU BEBER COM OS AMIGOS	CAMINHADA (EXERCÍCIOS FÍSICOS)	DANÇAR	ANDAR DE BICICLETA	REUNIR-SE EM GRUPOS DE CRIAÇÃO	ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS MUSICAIS	JOGAR BOLA	EMPINAR PIPA	ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS ARTÍSTICOS	JOGAR DOMINÓ, DAMA, BINGO OU CARTAS	JOGAR AMARELINHA	OUTROS (BRINCADEIRAS POPULARES)
SEGURANÇA (FICAR SOB OBSERVAÇÃO DE RESPONSÁVEIS)					PROXIMIDADE DE SUA CASA			PROXIMIDADE DA CASA				PROXIMAS A CASAS	PROXIMIDADE A SUA CASA
ECONOMIA NOS GASTOS PARA REALIZAÇÃO							HAVER EVENTOS, PROMOVIDOS PELA PREFEITURA ENTRADA GRATUITA	PODER JOGAR DESGALÇO			USO DA CALÇADA PARA AUSÊNCIA DE GASTOS DE ENERGIA ELÉTRICA		
RELAÇÕES SOCIAIS	A PRESENÇA DE FLUXO DE VIZINHOS	FICAR JUNTOS DE AMIGOS, VIZINHOS E FAMILIARES		PREOCUPAÇÃO COM A OPINIÃO DE VIZINHOS AMIZADES NO LOCAL		ORGULHO DE SUA TERRELA APOIAR JOVENS EM RISCO SOCIAL	- HAVER EVENTOS ORGANIZADOS PELA COMUNIDADE - SER BEM FREQUENTADO	- PESSOAS CONHECIDAS REUNIDAS - USO DE LOCAIS QUE NÃO INCOMODAM NINGUÉM	- LOCAIS QUE NÃO INCOMODAM VIZINHOS		- ESTAR PROXIMO A VIZINHOS - EXISTÊNCIA DE TORNEIOS DE DOMINÓ		
RELAÇÕES CULTURAIS				TIPO DE MÚSICA TOCADA VÍNCULO COM AGREGAÇÕES CULTURAIS LOCAIS						HAVER PEÇAS TEATRAIS ASSISTIR GRUPOS TRADICIONAIS DE MARACATU			
ACESSO AO LOCAL		PRÓXIMO DE SUA CASA	PRÓXIMO A SUAS CASAS	PRÓXIMO DE SUA CASA		PRÓXIMO DE SUA CASA			PRÓXIMO DE SUA CASA	PRÓXIMO DE SUA CASA	PROXIMIDADE DE CASA		PRÓXIMO A SUAS CASAS
CONFORTO AMBIENTAL	LOCAL SOMBREADO, LOCAL ARBORIZADO E VENTILADO	ÁREAS DE SOMBREAMENTO									BOA VENTILAÇÃO E SOMBRA	ÁREAS DE SOMBREAMENTO	LOCAL SOMBREADO, ARBORIZADO E VENTILADO
ASPECTOS CONSTRUTIVOS		BOA ESTRUTURA FÍSICA	INFRAESTRUTURA EXISTENTE PAVIMENTAÇÃO ADEQUADA		ESTRUTURA FÍSICA ADEQUADA RUAS COM POUCOS BURACOS			- FALTA DE BURACOS NA VIA; - O CAMPO SER FECHADO, MURADO E COBERTO - VIAS SEM PAVIMENTAÇÃO			MOBILIÁRIO APROPRIADO (TÁBUA PARA JOGAR)	PISO MAIS NIVELADO PISO SER LISO LOCAL FIXO	
OUTROS ASPECTOS PARA DESEMPENHO DA ATIVIDADE	LOCAL PARA SENTAR-SE	TER MÚSICA AO VIVO					HAVER PROGRAMAÇÃO PERMANENTE NA PRAÇA PRINCIPAL DO BAIRRO		NÃO POSSUIR MUITOS FIOS ELÉTRICOS NAS RUAS		LOCAL FIXO	PODER RABISCAR NO CHÃO NÃO TER QUE APASAR O DESENHO DA RUA	
CONFIGURAÇÃO FÍSICA	CALÇADAS MAIS LARGAS		EXISTÊNCIA DE ESPAÇO LIVRE	TRANQUILIDADE NO LOCAL	ESPAÇOS AMPLOS POUCO FLUXO DE VEÍCULOS NAS RUAS			MEIOR TRÁFEGO NAS VIAS	MEIOR TRÁFEGO NAS VIAS		POUCO FLUXO DE VEÍCULOS NAS RUAS	POUCO FLUXO DE VEÍCULOS NAS RUAS	POUCO FLUXO DE VEÍCULOS NAS RUAS

Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2012.

Entre os lugares mais utilizados para as práticas recreacionais (QUADRO 10), destaca-se o uso da calçada e da rua, como principais locais da realização das atividades.

Quadro 10: Lugares mais utilizados para prática de atividades recreacionais.

ATIVIDADE	BAIRRO BOMBA DO HEMETÉRIO	ZEIS ARITANA	ZEIS MUSTARDINHA
CONVERSAR E OBSERVAR O MOVIMENTO DA RUA	CALÇADA DE SUA CASA OU DE VIZINHOS	CALÇADA DE SUA CASA OU DE VIZINHO	CALÇADA DE SUA CASA OU DE VIZINHO
COMER OU BEBER COM OS AMIGOS	CALÇADA DE SUA CASA BARZINHOS E RESTAURANTES DO BAIRRO	ÁREA EXTERNA DO PRÉDIO (CONJ.HABITACIONAL ARITANA)	CALÇADA DE SUA CASA OU DE VIZINHO, RESTAURANTE EM OUTRO BAIRRO
CAMINHADA (EXERCÍCIOS FÍSICOS)	RUA ONDE MORA PARQUES NO ENTORNO DA ÁREA (PARQUE DA JAQUEIRA)	AO REDOR DO PRÉDIO PRAIA NO ENTORNO DA ÁREA (BOA VIAGEM)	PELO BAIRRO ONDE MORA, PRAÇA DE OUTRO BAIRRO (SAN MARTIM)
DANÇAR	CLUBES FECHADOS DO BAIRRO E ENTORNO	EM CASA OU NA CASA DE VIZINHOS PÁTIO SÃO PEDRO	EM SUAS CASAS OU NA DE VIZINHOS, EM CLUBES DE DANÇA DO BAIRRO
ANDAR DE BICICLETA	RUA ONDE MORAM PARQUES NO ENTORNO DA ÁREA (PARQUE DA JAQUEIRA)	AO REDOR DO PRÉDIO	RUA ONDE MORAM
REUNIR-SE EM GRUPOS DE ORAÇÃO	IGREJA EVANGÉLICA DO BAIRRO	IGREJA EVANGÉLICA DO BAIRRO	IGREJA EVANGÉLICA DO BAIRRO
ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS MUSICAIS	PRAÇA PRINCIPAL DO BAIRRO (PÇA.CASTRO ALVES)	IGREJA EVANGÉLICA DO BAIRRO PATIO SÃO PEDRO	NA RUA ONDE MORA, NA PRAÇA DO BAIRRO (PÇA.DO ABC), CLUBE DO BAIRRO, CLUBE EM OUTROS BAIRROS
JOGAR BOLA	ESCOLAS PÚBLICAS NO BAIRRO RUA ONDE MORA	CLUBES EM OUTRAS COMUNIDADES	QUADRA NO BAIRRO (CSU), ESCOLA PÚBLICA NO BAIRRO, CAMPO EM OUTROS BAIRROS (AFOGADOS, MANGUEIRA)
EMPINAR PIPA	RUA ONDE MORA	-	RUA ONDE MORA
ASSISTIR OU PARTICIPAR DE GRUPOS ARTÍSTICOS	ENTORNO DAS SEDES DE AGREMIações CULTURAIS PRAÇA CASTRO ALVES	NA IGREJA EVANGÉLICA DO BAIRRO	PRAÇA DO BAIRRO (PRAÇA DO ABC)
JOGAR DOMINÓ, DAMA,	CALÇADA DA RUA ONDE	CALÇADA DA RUA ONDE	CALÇADA DE SUA

BINGO OU CARTAS	MORAM	MORAM MARGEM DO CANAL LINDEIRO À SUAS CASAS	CASA OU DE VIZINHOS ESQUINA DA RUA ONDE MORA
JOGAR SINUCA	BAR EM BAIRRO VIZINHO PRAÇA EM BAIRRO VIZINHO	BAR EM BAIRRO VIZINHO	BAR EM RUA ONDE MORA
JOGAR AMARELINHA	CALÇADA PRÓXIMA SUA CASA	EM FRENTE SUAS CASAS (EM FRENTE AO PRÉDIO DO CONJUNTO HABITACIONAL)	CALÇADA DE SUA CASA ESCOLA ONDE ESTUDA
OUTROS (DENTRO DA ÁREA) (DIVERSAS BRINCADEIRAS POPULARES DE CRIANÇAS, JOGAR VOLLEYBALL E QUEIMADA, TOMAR BANHO DE PISCINA, IR À ACADEMIA, FREQUENTAR GRUPOS DE APOIO SOCIAL- PSICOLÓGICO, ASSISTIR TV SOZINHO, JOGAR VIDEOGAME ETC)	RUAS PRÓXIMAS À CASA	EM FRENTE SUA CASA (EM FRENTE AO CONJUNTO HABITACIONAL)	RUAS PRÓXIMAS À CASA

Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2012.

3.2. ESCALA 02 – ESPAÇOS DE LAZER DO ENTORNO

Cada área analisada possui suas peculiaridades quanto à apropriação dos espaços livres coletivos:

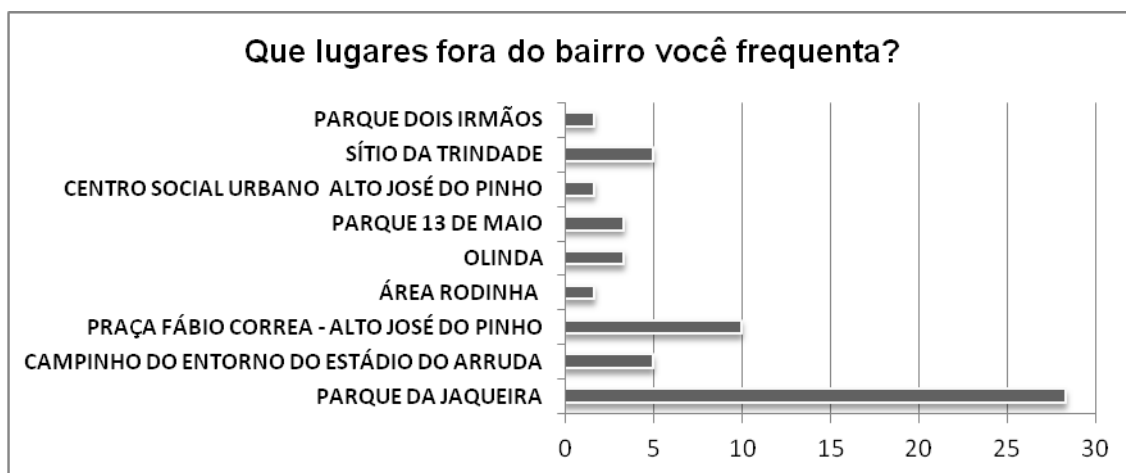
3.2.1. Bairro Bomba do Hemetério e o entorno

A Bomba do Hemetério, situada numa Zona de morros, apresenta diferença na paisagem urbana e um tipo de espaço livre coletivo diferente das duas áreas, a escadaria. As formas de apropriação e atividades que mais se destacaram são fruto da influência da cultura afrobrasileira, na música, arte e religião.

O bairro e seu entorno, composto pelos bairros de Água Fria, Alto José do Pinho, Alto Santa Terezinha, Alto Pascoal e Morro da Conceição, são celeiros da cultura popular da cidade. As ruas e calçadas são os principais espaços onde a manifestação da expressão artística-musical dessas comunidades se evidencia, seja através dos ensaios ou das apresentações das tantas agremiações e clubes de maracatus, afoxés, samba etc, que segundo relatos de organizadores dos mesmos, isto ocorre devido à falta de espaço físico adequado e à dificuldade de captação de verbas e apoio do poder público.

Entre os lugares fora do bairro mais frequentados, destacou-se através das respostas dos entrevistados (GRÁFICO 31), o Parque da Jaqueira. Este abriga principalmente atividades relacionadas a exercícios físicos, como fazer caminhada e andar de bicicleta.

Gráfico 31: Outros lugares utilizados fora do bairro Bomba do Hemetério.



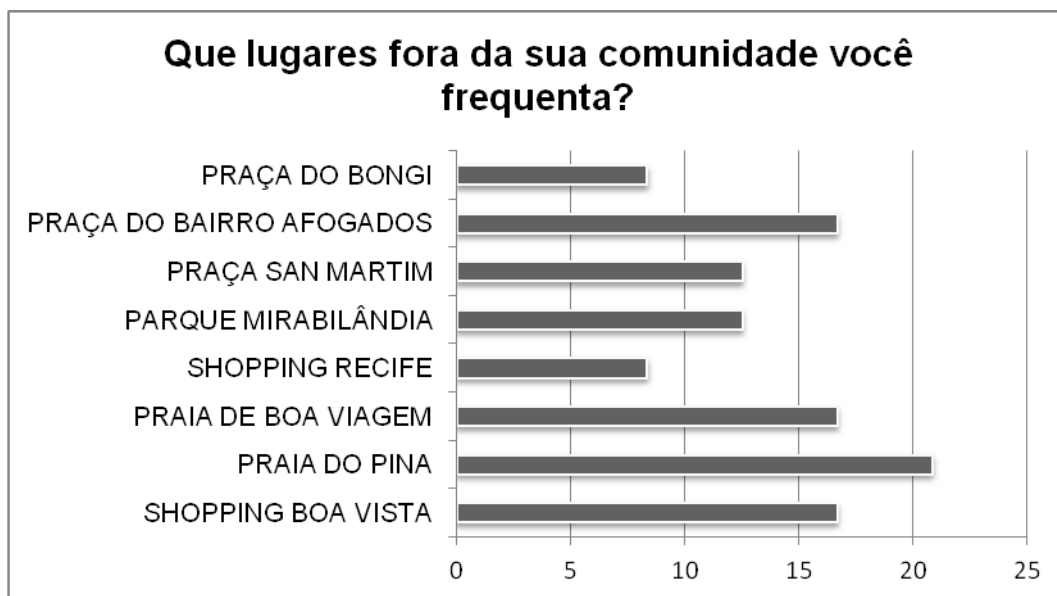
Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2011.

3.2.2. Zeis Mustardinha e o entorno

Em Mustardinha o terreno é plano e as vias mais contínuas, sem muitas conectividades, onde se encontram áreas mais homogêneas quanto às formas de ocupação. Localizada numa zona mais intermediária da cidade, que nem é tão próxima aos morros e nem à zona litorânea, os moradores se relacionam com os bairros vizinhos, no que concerne a principalmente, relações comerciais. Uma possibilidade para isto é o fato de ter feito parte de um antigo engenho da cidade.

De acordo com o GRÁFICO 32, os lugares mais frequentados foram os Shopping Boa Vista; Shopping Recife; Praia de Boa Viagem; Praia do Pina. Na área do entorno próximo, destacaram-se a Praça San Martim. Além disso, o bairro de Afogados foi mencionado pelos entrevistados como local para se fazer compras e utilizar o espaços públicos.

Gráfico 32: Outros lugares utilizados fora da ZEIS Mustardinha.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 2012.

3.2.3. Zeis Aritana e o entorno

Em Aritana, visto sua proximidade com o mangue de um lado e áreas verticalizadas do outro, há uma configuração mais adensada, onde os moradores não convivem muito com os outros moradores do bairro, utilizando os próprios espaços da ZEIS.

Os locais onde o lazer de entorno é mais praticado são o Shopping Recife e a Praia de Boa Viagem (GRÁFICO 33). O primeiro, frequentado principalmente pelas mulheres entrevistadas, de diversas faixas etárias, em sua maioria, acompanhadas de parentes ou vizinhas. O que mais chamou a atenção foi a frequência com que estas atividades são realizadas, de até três vezes por semana.

“vou para o shopping quase toda tarde, às vezes não tô com dinheiro, mas vou me divertir olhar as coisas...levar sobrinha para brincar” (M.J.S., 54 anos, aposentada, moradora do conjunto habitacional).

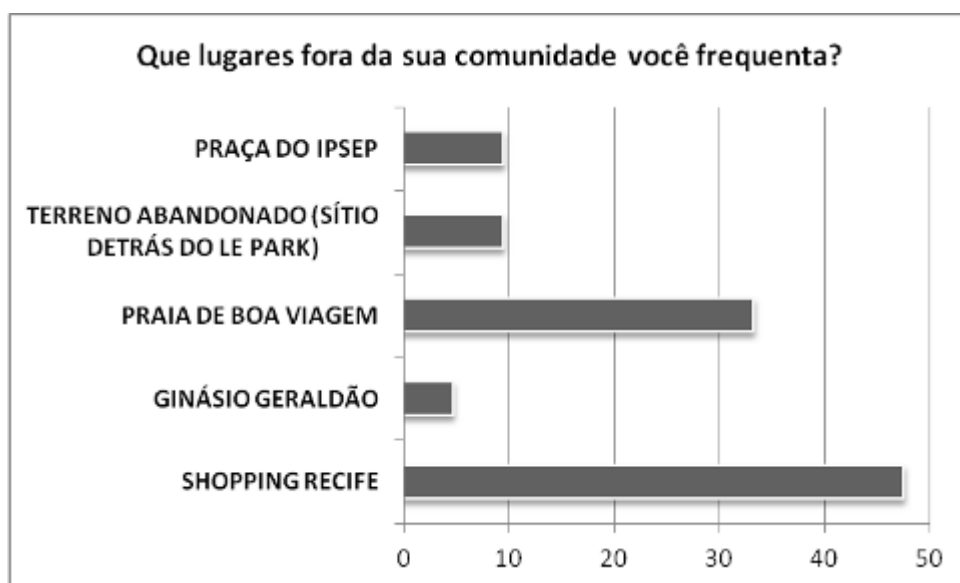
“ vou ao shopping...comprar ou caminhar, olhar vitrine...vou cerca de 3 vezes na semana, pois é próximo de casa e em 15 minutos caminhando, chego” (moradora do conjunto habitacional, 34 anos).

Algumas possibilidades aparecem da constatação do uso frequente da praia de Boa Viagem e do Shopping Recife como espaços de recreação e sociabilização: uma opção se dá em detrimento da inserção da mesma numa área de grande crescimento econômico, onde frequentar estes lugares pode estar relacionada a um desejo de *status* social mais elevado; a

outra, e complementar a esta, é o fato desta ZEIS ser mais nova do que as outras duas áreas estudadas, não possuindo tanta influência no seu cotidiano, as práticas culturais e sociais.

Alguns lugares próximos da comunidade também são utilizados como local de recreação infantil como a Praça do IPSEP. Já para a prática de esportes, usam o Ginásio Geraldão e um terreno abandonado, conhecido entre os moradores como “o sítio”, onde eles conservam um campo de futebol.

Gráfico 33: Outros Lugares utilizados fora da ZEIS Aritana.



Fonte: entrevistas semiestruturadas realizadas pela autora, 20

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A busca pelo uso de instrumentos de pesquisa que apontem novos caminhos de investigação da interação homem e meio ambiente deve ser contínua no campo da arquitetura e urbanismo, a fim de estimular uma aproximação entre a visão do pesquisador e a dos usuários, na construção de ambientes mais próximos da realidade vivenciada. Assim, através da abordagem experiencial (ALCANTARA et al, 2006, RHEINGANTZ et al, 2009) foi possível experimentar uma nova postura de observação, a qual permitiu revelar nas áreas pobres da cidade do Recife, espaços com um cotidiano de recreação diferenciado dos outros locais da cidade. A identificação de aspectos qualitativos vinculados às capacidades sensoriais do pesquisador foi proporcionada pelo aporte teórico e pesquisa de campo.

A utilização da observação incorporada foi muito importante para o reconhecimento inicial das áreas de análise, saindo da rotina das preocupações com aspectos quantitativos e estendendo o olhar aos aspectos qualitativos, explorando os sentidos e registrando não apenas um levantamento quanto aos espaços de lazer, mas uma experimentação do espaço. Assim como, a realização do *walkthrough* com os líderes comunitários, que apontaram além das possíveis atividades de lazer e espaços mais utilizados pelos moradores, as diferentes importâncias atribuídas aos espaços livres coletivos e ao local em que se vive.

A identificação dessas diferenças naturalmente vivenciadas pelos moradores podem contribuir futuramente a construção de categorias de análise, inclusive para outras áreas de investigação, as quais foram consideradas: a) *áreas de importância histórica* (ex.: os largos); b) *áreas de importância para eventos* (ex.: os largos, clubes e ruas principais); c) *áreas de importância afetiva/importância cultural* (ex.: casas de moradores antigos; áreas contempladas com projetos urbanísticos conquistados pela organização comunitária; pracinhas cuidadas por moradores; equipamentos sociais); d) *áreas de importância recreativa* (como largos, pracinhas, margens de canais, calçadas de vias principais, clubes); e) *áreas de importância social* (ex.: escolas públicas, associações comunitárias etc). Além destas, foram ainda apontadas relações dicotômicas como: *áreas nobres* (ruas de traçado regular, com moradores de melhores condições econômicas) x *áreas carentes* (ruas com mais irregularidades urbanísticas e moradores em piores situações econômicas); *áreas tranquilas* (ruas sem muita movimentação de pessoas) x *áreas mais dinâmicas* (ruas com maior quantidade de pessoas). Aspectos negativos, como degradação de algumas áreas

também foram apontadas, como áreas públicas privatizadas, margens de canal poluído e inseguras.

Nas áreas pobres analisadas, ZEIS Mustardinha, ZEIS Aritana e bairro Bomba do Hemetério, observaram-se alguns dos processos de privatização dos espaços livres coletivos, como a expansão de atividades comerciais, colocação de toldos e cadeiras nas ruas e calçadas. Estes são vistos com preocupação por Serpa (2009), pois estrangulam percursos, restringindo o movimento de pedestres, que cedem seu lugar nas calçadas. Contudo, apesar dos impactos negativos desta profusão de maneiras de apropriação do espaço urbano, também foi possível observar nesses espaços, fenômenos urbanos peculiares, entre os quais destacaram-se a realização de feiras de frutas e verduras; a organização de festividades de Carnaval e São João, além de desfiles e ensaios de agremiações; e as brincadeiras populares entre as crianças. Compreendidos como manifestação do uso coletivo, estas atividades indicam a importância da manutenção e valorização destes espaços nos projetos de urbanização, a fim de não deixar perder costumes que preservam as manifestações culturais da maioria da população da cidade.

Nos espaços de lazer de vizinhança foi possível identificar a utilização do entorno das moradias como local preferencial de recreação cotidiana, mostrando a importância de se dotar as áreas pobres de espaço livres coletivos, mesmo com todas as precariedades presentes, quanto à aspectos funcionais, ambientais e urbanísticos; estes se mostraram também locais próximos às casas, sombreados, dotados de arborização, mobiliários para sentar-se e poder reunir-se com vizinhos etc. Estas qualidades ambientais, tão buscadas entre os usuários destes espaços, se encontram também nos *pocket-parks*, pequenos parques instalados em sobras de terrenos urbanos em New York que chamam a atenção, atualmente dos arquitetos e urbanistas pela sua função como local que serve para as pessoas se reunirem, relaxarem e desfrutarem do ar livre.

Com essa mesma escala, alguns lugares possuem papel de **pólo gerador de tráfego local**, ou seja, atraem fluxos de moradores que aí se encontram, possibilitando a convivência e recreação entre eles. Pode-se considerar como tais os equipamentos públicos (escolas, creches, postos de saúde), os pontos comerciais ou de prestação de serviços (salão de beleza, barzinhos, padarias), agremiações e clubes de dança, espaços esportivos etc.

Entende-se que definir quais são estes pólos para cada área estudada, pode ser uma premissa de intervenção urbana, como por exemplo, em frente a estes espaços haver uma calçada mais larga e arborizada. Esse tipo de identificação varia de acordo com cada área, pois está relacionado a aspectos como evolução urbana local, aspectos históricos e afetivos e principalmente, ao estilo de vida da comunidade analisada. Destaca-se o papel de dois usos institucionais, como agentes fomentadores de atividades de lazer nas áreas pobres, a escola pública e a igreja.

As escolas abrigam práticas esportivas e apresentações de eventos artísticos das pessoas que moram próximas, pois apesar de ser um local fechado, nos períodos não letivos, mostram-se como espaço de recreação, tornando-se importante o gerenciamento público destes espaços, sob a perspectiva do importante papel social que realizam. As igrejas, principalmente a evangélica, é bastante atuante nas três áreas de pesquisa, mostrando-se agentes decisivos nas programações de recreação. Contudo, os efeitos desta relação é um ponto a ser investigado por futuras pesquisas.

Somados aos resultados da pesquisa de campo, que revelaram os tipos de espaços livres coletivos mais utilizados para recreação dos moradores (como as ruas e calçadas) e as atividades mais expressivas de lazer cotidiano mais realizadas (como conversar e observar movimento da rua), a análise morfológica permitiu aprofundar a busca por motivos do uso desses, através da análise da relação dos componentes físicos e sociais, de aspectos funcionais, ambientais/paisagísticos e urbanísticos.

As preferências ambientais quanto às formas de apropriação dos espaços livres coletivos pelos subgrupos, considerados nas diferentes faixas etárias e sexo, se referem a ligação das mulheres com os espaços de interface entre o público e o privado, ficando nas calçadas em frente suas casas, como uma maneira de conciliar o controle das casas, dos filhos e a conversa com os vizinhos; a preocupação dos homens em controlar o fluxo das pessoas e a entrada de suas casas, preferindo as esquinas; a utilização das ruas próximas de suas casas, pelas crianças que realizam atividades ao ar livre; o uso das calçadas pelos idosos e o uso de das esquinas pelos jovens (entre 16 e 25 anos).

A identificação das preferências ambientais dos usuários quanto aos fatores de escolha de determinados lugares em detrimento a outros, para realização das atividades de lazer foram:

segurança; economia (gastos para realização das atividades); manutenção das relações sociais; manutenção das relações culturais; acesso ao local; conforto ambiental; aspectos construtivos; configuração física do local; entre outros aspectos para desempenho da atividade.

Quanto aos **espaços de lazer do entorno** foram apontados locais que refletem a demanda geral dos entrevistados quanto à espaços esportivos para jovens e espaços de recreação para crianças. Observou-se que nos três estudos casos, mesmo com situações socioeconômicas próximas, a influência da localização diferente na cidade, fruto da evolução urbana e fatores socioculturais, nos aspectos de lazer do entorno das áreas pobres. A busca por locais como o Shopping Recife e a Praia de Boa viagem (ZEIS Aritana); o Parque da Jaqueira (bairro da Bomba do Hemetério); a Praia do Pina e o Shopping Boa vista (ZEIS Mustadinha), podem refletir entre outros motivos: a) localização próxima à áreas litorânea, à equipamentos comerciais de grande porte; àres verdes de grandes proporções; b) locais mais estruturados dos que os existentes nas áreas de moradia e c) uma forma de aproximação do estilo de vida de moradores de áreas mais ricas. Contudo, estes podem ser explorados em investigações futuras, através de colaborações de profissionais das áreas de ciências sociais.

Nesta busca pela compreensão dos critérios de seleção dos ambientes urbanos, em detrimento de outros, acredita-se que esta dissertação tem conteúdos suficientes para apoiar as pesquisas projetuais dos planejadores e dos designers urbanos relativamente tanto à ênfase na importância da qualidade dos espaços públicos (como ruas e calçadas) quanto em relação à escolha de implantação das áreas de lazer cotidiano e de entorno próximo e no que respeita à concepção espacial dessas áreas em bairros e outras localidades de menor porte existentes nas estruturas das cidades.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMO, Pedro. A Teoria econômica da favela: quatro notas sobre a localização residencial dos pobres e o mercado imobiliário informal. In: ABRAMO, Pedro.(org.): **A cidade da informalidade: o desafio das cidades-latino-americanas**. Rio de Janeiro: Sette Letras/FAPERJ, 2003.P.189-223.
- ALBERNAZ, P. Reflexões sobre o espaço público atual. In: LIMA, Evelyn F. W; MALEQUE, Miria R. (Orgs): **Espaços e Cidades - Conceitos e Leituras**. Rio de Janeiro: Ed. Sete Letras, 2004.p.42-56.
- ALCANTARA, D; BARBOSA, A; RHEINGANTZ, P. A. **Percursos à deriva na investigação do lugar: o caso do Corredor Cultural, Rio de Janeiro**. Anais do NUTAU 2006 – São Paulo: USP, 2006.
- ALCANTARA, Denise de. **Abordagem experiencial e Revitalização de Centros Históricos: os casos do Corredor Cultural no Rio de Janeiro e do Gaslamp Quarter em San Diego**/ Denise de Alcântara – Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2008. 288p.Tese (Doutorado) – UFRJ/PROARQ/Programa de Pós-Graduação em Arquitetura, 2008.
- ALHEIROS, M. M. *et al.* **Manual de ocupação dos morros da Região Metropolitana do Recife**. Fundação de Desenvolvimento Municipal – FIDEM, Recife: Ensol, 2004.
- ARENDT, H. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003. [originalmente publicado em 1958]
- BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1995. [originalmente publicado em 1977]
- BERTHOZ, A. *Espace perçu, espace vécu, espace conçu*. In : Berthoz et Retch. **Les espaces de l'Homme**. Paris: Odile Jacob, 2005, p. 127-160.
- BITOUN, Jan. O que revelam os Índices de Desenvolvimento Humano. In: RECIFE. Prefeitura *et al.* **Atlas de Desenvolvimento Humano no Recife**: atlas municipal. Recife: Observatório PE, 2005. CD-Rom.
- BRITTO LEITE, M.J. GONÇALVES, G.M. O espaço como investigação da arquitetura. In: Zein, R. V (org). *Projeto como investigação: ontologia*. São Paulo: Alter Market, 2009.
- CORRÊA, Roberto Lobato - **O Espaço Urbano**, 3ªedição, São Paulo, Editora Ática, 1995.
- DAMÁSIO, Antônio. **O mistério da consciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DEL RIO, Vicente. **Introdução ao desenho urbano no processo de planejamento**. São Paulo: Pini, 1991.

GOMES, Paulo Cesar da Costa. **A condição urbana: Ensaio de geopolítica da cidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

HABERMAS, Jürgen. **Mudança Estrutural da Esfera Pública**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1983. [originalmente publicado em 1962].

JACOBS, Janes. **Morte e vida de Grandes Cidades**. 3ª.Ed. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011. [originalmente publicado em 1961].

LAY, M. C. D.; REIS, A. T. da L. **O papel de espaços livres comunitários na avaliação de desempenho de conjuntos habitacionais**. Associação Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, Porto Alegre, v.2, n.3, p. 25-39, jul./ set. 2002.

LEFÈBVRE, Henri. **The Production of Space**. Oxford: Blackwell Publishers, 1991. [originalmente publicado em 1974].

LIMA, Dália Maria Maia Cavalcanti de. **O espaço de todos, cada um no seu lugar: o uso dos espaços públicos destinados ao lazer em Natal** / Dália Maria Maia Cavalcanti de Lima. Natal, RN. 2006, 250 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais.

LYNCH, Kevin. **A imagem da cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1997. [originalmente publicado em 1960]

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: As bases biológicas da compreensão humana**. São Paulo: Palas Athenas, 2001.

MALARD, M.L. Et al. **Avaliação Pós-Ocupação, participação de usuários e melhoria de qualidade de projetos habitacionais: uma abordagem fenomenológica com o apoio do Estúdio Virtual de Arquitetura - EVA**. Relatório Final - EAUFMG/FINEP, janeiro de 2002.

MAGNOLI, Miranda Martinelli. Espaço livre - objeto de trabalho. In: **Paisagem ambiente**, São Paulo, n. 21, 2006. <Disponível em http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-60982006000100015&lng=pt&nrm=iso>. acessado em 01 jul. 2011.

MIRANDA, Lívia. Desenvolvimento Humano e Habitação no Recife. In: RECIFE. Prefeitura *et al.* **Atlas de Desenvolvimento Humano no Recife**: atlas municipal. Recife: Observatório PE, 2005. CD-Rom.

MONTEIRO, C. M. G.; PUTTINI, A. C. **Spatial Profiles of Urban Crimes - The Role of Morphology in a Context of Social Inequality**. In: 7th International Space Syntax Symposium, 2009, Stockholm. v. 01, 2009.

NORBERG-SCHULZ, C. **Genius loci: towards a phenomenology of architecture**. New York: Rizzoli, 1980.

PRINZ, Dieter. **Urbanismo I: projecto urbano**. Lisboa: Editora Presença, 1980.

RAPOPORT, Amos. **Vivienda y cultura**. Barcelona: Gustavo Gili, 1972.

_____. **Aspectos humanos de la forma urbana – hacia una confrontación de las Ciencias Sociales con el diseño de la forma urbana**. Barcelona: Gustavo Gili, 1978.

RHEINGANTZ, P.A. et al. **Observando a qualidade do lugar: procedimentos para a avaliação pós-ocupação**/ Paulo Afonso Rheingantz [et al]. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Pós-Graduação em Arquitetura, 2009. 117p.

ROLNIK, R. O lazer humaniza o espaço urbano. In: SESC SP. (Org.). **Lazer numa sociedade globalizada**. São Paulo: SESC São Paulo/World Leisure, 2000.

SANTOS, C.N.F.N. dos. **Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro**. São Paulo, Projeto, 1985.

SCHLEE, Mônica Bahia et al. Sistema de espaços livres nas cidades brasileiras: um debate conceitual. **Paisagem ambiente**, São Paulo, n. 26, 2009. Disponível em <http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-60982009000100012&lng=pt&nrm=iso>. acessado em 01 jul. 2011.

SCHOENAUER, Norbert. **6000 Anos de Habitat**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, S.A., 1984.

SERPA, Ângelo. **O espaço público na cidade contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2009.

SOUZA, Maria Ângela. Política habitacional para os excluídos: o caso da Região Metropolitana do Recife. In: **Habitação social nas metrópoles brasileiras: uma avaliação das**

políticas habitacionais em Belém, Belo Horizonte, Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro e São Paulo no final do século XX / Organizador Adauto Lucio Cardoso — Porto Alegre: ANTAC, 2007. — (Coleção Habitare) 552 p.

THOMPSON, Evan. **Human consciousness: From intersubjectivity to interbeing**, 2005. Disponível em: <<http://www.york.ca/evant>>.

TUAN, Yi-Fu. **Topofilia**. São Paulo: Difel, 1980.

VARELA, Francisco; THOMPSON, Evan; ROSCH, Eleanor. **A mente incorporada: ciências cognitivas e experiência humana**. Porto Alegre: Artmed, 2003. (Editado originalmente em 1991).

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Porto Alegre: Bookman, 2005.